



Universidade do Porto

Faculdade de Desporto

Relatório Final do Estágio Profissional

Relatório de Estágio Profissional apresentado com vista à obtenção do 2º ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário (Decreto-lei nº 74/2006 de 24 de Março e o Decreto-lei nº 43/2007 de 22 de Fevereiro)

Orientador: Professor José Guilherme Oliveira

João Soares da Silva

Porto, Julho de 2011

Ficha de Catalogação

Silva, J. (2011). *Relatório Final do Estágio Profissional*. Porto: J. Silva. Relatório Final do Estágio Profissional para a obtenção do grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, apresentado à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Agradecimentos

A elaboração de todo este trabalho só foi possível devido ao auxílio de algumas pessoas, às quais pretendo agradecer e por isso dedico este documento!

Ao Mestre José Guilherme, que esteve sempre presente quando foi necessário e que, com o seu pragmatismo e as suas “histórias reais”, me orientou e guiou com toda a mestria.

Ao Professor Cooperante Francisco Fernandes, a quem devo agradecer muito, pela exigência e responsabilidade que colocou sobre mim e que me fez crescer.

Aos meus colegas de Faculdade e sobretudo amigos, Quim Zé, Padrinho, Marco, Barros e Vidrago, pelas experiências e vivências partilhadas, na procura de conhecimento.

À turma do 8ºD, da Escola Secundária com 3º Ciclo de Oliveira do Douro, que foram uns alunos fenomenais e que tenho a certeza, nunca vou esquecer.

À Catarina, por toda a paciência que teve comigo, e que conseguiu aturar todo meu mau feitio ao longo deste ano. Sei que por vezes o trabalho veio em primeiro lugar, mas nem por isso deixei de pensar em ti!

E como se costuma dizer, os últimos são os primeiros, por isso tenho que agradecer à minha família, principalmente aos meus Pais, que me proporcionaram esta experiência tão enriquecedora.

Índice Geral

Agradecimentos	III
Resumo	XI
Abstract	XIII
Abreviaturas	XV
1.Introdução	1
2.Enquadramento Biográfico	7
2.1) Reflexão o Autobiográfica	9
2.1.1) Quem sou?	9
2.1.2) O Desporto é a minha vida	10
2.1.3) Faculdade, a 2ª opção...	11
2.2) Expectativas em relação ao Estágio Profissional	12
2.2.1) Expectativas...um conjunto de sentimentos!	13
2.3) Importância do Estágio na Formação profissional Docente	15
3.Enquadramento da Prática Profissional	19
3.1) O Sistema Educativo Português	21
3.2) Educação Física enquanto Área Curricular	21
3.3) O Estágio Profissional e o seu funcionamento	22
3.4) Envolvimento do Estágio Profissional	26
3.4.1) A “minha” escola	26
3.4.2) O Grupo de Educação Física	27
3.4.3) As condições Espaciais e Materiais	29
3.4.4) Os Alunos - 8ºD	30
4.Realização da Prática Profissional	33
4.1) Área 1 – Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem	36
4.1.1) O Primeiro Impacto	36
4.1.2) Concepção: uma “Bússola” para o início da “viagem”	37
4.1.3) Planificação: o “elo” de ligação entre as pretensões e a realização	39

4.1.4) Realização: um desafio à minha altura!	43
4.1.5) Despertar o melhor que existe dentro de cada aluno!	77
4.1.6) Os Alicerces da Prática Pedagógica	81
4.1.7) Avaliação: um processo complexo mas “obrigatório”!	82
4.2) Área 2 – Participação na Escola	87
4.2.1) Para além das aulas...	88
4.2.2) Atelier de Educação Física	91
4.2.3) Muito mais do que um Professor...	94
4.3) Área 3 – Relações com a Comunidade	97
4.3.1) Do outro lado da escola	97
4.3.2) À descoberta da ESOD...	100
4.4) Área 4 – Desenvolvimento Profissional	102
4.4.1) O Desenvolvimento da Acção Reflexiva	102
5. Conclusão e Perspectivas Futuras	107
Referências Bibliográficas	113
Síntese Final	119

Índice de Quadros

Quadro 1 – Subcategorias relativas ao Feedback Pedagógico quanto à Natureza e Direcção	60
Quadro 2 – Análise do número de Feedbacks emitidos nas Aulas	61
Quadro 3 – Número de Feedbacks emitidos por Subcategoria, na Categoria Natureza	62
Quadro 4 – Número de Feedbacks emitidos por Subcategoria, na Categoria Direcção	63
Quadro 5 – Análise das Componentes Críticas/Palavras-Chave da Aula nº 1	64
Quadro 6 – Análise das Componentes Críticas/Palavras-Chave da Aula nº 2	65
Quadro 7 – Análise do número de Feedbacks emitidos nas Aulas	68
Quadro 8 – Número de Feedbacks emitidos por Subcategoria, na Categoria Natureza	69
Quadro 9 – Número de Feedbacks emitidos por Subcategoria, na Categoria Direcção	69
Quadro 10 – Análise das Componentes Críticas/Palavras-Chave da Aula nº 3	70
Quadro 11 – Análise das Componentes Críticas/Palavras-Chave da Aula nº 4	71
Quadro 12 – Análise das Componentes Críticas/Palavras-Chave da Aula nº 5	72
Quadro 13 – Análise do número de Feedbacks emitidos	73
Quadro 14 – Comparação do número de Feedbacks emitidos por Subcategoria, na Categoria Natureza	74
Quadro 15 - Comparação das Componentes Críticas/Palavras-Chave da 1ª e 2ª Fase	75

Índice de Anexos

Anexo 1 - Ficha de Caracterização Individual do aluno	iii
Anexo 2 - Plano de Aula	vii
Anexo 3 - Projecto - “Atelier de Educação Física”	ix
Anexo 4 - Convite aos Encarregados de Educação	xi

Resumo

O objectivo essencial do presente Relatório de Estágio é de dar a conhecer o trabalho que efectuei ao longo do meu Estágio Profissional nas quatro áreas de desempenho: “Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem”, “Participação na Escola”, “Relações com a Comunidade” e “Desenvolvimento Profissional”.

O Estágio Profissional decorreu na Escola Secundária com 3º Ciclo Oliveira do Douro, com o meu Núcleo de Estágio a ser formado por três estagiários. A nossa orientação ficou a cargo do professor titular da turma a que leccionei, o chamado Professor Cooperante e do Orientador, professor na faculdade.

Tendo em conta todo o meu percurso ao longo do ano lectivo, optei estruturar o presente documento em cinco capítulos. No primeiro efectuei uma breve introdução. Já no segundo, dei mais atenção a minha história de vida e as minhas expectativas em relação a este ano lectivo. Passando para o terceiro capítulo, este centra-se no enquadramento do Estágio Profissional, no que diz respeito aos seus trâmites legais, à importância da disciplina de Educação Física e ao contexto onde decorreu. No quarto, relato e reflecto acerca da minha actuação enquanto professor estagiário e neste sentido, encontram-se as principais temáticas sobre as quais me debrucei ao longo do ano lectivo. Ainda neste capítulo, dou enfoque ao trabalho de investigação que realizei, acerca da minha intervenção junto dos alunos, o que me permitiu melhorar este aspecto, de forma substancial. Por último, no quinto capítulo, faço uma retrospectiva acerca do Estágio Profissional e da importância do mesmo para o meu desenvolvimento profissional e pessoal.

Este relatório permitiu-me compreender a importância de adoptar uma postura reflexiva e crítica, perante o processo de ensino-aprendizagem, mas, mais do que isso, perante a vida. Esta será a melhor forma de conseguir fazer mais e melhor a cada dia que passa!

PALAVRAS-CHAVE: ESTÁGIO PROFISSIONAL, PROFESSOR, FORMAÇÃO INICIAL, REFELXÃO, DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL.

Abstract

The main purpose of this document is to show my work during the Professional training in the areas: Management and organization of teaching and learning, Participation at School, Relationship with the Community and Professional development.

The Professional Training took place at Escola Secundária com 3º ciclo Oliveira do Douro, and my training group had three trainees. The counseling Teachers were the Head of the student's class, as well as the University teacher.

Having in mind all the training throughout the entire year, I choose to organize the current document in five chapters. The first with a quick introduction and the second with my life experience and the expectations towards this school year; the third focusing on legal boundaries of the Professional training, on the importance of the class "Educação Física", and the environment where it took place; the fourth is about my performance as a trainee teacher and the main themes I emphasized, and the investigation work I did linked with my interaction with the students (which allowed me a substantial improvement in this area); last but not least, the fifth chapter is about looking back to the entire year and its importance to my personal and professional development.

This report is also about my understanding of the importance of a reflexive and critical attitude facing the teaching/ learning process but more than that facing life in general; this will be the way to go further and beyond every day.

KEY WORDS: PROFESSIONAL TRAINING, TEACHER, INITIAL TRAINING, THINKING PROCESS, PROFESSIONAL GROWTH.

Abreviaturas

DT – Director de Turma

EP – Estágio Profissional

ESOD – Escola Secundária com 3º Ciclo de Oliveira do Douro

IMC – Índice de Massa Corporal

PFI – Projecto de Formação Individual

1. INTRODUÇÃO

Introdução

“O sucesso nasce do querer, da determinação e persistência em que se chega a um objectivo. Mesmo não atingindo o alvo, quem busca e vence obstáculos, no mínimo fará coisas admiráveis.” José de Alencar (s.d.)

O Relatório de Estágio Profissional (EP) foi por mim realizado no âmbito do EP, Unidade Curricular do 2º Ano, do 2º Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

O presente ano lectivo, onde realizei o EP, foi encarado por mim com muita seriedade e vontade de dar o meu melhor, para que desta forma pudesse exercer a minha função de forma competente. Porém, este foi também um ano onde pretendia enriquecer a minha “bagagem de conhecimentos”, até aqui baseados maioritariamente na Teoria.

Tenho plena consciência de que educar no contexto escolar é uma tarefa complexa, devido aos múltiplos agentes que intervêm neste processo. Por isso, tornasse importante referir quais foram estes intervenientes, que participaram de uma forma ou de outra nesta minha “jornada” de aprendizagem.

Assim, o EP decorreu na Escola Secundária com 3º Ciclo de Oliveira do Douro (ESOD), sendo o meu Núcleo de Estágio constituído por mim, pelo Joaquim Gomes e pelo Tiago Barros. Desde o primeiro dia, fomos acompanhados pelo Professor Cooperante Francisco Fernandes, que me cedeu uma das suas turmas, o 8ºD, para que eu pudesse vivenciar a experiência de leccionação. Também o Orientador de Estágio da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, o professor José Guilherme, teve um papel de destaque na nossa formação ao longo deste ano.

Partindo da citação já enunciada, que foi proferida por José de Alencar, determinação e persistência foram as palavras-chave que nortearam a minha postura ao longo de todo o ano. Através do meu trabalho árduo, quer nas tarefas individuais quer nas tarefas que requereram a capacidade de trabalho em grupo, tentei cumprir as minhas funções com distinção.

Assim, todo o processo inerente ao presente ano lectivo se baseou na concepção, planeamento, realização e avaliação. A consciência crítica foi uma constante, sempre com o intuito de desenvolver as minhas competências enquanto Professor, para dessa forma conseguir que os meus alunos atingissem o sucesso no processo de ensino-aprendizagem.

Neste sentido, vi-me na necessidade de aplicar todos os meus conhecimentos adquiridos até então, para conseguir alcançar este objectivo. Reflecti todos os dias acerca das experiencias que vivenciei, pois rapidamente me apercebi que não basta a um Professor ter conhecimentos teóricos. Ele necessita de ter a capacidade de encontrar soluções adequadas para as diversas situações com que se depara na sua acção profissional, conciliando e articulando todos os seus saberes teóricos com as situações práticas que encontra no seu quotidiano (Ponte et al., 2000).

De facto, ao longo de todo este período de prática pedagógica, para além de uma atitude de dedicação e trabalho perante as funções que assumi no contexto da escola, foi essencial ter adoptado, uma atitude crítica perante toda a envolvência com que me deparei. Foi precisamente esta consciência critica, que fui desenvolvendo, que me ajudou a “vencer obstáculos” e a “fazer coisas admiráveis”. Tal como refere Ponte et al. (2000), o professor não é um mero técnico nem um simples transmissor de conhecimento. É um profissional que tem de ser capaz de identificar os problemas que surgem na sua actividade, procurando construir soluções adequadas, pelo que tem, ele próprio, de possuir competências significativas no domínio da análise critica de situações e da produção de novo conhecimento visando a sua transformação.

Contudo, todo o meu desenvolvimento profissional só foi possível através da vivência de múltiplas experiências que o EP me proporcionou. Através das enumeras possibilidades de contacto com o contexto escolar que este me ofereceu, pude desenvolver as competências, que quanto a mim, são as mais importantes para o exercício da profissão docente no futuro. Contudo, tenho a plena consciência que um professor deve desenvolver e adquirir competências nas várias áreas de desempenho. Por isso, a participação nas imensas actividades que tem lugar no âmbito escolar e educativo, juntamente

com a experiência didáctica que adquiri, permitiram-me reflectir, ensaiar e avaliar as diferentes estratégias que fui encontrando e descobrindo. Não posso esconder que a prática pedagógica foi a talvez a experiência mais marcante, porém, tudo o que envolveu a minha actuação, foi essencial para a minha “construção” enquanto professor.

Assim sendo, com o intuito de tornar este documento uma amostra de tudo o que por mim foi realizado, tendo em conta as várias funções que um Professor assume quando se encontra integrado numa escola, optei por elaborar o meu Relatório de Estágio em cinco capítulos. Inicialmente, a “Introdução” serve de aperitivo para o restante documento, dando um lamiré acerca do que se vai tratar no mesmo. De seguida, o “Enquadramento Biográfico” onde, de uma forma resumida relato a ligação inseparável com o Desporto e abordo a importância e expectativas relativamente ao EP. Já no que diz respeito ao terceiro capítulo, “Enquadramento da Prática Profissional”, decidi abordar todo o contexto que envolve a prática pedagógica, como o Sistema Educativo em vigor actualmente, os moldes em que se desenvolve o Estágio, bem como uma caracterização simplificada acerca da comunidade escolar onde leccionei no presente ano lectivo. Passando agora para a Prática propriamente dita, o quarto capítulo, “Realização da Prática Profissional”, tenta descrever, de uma forma sintética e objectiva, a minha caminhada ao longo do ano, dividida pelas quatro áreas de desempenho do estudante estagiário, previstas no Regulamento de EP: Área 1 – “Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem”; Área 2 – “Participação na Escola”; Área 3 – “Relação com a Comunidade”; Área 4 – “Desenvolvimento Profissional”. Por fim, na última parte do presente documento, a “Conclusão”, irei efectuar uma síntese acerca do percurso por mim realizado no EP e perspectivar qual será o meu futuro enquanto profissional da Educação Física.

Concluindo, não poderei deixar de referir que a base da elaboração deste documento e que justifica todas as horas de trabalho empenhadas enquanto estudante estagiário, passa por cumprir os objectivos a que me propus em cada área de desempenho e, simultaneamente cultivar nos alunos o gosto pela Educação Física.

2. ENQUADRAMENTO BIOGRÁFICO

Enquadramento Biográfico

EU...talvez não seja a pessoa mais indicada para falar sobre mim próprio, porém, de seguida irei revelar um pouco do que foi o meu percurso de vida até este momento, que inevitavelmente esteve sempre ligado ao Desporto e que, talvez por influencia deste, me levou a seguir um caminho que me trouxe até aqui.

2.1) Reflexão Autobiográfica

2.1.1) Quem sou?

Os meus Pais sempre me disseram “as pessoas não se definem por aquilo que parecem, mas sim pelas atitudes que têm!”. Ao longo da minha vida esta ideia esteve sempre no meu pensamento e por isso, tentei sempre, ainda que por vezes sem sucesso, adoptar uma postura idónea e frontal perante as vicissitudes com que me fui deparando. Contudo, encarei sempre todas elas com um sorriso na cara, tentando sempre encontrar o lado positivo das coisas porque a vida são apenas umas férias que a morte nos concede e temos que a aproveitar ao máximo! Desta forma, a minha personalidade foi-se definindo através da interacção entre mim, os valores que os meus progenitores me foram transmitindo e todo o envolvimento com que tive contacto desde que nasci.

Sou natural da cidade de Ovar, onde sempre vivi e realizei o meu percurso académico até ingressar no Ensino Superior. O meu núcleo familiar (Avós e Pais) esteve sempre presente durante o meu crescimento e puderam constatar que desde muito cedo as minhas brincadeiras predilectas estavam relacionadas com a prática de actividade física. Apesar de não ser descendente de uma família de desportistas, exceptuando o meu Avô materno, o Desporto tornou-se o meu mundo desde criança.

2.1.2) O Desporto é a minha vida...

Todo o meu percurso de vida, até à actualidade, está associado a uma palavra, Desporto. De facto, desde que me recordo de mim próprio que o desporto faz parte do meu quotidiano. Desde os 6 anos de idade que comecei a praticar Ginástica, até finalizar o 1º Ciclo do Ensino Básico. De seguida, tal como a grande maioria das crianças, o Futebol foi a minha primeira paixão de verdade, que se tornou realidade quando ingressei num clube local, o Centro Cultural e Recreativo de Válega. No entanto, cedo percebi que o meu futuro não iria passar pelo desporto “Rei” e de seguida experimentei vários desportos, entre eles, o Ténis, o Karaté, o Basquetebol, a Natação, até que, já com 12 anos de idade, descobri o gosto pelo BTT.

Andar de bicicleta com os amigos, por todo o tipo de terrenos, chegar a casa todo “sujo de lama”, conviver de perto com a natureza, o que é que um miúdo poderia querer mais?

Muito rapidamente esta actividade recreativa se transformou numa vertente competitiva, e com 13 anos realizei as primeiras provas, a nível regional, na modalidade de BTT. À medida que o tempo foi passando e após me ter “transformado” num corredor de Ciclismo de estrada, tendo deixado a vertente todo-o-terreno, tudo começou a parecer-me bastante claro, quando atingi os 16 anos de idade, “quero ser Ciclista Profissional”. Os meus pais nunca me incentivaram a tal coisa, pois, “que futuro poderá ter um atleta profissional?” diziam eles. Por isso fizeram com que eu nunca deixasse para trás a escola, de tal forma que consegui sempre conciliar os treinos diários com os estudos.

Porém, havia chegado o momento de tomar uma decisão, uma vez que estava a terminar o Ensino Secundário, e o único caminho que eu considerava era “vou ficar por aqui, para me poder dedicar em definitivo ao Ciclismo”. Neste momento não considerava outra possibilidade que não enveredar pelo Desporto Profissional, porém a intervenção dos meus Pais nesta altura, revelou-se decisiva para que hoje, eu possa estar a escrever estes parágrafos. Como tinha boas notas, eles insistiram para que me candidatasse à Faculdade,

ainda que, posteriormente, abdicasse das aulas para seguir uma carreira profissional.

Assim aconteceu, tendo sido “colocado” na Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. Contudo, o meu objectivo passava única e exclusivamente pelo Ciclismo e apesar de ter entrado na Faculdade, dediquei-me de corpo e alma à modalidade que “amava”. No entanto, passados dois anos de ser atleta profissional, numa das melhores equipas nacionais do escalão de Sub-23, o Sport Ciclismo São João de Ver, não consegui atingir os objectivos a que me propus, tendo, por iniciativa própria tomado a decisão de abandonar a carreira profissional, e dedicar-me aos estudos. Esta terá sido uma das decisões mais difíceis que tive de tomar, terá sido a mais correcta, ainda hoje me questiono acerca disso, porém, sem dúvida que foi a mais racional e sensata.

Durante toda a minha existência estive, de uma maneira ou de outra, ligada ao Desporto, por isso, obviamente que a única opção que fazia sentido na minha cabeça era obter uma formação nesta área.

Assim sendo, após ter optado por continuar o meu percurso académico, agora de uma forma séria e empenhada, a minha vontade foi, desde então, tentar transmitir às outras pessoas o gosto pela prática desportiva.

2.1.3) Faculdade, a 2ª opção...

Como diz António Gedeão “o sonho comanda a vida” e o meu comandou a minha desde a adolescência. De facto, desde que me recordo de mim que sempre pensei “quero ser desportista Profissional”. Nunca me imaginei a exercer uma profissão relacionada com o desporto, a não ser como “actor principal”.

No entanto, os nossos sonhos e ambições nem sempre correspondem ao que de facto sucede, e como não consegui cumprir com os objectivos por mim estabelecidos, decidi enveredar por outro caminho.

Na minha opinião, devemos sempre tentar ser os melhores naquilo que fazemos, o que não aconteceu enquanto atleta profissional. Neste sentido, como deixei sempre em aberto a possibilidade de continuar a minha formação,

muito “por culpa” dos meus pais, optei então por seguir o caminho que me pareceu mais acertado, desenvolver as minhas competências na área da Educação Física, na qual já estava inserido, através da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Apesar de esta não ter sido a minha primeira escolha, nunca me imaginei a fazer alguma coisa que não estivesse intimamente relacionada com o Desporto, e por isso, este foi o caminho mais lógico.

Hoje sinto que tomei a decisão mais correcta, pois ao longo da minha licenciatura e agora Mestrado, fui descobrindo o gosto pela “arte de ensinar”. Este facto reflectiu-se nas minhas escolhas durante a formação superior e por isso o Mestrado de Ensino foi a opção acertada.

Penso que “os jovens de hoje serão o futuro de amanhã” e desta forma, poder contribuir para a formação eclética dos meus alunos, enquanto Seres Humanos é, quanto a mim, um privilégio, uma fonte de motivação mas que também acarreta uma enorme responsabilidade.

É desta forma que encaro o meu novo “papel”, com a convicção que cada um de nós pode fazer a diferença, com trabalho, empenho e sobretudo com gosto naquilo que estamos a fazer.

2.2) Expectativas em relação ao Estágio Profissional

“Na minha opinião, o melhor caminho para aprender é...fazer. Assim sendo, para terminar a minha formação superior, a melhor forma de poder obter as “ferramentas” que me permitirão “construir” o meu futuro a nível profissional, é sem dúvida o “trabalho de campo”. O Estágio Pedagógico é por ventura, uma oportunidade única, para poder por em prática todo o conhecimento adquirido ao longo de todos estes anos” (excerto do Projecto de Formação Individual (PFI)).

Foi desta forma que encarei este ano de estágio pedagógico, como um momento único de aprendizagem para poder desenvolver as minhas competências enquanto docente “real” com alunos “reais”, pois como afirmam Pimenta e Lima (2004), este pode não ser uma completa preparação para o

magistério, mas é possível neste espaço, professores, alunos, comunidade escolar e universidade, trabalharem questões básicas de alicerce, como: o sentido de profissão, o que é ser professor na sociedade em que vivemos, como ser professor, a escola concreta, a realidade dos alunos e professores nas escolas, entre outros.

2.2.1) Expectativas...um conjunto de sentimentos!

O início do ano lectivo foi encarado com muita expectativa, uma vez que o meu contacto com a docência era bastante reduzido, tal como com toda a estrutura e funcionamento do “meio escolar”.

Assim, a minha primeira inquietação antes de se dar o início do ano lectivo, foi a falta de conhecimento empírico acerca do funcionamento de toda a estrutura escolar, em particular da que me iria “acolher” enquanto docente, a ESOD, “educar no contexto escolar, não é uma tarefa fácil para nós enquanto professores, devido aos múltiplos agentes que intervêm neste processo, aluno, família, comunidade escolar e sociedade em geral” (excerto do PFI). Contudo, apesar de todo este envolvimento constituir um enorme desconhecido, e de me deixar algo apreensivo, também despertou em mim uma vontade enorme de iniciar o quanto antes esta nova experiência, parecia quase “um miúdo à espera da hora para abrir os presentes de natal”, tal era a ansiedade e curiosidade que me assolaram, principalmente nos dias que antecederam o começo do estágio pedagógico.

Para além deste aspecto, outra das questões que gerou em mim um mútuo sentimento de preocupação mas simultaneamente confiança foi o facto de saber que iria ter que “recrutar” todos os meus conhecimentos e conseguir adapta-los em função de todo o envolvimento da prática pedagógica, particularmente tendo em atenção a turma com a qual iria trabalhar. De facto, era chegado o momento de aplicar tudo o que havia aprendido ao longo da minha formação, porém a dúvida que me despoletava preocupação residia na seguinte questão: “será que eu possuo os saberes suficientes para exercer a minha tarefa de forma competente?”

“O estágio sempre foi identificado como a parte prática dos cursos de formação de profissionais, em contraposição à teoria. Não é raro ouvir, a respeito dos alunos que concluem seus cursos, referências como “teóricos”, que a profissão se aprende na “prática”, que certos professores e disciplinas são por demais “teóricos”. Que “na prática a teoria é outra”.” (Pimenta e Lima, 2004, p. 33). Porém, a minha convicção e aquilo que me deixava confiante na minha actuação era o facto de eu ter ingressado na melhor “escola” do País, no que diz respeito a área da Educação Física e do Desporto, a FADEUP. Esta ideia foi-me sempre sendo reforçada por alguns dos Professores que fizeram parte da minha formação superior, e neste sentido, apesar de ter sempre alguma reserva quanto ao nível de dificuldade com que me iria deparar, percebi que tudo estava dependente da postura e atitude a adoptar. Rapidamente me convenci que através da minha dedicação e afinho, que foram apanágio nos 4 anos anteriores, iria conseguir ultrapassar todas as adversidades e solucionar os problemas que fossem surgindo.

Confesso que os sentimentos que me “invadiram” no período que antecedeu o estágio pedagógico foram muitos e geralmente contraditórios, contudo, sempre prevaleceu a convicção e confiança nas minhas capacidades e, com essa “crença” parti para este desafio com vontade de aprender, de trabalhar, de conviver, de me relacionar, de integrar e participar naquele que considero ser o início de uma caminhada, contínua e incessante pela procura da excelência enquanto Professor de Educação Física, pois como afirma Brian Harbour (1988), ter sucesso significa ser o melhor, excelência significa ser o seu melhor. Ter sucesso, para muitos significa ser melhor do que todos os outros, excelência significa ser melhor amanhã do que fui ontem.

Assim, pretendo superar-me todos os dias, desenvolver as minhas capacidades e saberes, não com o objectivo de ser o melhor, mas sim de ser melhor do que fui ontem e pior do que serei amanhã.

2.3) Importância do Estágio na Formação profissional Docente

Toda a nossa formação, bem como os conhecimentos que vamos adquirindo ao longo da mesma, devem ser orientados no sentido da sua aplicação prática, ou seja, na efectiva realização da nossa actividade profissional, a Docência. Neste sentido, o Estágio Pedagógico surge na nossa formação, como “a cereja em cima do bolo”, uma vez que, *“Para além da dimensão académica, a formação inicial tem necessariamente que contemplar uma componente que, sendo prática, é integradora de todos os saberes.”* (Ponte et al., 2000, p. 13). Desta forma, o Estágio Pedagógico deve ser encarado como a primeira etapa da nossa formação enquanto Professores, uma vez que o desenvolvimento das competências profissionais e pedagógicas surge através do exercício profissional e deve ser considerado como um processo inacabado e contínuo. Contudo, apesar do E.P. poder ser considerado como o patamar inicial, a sua contribuição para a construção do caminho a seguir por nós, enquanto docentes, é decisivo, pois ele perspectiva e orienta o nosso percurso futuro.

Assim sendo, a Prática Pedagógica é sem dúvida essencial, pois a abrangência das funções que a docência nos proporciona, acentua ainda mais a necessidade de um contacto com a realidade profissional na nossa formação, pois a multiplicidade de saberes necessários para o bom desempenho da profissão, assim o exige (Ponte et. al., 2000).

Desta forma, torna-se de todo importante salientar os “pontos-chave” sobre os quais nos devemos debruçar enquanto estudantes estagiários. Feiman-Nemser & Norman (2000) sugerem os principais aspectos que devem ser abordados na formação dos professores, chamando à nossa atenção para o facto de as tarefas centrais em que nós nos devemos concentrar, devem ser aquelas que promovam uma base de aprendizagem no e para o ensino, ou seja:

- Desenvolver conhecimento útil e interligado sobre a matéria de ensino:
se os professores são os principais precursores da aprendizagem dos alunos, eles precisam de conhecer e compreender perfeitamente a matéria de ensino. A necessidade de cada professor desenvolver o seu

pensamento crítico, bem como encontrar-se “aberto” para diversas perspectivas relacionadas com a aprendizagem autónoma tornasse fundamental, se ele pretender incutir esses hábitos nos alunos.

- Desenvolver um entendimento dos alunos, da aprendizagem e de questões de diversidade: para podermos adequar os conteúdos aos alunos, devemos fomentar as progressões pedagógicas adaptadas a cada grupo de alunos, para desta forma, respeitar os seus ritmos de evolução maturacional e, simultaneamente a cultura e sociedade em que estes se encontram integrados.
- Desenvolver um repertório inicial de planeamento, ensino e gestão: para que os professores possam ensinar, têm que ter a capacidade de organizar e gerir os seus alunos e envolve-los nas tarefas de aprendizagem, adequadas ao seu nível. Para que nós possamos realizar este trabalho, que sem dúvida nos coloca um grande desafio, é necessário aprendermos a estabelecer metas e objectivos, adaptar o material didáctico, planos de aulas e as suas sequências metodológicas, avaliar a aprendizagem dos alunos, fornecer explicações claras, conduzir “discussões” e trabalhos de grupo. Os professores podem trabalhar diferentes aspectos da complexa arte de ensinar, começando a construir um leque alargado de planeamentos, avaliações e gestão da sala de aula. Contudo, aprender a colocar os alunos em interacção na prática das actividades, é uma tarefa difícil, mas que se torna fulcral desenvolver no processo de formação de professores.
- Desenvolver as ferramentas para futuros estudos sobre o ensino e aprendizagem: o ano de estágio proporciona o desenvolvimento de habilidade e hábitos de ensino, bem como a interacção entre diferentes grupos de Professores, que deve ser aproveitado para o desenvolvimento e melhoria das práticas de ensino. Assim, durante este ano, o estagiário tem a possibilidade de usufruir desta interacção para poder desenvolver a sua capacidade de observação, de interpretação e de análise, bem como o hábito de levantar dúvidas, suportar as reivindicações sobre a aprendizagem, com argumentação credível,

estando também disponível para as possíveis alternativas que possam surgir.

- Desenvolver uma perspectiva profissional acerca dos papéis e responsabilidades do professor: os professores estagiários aprenderam matérias enquanto estudantes, contudo, é chegada a altura de “transitar” para o papel de docente. No momento do estágio, nós teremos que saber diferenciar o nosso “papel” actual, visto que durante a nossa formação enquanto estudantes, desempenhamos a função oposta à actual, tendo nós observado os comportamentos e actuações dos nossos professores. Assim, durante o estágio, devemos ser capazes de passar para o “lado de lá”, enquanto professores, mas tentar não ser influenciados pelas “imagens” retidas dos nossos professores. Desta forma, poderemos estar disponíveis para criar novas perspectivas e possibilidades de aprendizagem.

Após ter analisado e reflectido acerca do quão importante é este ano de EP e de quais os aspectos a que devemos dar ênfase neste processo de formação, percebi que devo entregar-me de “corpo e alma” a esta experiencia única na minha vida, com o intuito de conseguir aproveitar todas as experiencias vividas no sentido de me tornar cada vez mais um professor capaz de responder às exigências que toda a envolvimento da profissão me trará.

3. ENQUADRAMENTO DA PRÁTICA PROFISSIONAL

Enquadramento da Prática Profissional

3.1) O Sistema Educativo Português

Na generalidade, segundo a Lei de Bases do Sistema Educativo, este pode ser entendido como o conjunto de meios pelo qual se concretiza o direito à educação. Desenvolve-se através de um conjunto organizado de estruturas e acções múltiplas, por iniciativa e sob a responsabilidade de diferentes instituições e entidades, sendo elas públicas ou privadas.

No nosso caso particular, em Portugal, ainda segundo o mesmo documento, o Sistema Educativo expressa-se através da educação pré-escolar, escolar e extra-escolar que se destinam fundamentalmente a formar cidadãos que se possam integrar numa sociedade contemporânea. Neste sentido, o nosso Sistema Educativo pretende orientar a acção formativa de modo a favorecer o desenvolvimento global da personalidade, o progresso social e democratização da sociedade.

Todo o nosso Sistema Educativo tem por âmbito geográfico todo o território português, que inclui continente e regiões autónomas. Contudo, o nosso sistema não esquece os países de língua portuguesa e nesse sentido tenta adaptar-se e ser flexível o suficiente para que estas comunidades possam também usufruir da “nossa educação”.

3.2) Educação Física enquanto Área Curricular

O Sistema Educativo em Portugal compreende inúmeras áreas curriculares, que estão distribuídas ao longo de vários ciclos de ensino. Em todos estes ciclos, desde o Ensino Pré-Primário até ao Secundário, a Educação Física marca a sua presença enquanto disciplina obrigatória. Neste sentido, e para que possamos perceber melhor do que se trata esta disciplina e qual a sua importância para a formação dos alunos, irei de seguida efectuar uma pequena abordagem a esta temática.

Na generalidade, a Educação Física pode ser descrita como uma das áreas do conhecimento humano que está associada ao estudo e à prática de actividades de desenvolvimento, manutenção ou reabilitação do corpo e mente do Ser Humano (Dias, 2002).

Já na escola, a Educação Física enquanto disciplina pode ser sumariamente descrita como uma actividade eminentemente prática, em que os alunos realizam actividade física de forma planeada e estruturada, com o propósito de se desenvolverem nos vários domínios, Psicomotor, Sócio-Afectivo e Cognitivo. Porém, a Educação Física não se encerra na sua componente prática, uma vez que ela, enquanto área curricular disciplinar, estabelece um conjunto de ligações com outras áreas, no sentido do desenvolvimento eclético dos alunos.

Assim, esta disciplina tem como principais objectivos o desenvolvimento das Habilidades Motoras, da Condição Física, dos Conceitos Psicossociais e da Cultura Desportiva dos alunos. Para além de todos estes domínios que são desenvolvidos nas aulas de Educação Física, actualmente, esta disciplina integra conteúdos inerentes à temática da Educação para a Saúde, uma vez que a crescente taxa de inactividade física aliada a uma má alimentação, tornaram a obesidade um problema com o qual lidamos no nosso quotidiano, nomeadamente com os nossos alunos. Neste sentido, a Educação Física na escola, deve também incentivar e despertar nos alunos a vontade de praticar actividade física e a realizar uma correcta alimentação. Desta forma, poderemos centrar-nos nos objectivos primordiais da nossa disciplina, já enunciados, e simultaneamente responder de forma eficaz às necessidades actuais da nossa sociedade, no que toca a esta problemática, a Obesidade.

3.3) O Estágio Profissional e o seu funcionamento

Na Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, FADEUP, o Estágio Pedagógico surge como resposta a um conjunto de exigências, entre elas as legais, as institucionais e as funcionais.

Assim sendo, no que diz respeito ao contexto legal, o Estágio Pedagógico está regulamentado pela legislação específica relativa à Habilitação Profissional para a Docência. Toda a estrutura e funcionamento estão regulamentados nos Decreto-lei nº 74/2006, de 24 de Março, que foi actualizado pelo Decreto-lei nº 107/2008 de 25 de Junho e pelo Decreto-lei nº 43/2007 de 22 de Fevereiro. Para além destes decretos, a regulamentação do Estágio Pedagógico tem ainda em consideração o Regulamento Geral dos segundos Ciclos da Universidade do Porto.

Este decreto de lei que define as condições de atribuição da habilitação para a docência tem como base os traços gerais do processo de Bolonha. Este processo surge através da necessidade de o aplicar ao sistema de ensino nacional, com o intuito primordial de promover a comparabilidade, a transparência e a legibilidade dos sistemas europeus de ensino superior, que estão em vigor nos estados membros da União Europeia, ou seja com o objectivo de uniformizar todo o sistema de ensino europeu.

Desta forma, as instituições de ensino superior por toda a Europa, colocaram em prática uma reorganização dos graus e diplomas a atribuir, procuraram instituir um conjunto de instrumentos promotores da mobilidade e empregabilidade e ainda tentaram desenvolver um conjunto de mecanismos que garantam no futuro, a qualidade e acreditação dos seus cursos entre todos os estados membros da União Europeia. Para isto, foram definidas competências gerais e qualificações necessárias à obtenção dos graus académicos, com o objectivo de as faculdades potenciarem e eficiência dos seus sistemas de ensino.

Neste sentido, todo o envolvimento do Processo de Bolonha tem como ponto central a alteração do modelo de ensino que vigorava anteriormente, ou seja, a passagem de um modelo de ensino passivo, em que os alunos adquiriam conhecimentos, para um modelo, o de Bolonha, em que o aluno assume um papel pró-activo e dinâmico na aquisição e desenvolvimento de competências, quer de natureza genérica, quer de natureza mais específica, onde se insere o Estágio Pedagógico.

Passando agora para o nível institucional, o Estágio Pedagógico é uma unidade curricular que pertence ao segundo ciclo de estudos que diz respeito ao grau de Mestre em Ensino de Educação Física da FADEUP e decorre nos terceiro e quarto semestres deste ciclo de estudos.

No primeiro semestre deste ciclo, as unidades curriculares são orientadas na sua grande maioria para o funcionamento e estruturação do sistema de ensino em geral e para a escola como instituição em particular. Já no segundo semestre, a direcção das unidades curriculares passa a ser mais específica, uma vez que obtemos todas as ferramentas didáctico-metodológicas para leccionar em contexto real. Neste segundo ciclo obtemos os conhecimentos referentes a esta temática, bem como colocamos em prática estes conhecimentos, através de um primeiro contacto com a leccionação, que acontece devido à simulação do ensino real, ao nível das didácticas de cada modalidade.

Já nos semestres seguintes, a aposta recai sobre a leccionação em contexto real, ou seja, integrado numa escola, numa comunidade educativa específica, com uma turma concreta. Além das orientações gerais já proferidas por mim, existe ainda um conjunto de documentos que estruturam e enquadram o Estágio Pedagógico em particular, como são o caso do regulamento geral do 2 Ciclo, o regulamento do Estágio Pedagógico e as normas orientadoras do mesmo. Nestes documentos estão inseridas e descritas todas as incumbências do Orientador da FADEUP, do Professor Cooperante e dos Estudantes Estagiários.

No presente ano lectivo, cada um dos estagiários é responsável por uma turma, cedida pelo Professor Cooperante. Apesar de sermos nós a elaborar e por em prática todo o processo de ensino-aprendizagem, o Professor Cooperante continua a ser durante todo o ano lectivo o titular da turma.

Todo o trabalho efectuado por nós ao longo do ano é orientado segundo quatro áreas:

- Organização e Gestão do Ensino e Aprendizagem;
- Participação na Escola;
- Relação com a comunidade;

- Desenvolvimento Profissional.

Em cada uma delas, no início do ano, estão definidas as principais tarefas e objectivos a cumprir por cada um de nós.

Em função delas, nós enquanto estagiários, conseguimos experienciar e viver enumeras experiencias enquanto docentes, o que nos permite integrar de forma natural a comunidade escolar, desempenhando a nossa função como se um Professor “de verdade” se tratasse. Este facto tornasse muito importante, uma vez que a diversidade de tarefas e funções que desempenhamos, nos preparam para o nosso futuro enquanto docentes.

No entanto, importa frisar que apesar de o Estágio Pedagógica ter linhas gerais definidas para todas as instituições homólogas, cada Faculdade desenvolve o seu próprio modelo de ensino. O nosso, na Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, concedemos este privilégio de leccionar durante um ano em contexto real, o que nos permite desenvolver em pleno a nossa acção, responsabilidade e autonomia no decorrer de todo o processo pedagógico. Ainda para complementar todo este processo, o facto de sermos constantemente supervisionados e orientados, dá-nos, por uma lado, a possibilidade de colocarmos à prova todos os nossos conhecimentos e competências. Por outro lado, podemos aprender com os erros, o que nos ajuda, sem qualquer sombra de dúvida a evoluir enquanto futuros Professores de Educação Física.

Este modelo adoptado pela nossa Faculdade tem como base um cenário reflexivo e integrador. De facto, como irei analisar mais adiante, a prática reflexiva assume um papel de destaque neste ano lectivo uma vez que esta nos proporciona oportunidades para desenvolver as nossas competências. Contudo, para além destas práticas, toda a nossa “bagagem” adquirida até então é agora posta em causa e testada até à exaustão. Toda a nossa formação até aqui se revela importante quando é chegado o momento de “por mãos à obra”. Agora consigo compreender que todas aquelas horas, dias, semanas de estudo não foram em vão, uma vez que me permitiram obter um

conjunto de conhecimentos e competências que agora necessito para realizar o meu “papel” de Professor.

Neste sentido, considero que este ano de estágio pedagógico pode ser considerado como o culminar de todo um processo de aprendizagem e que nos permitirá, daqui em diante, ter uma “licença” para continuar a nossa aprendizagem, mas agora, de forma autónoma.

3.4) Envolvimento do Estágio Profissional

3.4.1) A “minha” escola

A ESOD iniciou a sua actividade no ano lectivo de 1976/77, ainda nas instalações do Colégio do Sardão. Poucos anos depois, em 1982, instalou-se definitivamente no local onde ainda hoje se encontra, na zona do Freixieiro, em Oliveira do Douro.

Situada numa zona residencial, a escola acolhe prioritariamente as populações de Avintes, Oliveira do Douro e Vilar de Andorinho, área que corresponde à zona periurbana de Vila Nova de Gaia. Nesta região, predominam algumas indústrias, o comércio local e os serviços. Também como nesta área ainda se verificam a existências de vários espaços agrícolas, esta é também uma das actividades socioeconómicas que podemos encontrar, contudo com menos expressão do que as anteriores.

Relativamente ao funcionamento da escola, esta possui o regime Diurno, com aulas de manhã e de tarde. Dispõe de uma rede alargada de Oferta Educativa, tendo em atenção os interesses dos alunos. Desta forma, para além dos cursos orientados para o prosseguimento da formação, são enumeras as possibilidades de frequência de cursos mais focados para a preparação dos alunos para o mundo do trabalho, com habilitações equivalentes ao 3º Ciclo ou ao Ensino Secundário.

Assim, no 3º Ciclo, para além do ensino regular, funcionam também Cursos de Educação e Formação, os chamados CEF, de Operador de Informática e de Empregado de Mesa.

Já no Ensino Secundário, nos cursos Científico-Humanísticos existem os de Ciência e Tecnologia, de Línguas e Humanidades e de Ciências Socioeconómicas. Para além destes, a escola possui também cursos tecnológicos e profissionais que conferem o diploma de equivalência ao 12º ano. Entre eles destaca-se, pela grande procura, o Curso Tecnológico de Desporto. Já dos cursos profissionais, os mais relevantes são o de Técnico de Multimédia e o de Técnico de Apoio Psicossocial.

O ambiente escolar é magnífico e a escola aposta nas relações humanas entre todos os membros que a constituem, de forma a potenciar o seu desempenho, seja enquanto professor, aluno ou funcionário. Para que esta realidade seja possível, o Conselho Executivo por exemplo, caracteriza-se pela sua abertura e disponibilidade para com toda a comunidade escolar, facilitando o acesso e a comunicação, não apenas aos elementos da escola, como também do exterior. É uma escola segura, onde a grande maioria dos funcionários conhece os alunos e professores pelo nome e vice-versa, o que favorece a boa harmonia do meio escolar.

3.4.2) O Grupo de Educação Física

Segundo o protocolo celebrado entre a FADEUP e as várias escolas que com ela trabalham, cada um dos estudantes estagiários foi colocado num núcleo de estágio, numa determinada escola e assim irão fazer parte integrante de um Grupo de Educação Física, no presente ano de estágio. Eu, juntamente com os meus colegas Joaquim Gomes e Tiago Barros, fomos colocados na ESOD e assim formámos o núcleo de estágio número um da já referida escola. Para além do nosso núcleo, existem ainda mais dois, um segundo também com alunos da FADEUP e um terceiro núcleo que é constituído por alunas do ISMAI.

Desde o primeiro dia, em que fomos recebidos pelo nosso Professor Cooperante Francisco Fernandes, que a nossa integração no meio escolar foi deveras muito fácil. Logo no início do ano lectivo o Professor Francisco apresentou-nos ao restante Grupo de Educação Física, constituído por mais dez docentes, e com a nossa presença nas primeiras reuniões, o meu

sentimento foi de que eu fazia parte daquele grupo, não como estagiário mas como Professor. Para este facto, em muito contribuiu a atitude de todos os Professores do Grupo, em especial do Professor Cooperante, que sempre nos respeitaram e trataram como colegas de Profissão e não como simples aspirantes a Professores.

Como no “nosso” Grupo o número de estudantes estagiários quase que iguala o número de docentes, reina o espírito de entreajuda e cooperação entre todos, uma vez que do meu ponto de vista, só assim poderemos retirar e aproveitar o melhor que há em cada um de nós.

Foi também esta a primeira ideia que o Professor Francisco nos tentou passar e desta forma, apesar de o estágio ser uma experiencia individual, em que cada um vivencia situações completamente diferentes, o trabalho de grupo foi sempre uma mais-valia do nosso núcleo de estágio. O facto de já nos conhecermos e trabalharmos juntos antes de encararmos o presente ano lectivo tornou a nossa tarefa mais fácil, pois os hábitos de trabalho e reflexão em grupo já nos eram familiares. Assim conseguimos, através de um bom relacionamento, partilhar e discutir ideias, resolver problemas e encontrar soluções, sempre com a orientação do nosso Professor cooperante, que muito contribuiu para a nossa “construção” ao longo do ano lectivo. Também o restante Grupo contribuiu para este desenvolvimento, embora numa dimensão inferior, uma vez que os debates e discussões construtivas que fomos tendo ao longo do ano lectivo, quer seja em reuniões de Grupo ou em simples conversas informais, enriqueceram a nossa bagagem profissional, de experiencias e vivencias.

Assim sendo, ao Grupo de Educação Física em geral e ao Professor Francisco em particular, devemos um agradecimento especial por nos terem acarinhado e integrado no seio de um grupo que tanto nos ajudou a encontrar um caminho, enquanto futuros Professores.

3.4.3) As condições Espaciais e Materiais

Relativamente ao espaço físico, a escola apresenta dois edifícios de estilo monobloco, com três pisos cada um, onde são leccionadas as aulas de todas as disciplinas, exceptuando a de Educação Física.

Para esta, a escola possui um Pavilhão Gimnodesportivo, semelhante ao que todas as escolas do país têm, e também um espaço exterior, adjacente ao pavilhão, onde foi construído um campo de relva sintética, bastante grande e multifuncional, que nos permite leccionar várias modalidades colectivas, tais como Futebol e Andebol. Para além destes dois espaços, ainda no exterior, existe um terceiro espaço, de menor dimensão, com piso asfaltado, onde estão colocadas quatro tabelas de basquetebol e duas balizas de Andebol / Futsal.

Todas estas condições físicas, que fazem desta escola um espaço privilegiado para a leccionação da nossa disciplina, estão aliadas a condições materiais muito boas, uma vez que a escola possui todo o equipamento necessário para a prática desportiva de todas as modalidades essenciais e ainda, para proporcionar aos alunos o contacto com modalidades, para além daquelas que são consideradas as nucleares, como por exemplo a Escalada, a Patinagem, o Hóquei em Campo ou até o Basebol.

Este cenário torna, teoricamente, a nossa função mais fácil, uma vez que temos à nossa disposição condições excepcionais para exercermos a nossa profissão. Contudo, também este tipo de envolvimento acarreta uma responsabilidade acrescida para os Professores, pois, ao termos todas as condições favoráveis para a leccionação, se algo correr mal no processo de ensino-aprendizagem dos alunos, toda a responsabilidade por esse insucesso será “culpa” do Professor.

Assim, todo o Grupo de Educação Física trabalha no sentido de proporcionar aos alunos um ensino de qualidade, proporcionando-lhes experiências motoras enriquecedoras, devido ao trabalho desenvolvido por cada um dos docentes e simultaneamente variadas, devido às condições matérias e espaciais de que a escola dispõe.

3.4.4) Os Alunos - 8ºD

Cada aluno deve ser considerado como um ser com características particulares, que o distinguem de todos os outros. À semelhança do seu código genético, que o torna diferente de todas as outras pessoas, o Professor também deve considerar que a singularidade de cada aluno influencia de forma determinante o seu processo de ensino-aprendizagem.

Desta forma, conhecer cada um dos alunos da turma, tornasse fundamental para que eu, enquanto Professor, possa responder da melhor forma às necessidades educativas de cada um deles, com o intuito de lhes proporcionar um processo de ensino com uma sequência lógica e ajustada as suas particularidades.

A turma do 8ºD pertence ao 3º Ciclo do ensino regular, é constituída por vinte e cinco alunos, dos quais dez são do sexo masculino e quinze pertencem ao sexo feminino. As suas idades estão compreendidas entre os doze e os quinze anos de idade, uma vez que a turma é composta por seis alunos já repetentes.

Relativamente ao agregado familiar, a maior parte dos alunos vive com os seus pais, ou pelo menos com um deles, sendo que apenas o Ricardo Teixeira vive com a sua tia que é também a sua Encarregada de Educação. Nem todos os alunos vivem perto da escola, uma vez que um quarto dos alunos reside na margem norte do Rio Douro. Os restantes vivem nas freguesias que circundam a escola.

Outro dos dados que considero importante referir é as habilitações literárias dos pais. Segundo o preenchimento dos inquéritos no início do ano lectivo, concluí que o nível de escolaridade dos mesmos é inferior ao da média da Escola (dados fornecidos pelo Relatório Externo da Escola, realizado em 2008), pois mais de metade das mães possuem apenas o 2º Ciclo de escolaridade ou menos e apenas uma delas possui formação superior. Quanto aos pais, a grande maioria não chegou ao ensino secundário. Porém, aqui já encontramos dois que obtiveram um Curso Superior. Estes dados são muito importantes para que eu possa compreender em que contexto socioeconómico vive cada aluno. Não obstante estes dados, os alunos possuem vontade e

interesses muito próprios, e por isso mais de metade da turma pretende enveredar no ensino superior para obter uma formação que lhes permite ter um leque mais alargado de oportunidades profissionais.

Relativamente à minha disciplina, a grande maioria dos alunos demonstra um gosto particular pela Educação Física, seja porque é a única disciplina em que os alunos não estão sentados a uma secretária, seja porque os alunos podem desenvolver-se de uma forma eclética, em todos os domínios, Psicomotor, Sócio-Afectivo e Cognitivo ou simplesmente por que gostam de praticar Desporto. Este facto é comprovado pelas respostas dos alunos ao inquérito, onde na sua grande maioria, afirmam que a Educação Física é a sua disciplina de eleição. Contudo, este facto já não se verifica nos tempos livres dos alunos, pois menos de metade realizam desporto nestes tempos. Este é um dado preocupante e que será alvo de análise mais à frente, uma vez que um dos meus principais objectivos neste ano lectivo passou por incutir na turma, o gosto pela prática desportiva.

Em consequência do que foi referido no parágrafo anterior, tentar incutir nos alunos, hábitos de vida mais saudáveis será uma consequência positiva deste meu objectivo, pois sabemos que os dois factores principais influenciam estes hábitos são precisamente a prática regular de actividade física e a alimentação.

4. REALIZAÇÃO DA PRÁTICA PROFISSIONAL

Realização da Prática Profissional

Este ano de estágio pode ser encarado na nossa formação académica como o topo da pirâmide. Toda a base da mesma foi sendo construída ao longo de anos de vivências e experiências, no sentido de podermos obter uma base sólida, para que agora, seja possível terminar esta construção, que não é mais do que um primeiro passo para o desenvolvimento da nossa “personalidade docente”. Assim, o objectivo geral do estágio, de acordo com as normas orientadoras do EP do 2º ciclo de estudos conducente ao grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da FADEUP, “...visa a integração no exercício da vida profissional, de uma forma progressiva e orientada, em contexto real, desenvolvendo as competências profissionais que promovam nos futuros docentes um desempenho crítico e reflexivo, capaz de responder aos desafios e exigências da profissão.” (p. 3)

Este objectivo geral deve ser considerado como um guia de orientação para o nosso processo de aprendizagem neste ano lectivo, porém, também cada um deve ter o seu objectivo pessoal, mas nunca esquecendo aquele que eu já referenciei. Desta forma, eu pretendo ir mais longe, com trabalho e dedicação à profissão, e por isso o meu objectivo geral para este ano de estágio é, “aprender a ser professor”. Com isto pretendo dizer que através da aplicação de todo o meu conhecimento, pretendo promover um ensino de qualidade, desempenhando de forma crítica e reflexiva a minha função, conseguindo dar uma resposta rápida e eficaz às dificuldades e obstáculos que irei encontrar, e simultaneamente, fomentar nos alunos o gosto pela Educação Física, que é a minha paixão.

Para que este objectivo seja possível de atingir, o meu processo de desenvolvimento enquanto professor estagiário deve ser o mais abrangente e eclético possível, para que eu possa dominar todos os conhecimentos que me permitirão “dominar” a Profissão e que se encontram divididos em quatro áreas: área 1 – **Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem**; área 2 – **Participação na Escola**; área 3 – **Relações com a Comunidade**; área 4 – **Desenvolvimento Profissional**.

Ao longo do presente capítulo irei apresentar sumariamente o trabalho efectuado por mim ao longo deste ano lectivo, porém, com a certeza de que será impossível transcrever para o papel os sentimentos e emoções vividas, num sem número de situações e acontecimentos que por mim foram vivenciadas.

4.1) Área 1 – Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem

“A planificação é o elo de ligação entre as pretensões, imanentes ao sistema de ensino e aos programas das respectivas disciplinas, e a sua realização prática.”
Bento (1987).

Todas as Áreas que integram o nosso EP são determinantes para que possamos ser competentes no exercício na nossa função. Porém, talvez porque esta seja aquela que nos coloca no centro do processo educativo, através das várias etapas que o compõem, a Concepção, o Planeamento, a Realização e a Avaliação, e por isso, foi aqui que apliquei grande parte do meu trabalho, neste ano de estágio.

4.1.1) O Primeiro Impacto

Tudo começou no início do mês de Setembro, mais precisamente no dia 6 desse mesmo mês, onde oficialmente se iniciaram os “trabalhos” de preparação do novo ano lectivo.

Na manhã desse mesmo dia, quando me deslocava para a reunião inicial do EP, foi o momento em que de facto me apercebi que tudo iria começar e que era chegada a altura de “por mãos à obra”.

Ainda nesse dia, após o término da reunião que serviu essencialmente para que pudéssemos compreender os “moldes” em que se iria desenrolar o ano lectivo, conheci, juntamente com os meus colegas de Núcleo, o meu Professor Cooperante, Francisco Fernandes. Após as apresentações, passamos rapidamente para o trabalho e de imediato marcamos a primeira ida à ESOD, no dia seguinte, para conhecermos o “cenário” em que iríamos

representar o “papel” mais importante das nossas carreiras profissionais até ao momento, o de “Professor”.

Entrei na Escola, e de repente a minha memória começou a recordar imagens do meu passado enquanto aluno, numa escola que em tudo se aproximava daquela em que eu me encontrava agora, porém com o pormenor de que agora a minha função era diferente. “É mesmo verdade!” pensei, não obstante ter passado grande parte da minha vida numa escola como aquela, tudo parecia novo para mim. Senti-me quase como no primeiro dia de escola, em que os alunos se sentem um pouco perdidos e desamparados. Porém, o desenrolar do meu percurso académico quis que me voltasse a deparar com aquele meio. Contudo, agora com a enorme responsabilidade de ser o principal impulsionador do acto de educar, e representar o papel principal, o de Professor.

Neste dia, com a ajuda do Professor Francisco, conhecemos a Escola e inevitavelmente, contactamos com algumas das pessoas que nela laboram, entre Professores, Funcionários, etc.

4.1.2) Conceção: uma “Bússola” para o início da “viagem”

Como o início do ano lectivo dos alunos se aproximava, era já na semana seguinte, rapidamente iniciámos a Conceção do processo de ensino-aprendizagem, com a ajuda do Professor, que nos indicou por onde haveríamos de iniciar esta tarefa. Neste sentido, virámos a nossa atenção para a análise de documentos que iriam servir de “Guia” para toda a nossa actuação ao longo do ano lectivo, tal como o Programa Nacional de Educação Física, o Projecto Curricular de Educação Física, entre outros. Esta tarefa, apesar de parecer ter pouca importância, tornou-se fundamental para dar uma sequência lógica e fundamentada a todo o restante processo de ensino-aprendizagem, uma vez que este deve encontrar o seu ponto de partida na concepção e conteúdos dos programas e normas programáticas de ensino (Bento, 1987).

Desta forma, efectuei uma análise atenta destes documentos, para determinar quais as modalidades que iria abordar e quais os principais conteúdos a leccionar em cada uma delas, tendo como referencia o nível de

escolaridade da minha turma, 8º ano. Contudo, nesta fase de precoce do ano lectivo e tendo como base a ideia que está inerente à citação que se encontra no início do ponto **4.1**, aquilo que se pretende realizar, nem sempre é aquilo que na prática ocorre. Desta forma, todos estes documentos foram estudados com alguma cautela e reserva, uma vez que toda a fase que se seguia, de planificação, teria que necessariamente ter como base as necessidades específicas da minha turma. Assim, surgiram-me de imediato algumas dúvidas quanto a aplicabilidade destes documentos, uma vez que o que ali estava proposto poderia, a meu ver, ser impossível de alcançar. Porém. Só iria desfazer estas minhas inquietações quando inicia-se as primeiras Avaliações Diagnósticas, o que não tardou a acontecer.

Havia chegado o primeiro dia de aulas (15 de Setembro de 2010) e não posso negar que a ansiedade e o nervosismo estavam presentes, contudo toda esta envolvência marcou-me de forma profunda e sem dúvida que irei recordar este dia para sempre!

Apesar de já ter adquirido alguma experiência de leccionação no ano transacto, era a primeira vez que me deparava com uma turma inteira (de 24 alunos), que centrava toda a sua atenção em mim. Naquele momento fui invadido por sentimentos contraditórios, uma vez que, se por um lado me senti algo intimidado com aquela situação, por outro lado, fui apoderado por um enorme sentido de responsabilidade. Percebi que aqueles alunos depositavam enormes expectativas no seu novo Professor e nas experiências e vivências que este (eu) lhes poderia proporcionar neste novo ano lectivo. Esta foi de facto a minha preocupação inicial e neste sentido, optei por adoptar uma postura que me permitisse, o mais rápido possível, controlar a turma, mas simultaneamente fazê-los perceber que o meu objectivo era contribuir para que o seu processo de ensino-aprendizagem fosse um sucesso “...a minha atitude perante os alunos, foi uma atitude firme e exigente, não dando “asas” a que os alunos excedessem os “limites” aceitáveis, mas mostrando-lhes ao mesmo tempo que existe tempo para brincar, conversar, etc.” (Reflexão da Aula nº 1 e 2).

Tendo em conta que a partir deste momento eu iria ter que iniciar um processo de planeamento, considerando o conteúdo dos documentos estudados inicialmente (Programa Nacional de Educação Física e Projecto

Curricular de Educação Física) e simultaneamente as características concretas dos alunos a quem se dirige esse processo, esta aula contribuiu em grande medida para que eu pudesse efectuar uma caracterização o mais completa possível de cada um deles. Para isso, o nosso Núcleo de estágio elaborou um Inquérito de Caracterização Individual do Alunos (Anexo 1) e que foi preenchido por cada um deles.

Já no que se reporta ao controlo da turma, logo nesta aula defini com os alunos algumas regras de forma a evitar comportamentos menos próprios, *“Desde logo, e para um melhor funcionamento da aula, combinámos regras de comportamento, e participação dos alunos na aula. Eles perceberam que podem e devem intervir nas aulas de Educação Física, pois esta é predominantemente prática, mas de forma organizada e regrada. Ao mesmo tempo que devem respeitar o professor, quando este fala, intervém, explica os exercícios, etc., devem também respeitar, ouvir, ajudar, etc., os seus colegas.”* (Reflexão da Aula nº 1 e 2).

O primeiro passo da minha longa caminhada na procura de desenvolver a minha competência enquanto Professor estava dado, a partir daqui a palavra de ordem era “trabalhar” pois, nada se consegue sem trabalho!

Assim sendo, o ponto de partida para desenvolver esta competência e aplicar os meus conhecimentos na realização da prática pedagógica, foi a planificação.

4.1.3) Planificação: o “elo” de ligação entre as pretensões e a realização

A Planificação pode ser considerada como o mediador entre a concepção e a realização, uma vez que é através deste planeamento que as indicações contidas nos programas são colocadas em prática, tendo em conta as condições pessoais, sociais, materiais e locais (Bento, 1987). Assim, o Professor deve encarar esta etapa com muita seriedade e empenho, pois esta condiciona todo o processo de ensino-aprendizagem.

Assim sendo, tendo eu presente que devemos ter como referência três níveis de planeamento, anual, unidade didáctica e aula (Matos, 2010) rapidamente iniciei esta tarefa que se mostrou ao longo do ano, de uma importância assinalável.

Comecei então por realizar o Planeamento Anual, e aqui deparei-me com o primeiro obstáculo, o *roulement*. Tenho que confessar que não era totalmente conhecedor do funcionamento desta “ferramenta” de trabalho, que consiste fundamentalmente num ciclo de rotatividade dos Professores, por um período de tempo (no caso da nossa escola, 3 semanas), após o qual há troca do espaço de leccionação da aula. Contudo, em conjunto com os meus colegas de Núcleo e com o Professor Francisco, rapidamente compreendi a dinâmica do seu funcionamento.

Posto isto pensei “há que iniciar o planeamento e decidir que modalidade leccionar em cada período de três semanas”. A minha prioridade, tal como a dos meus colegas, aquando da elaboração deste planeamento, centrou-se em dois aspectos. Por um lado, adequar a modalidade ao espaço que temos para leccionar uma vez que, por exemplo, o espaço exterior é melhor para abordar o Futebol e o Andebol, já no interior a Ginástica e o Voleibol são as modalidades mais indicadas. Por outro lado, tentámos equiparar o número de horas entre todas as modalidades a leccionar, para que nenhuma ficasse prejudicada e assim proporcionar aos alunos, experiências desportivas em cada uma delas, mais ou menos idênticas no que respeita à carga horária.

Ainda neste nível de planificação, “dei de caras” com a necessidade de elaborar Modelos de Estrutura do Conhecimento para cada uma das modalidades, estes que são baseados no Modelo sugerido por Vickers (1989). A contribuição que estes Modelos têm para a optimização do processo de ensino-aprendizagem é inegável, uma vez que eles permitem adequar as orientações dos programas da disciplina, à realidade com que nos deparamos, condições da escola, meio em que esta se insere e turma a que se destina.

Desta forma, apesar da complexidade e das muitas horas de trabalho dispendidas na elaboração destes documentos, eles constituíram uma ajuda fundamental ao longo de todo o ano. Cada um deles forneceu-me as bases teóricas fundamentais, tendo em conta as condições materiais e humanas envolventes. Foi quase como que desenvolver uma “bússola para nos orientar no nosso caminho”, sempre que fosse necessário.

Apesar de parecer simples elaborar o planeamento neste nível (anual), ele condiciona os restantes e desta forma coloquei todo o meu empenho e esforço para concluir esta tarefa, fiz, refiz e voltei a fazer até que tudo me pareceu correcto.

Após ter concluído a planificação deste nível, claro está sob a supervisão do Professor Francisco, que nos forneceu as “dicas” fundamentais para a correcta preparação do mesmo, pude concluir que a abordagem de cada modalidade iria ser realizada por etapas. Assim, a prática seria segmentada em conjuntos de “x” aulas até concluir a Unidade Didáctica, precisamente devido ao *roulement*.

Este facto deixou-me algo expectante pois não sabia como iriam os alunos reagir, em termos de aprendizagem, a este tipo de abordagem didáctica.

Contudo, com o inicio das aulas e a realização das Avaliações diagnóstico à medida que ia abordando cada uma das modalidades, iniciei a elaboração das Unidades Didácticas, que confesso não foram um “bicho de setes cabeças” para mim. Este facto ficou a dever-se à experiência adquirida no ano transacto, onde já havíamos realizado muitas, nas disciplinas de didáctica referentes a cada modalidade. Desta forma, a estruturação das mesmas já me era familiar. Não obstante este facto, a verdade é que na elaboração de cada uma das Unidades, me deparei com um desfasamento enorme, entre as reais capacidades dos alunos e o que o Programa Nacional de Educação Física propõe para cada uma das modalidades. Desta situação posso referenciar alguns exemplos, na Ginástica de Solo a realização da **Cambalhota à retaguarda com passagem por pino**, ou até no Voleibol onde é sugerida a exercitação do **Passe alto de costas e do Remate com salto**.

Sendo assim, e não esquecendo a orientação deste Programa, adaptei os conteúdos de cada modalidade às necessidades da minha turma, não perdendo de vista o objectivo de estimular a sua aprendizagem. Neste sentido, optei sempre por colocar a “fasquia” um pouco mais alta para ver o que daí resultava. A minha lógica de pensamento assentou sobretudo na procura de uma sequência coerente e objectiva da matéria de ensino, conseguindo

articular o desenvolvimento de todos os domínios, Psicomotor, Psicossociais e Cognitivo.

Toda esta morosa e intrincada tarefa de planificação teve como clímax a sua aplicação prática, que mais não foi do que o desenvolvimento do ultimo nível de planeamento, o de cada um dos planos de aula (Anexo 2).

Apesar de ter referido que a planificação foi realizada em três níveis distintos, é importante salientar que estes são indissociáveis, pois estão intimamente ligados e influenciam-se mutuamente. Desta forma, as primeiras semanas de aulas, com a necessidade de planificar a vários níveis, foram cheias de peripécias e dificuldades e a realização dos primeiros planos de aula não foram uma excepção.

Não sei se por este ser o documento mais específico no que toca ao planeamento, uma vez que diz respeito ao que na prática vamos realizar com a turma em cada aula, o que é facto é nos primeiros tempos não foi nada fácil. Elaborar planos, tendo em conta os conteúdos que estavam programados em cada Unidade Didáctica, tornou-se um desafio. De facto, a procura da perfeição, dos exercícios mais adequados, do tempo de exercitação apropriado para cada um deles, causou-me algumas “dores de cabeça” e exigiram de mim uma entrega total. “Obrigaram-me” a pesquisar, “puxar” pela imaginação e posteriormente a reflectir sobre eles. Para além disto, outra das preocupações que me assolava era o facto de eu estar a realizar um plano de aula, mas estar já, simultaneamente, a idealizar quais as progressões que poderia efectuar nas próximas aulas. Neste sentido, o meu receio era não conseguir articular de forma correcta os níveis de dificuldade e de complexidade de cada exercício, de forma a adequar os mesmos às necessidades da turma, como ilustram a minha Reflexão da Aula nº 7 e 8 *“Começando esta reflexão pelo aquecimento com bola, verifiquei de imediato que o espaço que os alunos dispunham para a realização do mesmo era demasiado. Passados 2 ou 3 minutos resolvi alterar o exercício e limitar o espaço do exercício a apenas meio campo de andebol. Como inicialmente o espaço era demasiado, os alunos praticamente não tinham que ter em atenção o posicionamento dos colegas e assim a tarefa tornava-se demasiado fácil.”*

Contudo, rapidamente ultrapassei esta barreira, através das inúmeras reflexões, quer individuais, que efectuei sobre cada aula, quer em grupo, que

se basearam em conversas e discussões construtivas com os meus colegas de Núcleo, com o Professor Francisco e com o orientador de estágio, o Professor Guilherme. Desta forma, de dia para dia se tornava mais fácil e rápido elaborar um plano de aula, a minha cabeça trabalhava quase de forma autónoma e mesmo antes de passar para o papel cada um deles, este já tinha sido fabricado na minha imaginação. Esta realidade tornou cada vez mais rápida e simples a realização deste planeamento diário.

A posta em prática de todo este processo, como já referi, tornou-se a tarefa que mais prazer me deu, ao longo de todo o ano, “dar as aulas”. O facto de o acto educativo se caracterizar por ser uma pratica estritamente humana (Carreiro da Costa, 1995), fez com que o contacto com os alunos fosse um prazer. Presenciei, de forma continua, à alegria com que os alunos vêm para a aula, senti a sua vibração em cada tarefa, em cada despique de bola, tal como eu referi no PFI, *“Aquilo que me faz ter vontade de todos os dias trabalhar cada vez mais e melhor é a satisfação que me dá, poder contactar com os meus alunos e sentir o carinho com que eles me tratam, bem como a motivação que demonstram quando chegam à minha aula.”*.

Assim sendo, a prática pedagógica, mesmo de forma inconsciente, tornou-se na tarefa em que eu mais me empenhei e trabalhei para melhorar a minha competência. Foi precisamente aquela, que de facto me fez sentir que todos os anos que despendi na minha formação académica valeram a pena. Talvez devido a este facto, tenha sido na sua realização que surgiram os principais obstáculos a enfrentar e que foram superados com menor ou maior dificuldade.

4.1.4) Realização: um desafio à minha altura!

Na “arte de ensinar”, eu iniciei este ano lectivo apenas como um principiante, e por isso, muitas foram as preocupações e inquietações em todos os domínios que compõem o EP. Contudo, a prática pedagógica, tal como eu referi anteriormente, foi a tarefa que se colocou diante de mim e realmente me fez frente.

Assim, a primeira barreira com que tive de me deparar foi uma turma de 24 alunos, cheios de vontade de realizar as aulas de Educação Física, mas

muito irrequietos e hiperactivos. Por isso, tal como nos foi transmitido na nossa formação e reforçado pelo nosso Professor Cooperante, um Mestre na “arte de ensinar”, o primeiro passo para conseguirmos obter resultados positivos, é conseguir obter um controlo da turma. Desta forma, poderemos numa fase posterior, centrar a nossa intervenção no ensino dos conteúdos específicos da matéria de ensino.

Neste sentido, como já referi, numa fase inicial a minha preocupação foi exactamente em tentar estabelecer um conjunto de regras e rotinas, junto dos alunos. Estas, que foram sendo estabelecidas, exercitadas, e consolidadas, permitiram-me numa primeira fase, evitar comportamentos desviantes dos alunos em relação as tarefas e, conseqüentemente, “dar” de forma crescente, autonomia aos alunos. Porém, após leccionadas as primeiras aulas e sempre tendo em conta o sucesso do processo de ensino-aprendizagem, comecei a direccionar a minha atenção para o tempo de exercitação dos alunos em cada aula. Assim sendo, como após a resolução de um problema nos surgem em seguida outros, deparei-me com mais uma barreira a transpor, a tentativa de gerir os tempos da aula de forma a potenciar o tempo de prática.

Não é difícil compreender que a falta de experiência se traduza numa menos eficaz gestão dos tempos da aula, pois, os professores mais experientes conseguem realizar as transições de uma forma mais rápida e dinâmica (Rosenshine, 1978). Este facto pode traduzir-se num maior tempo de prática dos alunos. Não podemos afirmar que existe uma relação directa entre os resultados da aprendizagem dos alunos e as oportunidades de prática. Contudo, o que é certo é que se torna difícil imaginar a possibilidade de ocorrer aprendizagem sem que estes disponham de oportunidades de exercitação (Carreiro da Costa, 1995).

Assim sendo, e tentando contrariar a ideia de Rosenshine (1978), apesar de a minha experiencia enquanto Professor ser praticamente nenhuma, procurei encontrar estratégias para diminuir o tempo dispendido em cada aula com tarefas de gestão. Entre elas devo destacar as que me parecem mais simples mas ao mesmo tempo as que sortiram mais efeito. Devo salientar, por exemplo, a preparação e montagem de todo o material necessário para a aula,

antes da mesma se iniciar, o que optimizou o tempo de transição entre cada actividade. Para além desta, também a formação de grupos de trabalho com cores distintas, através do uso de coletes, logo no início da aula, que me permitiu mais facilmente organizar os alunos e reestruturar os grupos no decorrer da mesma se necessário. Estas soluções, apesar de à primeira vista parecerem elementares, permitiram-me “poupar” muito tempo na organização da estrutura da aula, tal como eu referi na Reflexão da Aula nº 27, *“A organização da aula, foi a meu ver, um ponto forte da mesma, uma vez que o espaço estava já previamente preparado para os exercícios a realizar... no seguimento da boa organização da aula, uma nota rápida para o tempo de empenhamento motor dos alunos, que foi muito bom, devido exactamente ao pouco tempo de espera e de transição entre exercícios, pelas razões que já expliquei anteriormente e também devido ao facto de as equipas serem realizadas logo no início da aula...”*

O desenvolvimento e aplicação prática de estratégias e soluções para combater os principais problemas que me lavavam a perder tempo em cada aula, levaram-me a concluir, através de uma reflexão contínua e diária, que na realidade, a potenciação das oportunidades de aprendizagem estavam dependentes, em grande medida, da minha actuação (Carreiro da Costa, 1995). Por conseguinte, com esta enorme responsabilidade nos meus ombros, tentei sempre actuar com o pensamento nos meus alunos e no seu processo de ensino-aprendizagem.

Assim, a reflexão foi uma grande aliada ao longo de todo o ano, porém, no início do mesmo, devido à falta de experiencia, ela foi ainda mais determinante, para que eu pudesse dar continuidade ao meu trabalho enquanto Professor (estagiário) e conseguir superar as dificuldades com que me fui deparando.

Posto isto, após ter melhorado o fluxo e a dinâmica das actividades no decorrer da aula, através da diminuição dos tempos de transição entre cada tarefa, e consequentemente ter potenciado o tempo de prática dos alunos, debrucei-me sobre outro aspecto que logo desde o início do ano me apoquentou. e que também contribuiu para uma menos eficaz gestão dos tempos de aula, mas que optei deixar para segundo plano, no sentido de solucionar problemas mais urgentes, como os que já referi anteriormente. Este

problema, que também contribuiu para uma menos eficaz gestão dos tempos de aula, tem a ver com a forma como cada tarefa era apresentada aos alunos. No entanto, no sentido de solucionar problemas mais urgentes, como os que já referi anteriormente, optei por colocá-lo em “lista de espera”.

Por outras palavras, posso afirmar que no início do ano perdia algum tempo a tentar explicar aos alunos qual a tarefa a realizar, tal como referi na Reflexão da aula nº 4 e 5 *“Passando agora para o jogo que realizei com a turma, uma “estafeta de ginástica”, após estes terem terminado a avaliação, não correu como eu tinha planeado. Um exercício que deveria ter a duração de 10 minutos demorou quase o dobro para ser posto em prática. Qual foi então o problema? O principal foi o facto de o número de elementos de cada grupo/ equipa não ser igual, existiam equipas de 4 elementos e equipas de 5. Nestas situações o que normalmente se faz é transmitir ao primeiro elemento de cada equipa, que tem apenas 4 elementos, para realizar mais uma vez o percurso, possibilitando assim que todas as equipas fizessem no total o mesmo número de percursos. Os alunos não estavam a perceber, não sei se por uma deficiente explicação minha, se por estarem excitados com o jogo, porém o facto é que perdi imenso tempo na explicação, mais do que na sua execução propriamente dita.”*

Deste modo, após compreender que as exposições são o principal meio através do qual é comunicado o conteúdo dos exercícios aos alunos (Leinhardt et al. 1991) apercebi-me o quão importante era reflectir mais pormenorizadamente acerca desta temática, para encontrar soluções que me fizessem melhorar a forma como eu apresentava as tarefas aos alunos.

Assim, o primeiro passo teve como base perceber qual seria a forma mais rápida e eficiente de efectuar esta tarefa. Por um lado, tentar diminuir o tempo de exposição e consequentemente aumentar o tempo de prática dos alunos. Por outro lado, tentar realizar esta tarefa com o máximo rigor e adequação do conteúdo informativo, para que os alunos pudessem assimilar a informação fundamental, optimizando assim o seu desempenho na mesma.

A minha primeira estratégia, no sentido de melhorar a qualidade da exposição, foi centrar-me nos aspectos que eu considerava fundamentais, para que os alunos pudessem compreender e realizar correctamente cada um dos exercícios. De facto, nas primeiras aulas senti algumas dificuldades em transmitir aos alunos a forma como se realizava cada exercício, uma vez que a minha instrução era demasiado detalhada e extensa. Esta situação tornou-se

prejudicial, influenciando a sua compreensão, principalmente por estes se encontrarem ainda numa fase inicial da aprendizagem (Glencross, 1992).

Posto isto, para tentar encontrar um ponto de equilíbrio na instrução das tarefas, optei por centrar-me no essencial.

Esta solução melhorou substancialmente a minha explicação verbal, todavia, em algumas situações, os alunos tinham alguma dificuldade em “visualizar” a tarefa que lhes era pedida e por isso tinham dificuldade em realiza-la. Assim, ainda não totalmente satisfeito com o efeito que esta produzia nos alunos, comecei a recorrer à demonstração, como forma de complementar a minha explicação. De facto, verifiquei que através da utilização, em simultâneo, da exposição e da demonstração, os alunos conseguiam “ver” a tarefa que tinham que realizar (Rink, 1994; Darden, 1997). Este facto, despoletou uma diminuição drástica do tempo dispendido na apresentação das tarefas. Desta forma, recorrendo a duas soluções muito simples, consegui otimizar ainda mais a gestão dos tempos de aula.

Contudo, como quando encontramos a solução para ultrapassar uma dificuldade, surge logo adiante uma nova barreira a transpor, tornou-se para mim evidente que para que os resultados da sua aprendizagem comesçassem a ser mais visíveis, a minha atitude e intervenção junto deles teria que ser mais incisiva e objectiva. Apesar de os meus alunos estarem agora a praticar mais tempo, a minha postura teria que ser melhorada, tendo em conta os objectivos por mim delineados para cada modalidade, tal como eu reflecti na Aula nº 19 e 20 “...o incentivo dado aos alunos e a motivação que lhes tento transmitir não chega para que eles aprendam. Aqui entramos num capítulo que é deveras importante, o conteúdo de cada feedback. Dizer “boa, vamos lá”, “joga, é isso mesmo” não chega, a especificidade do feedback é também muito importante para que os alunos comecem a perceber quais os seus erros e como melhorar. Desta forma, tendo em conta que também o nosso processo de aprendizagem enquanto profissionais de Educação acontece por etapas, tentarei na próxima, ter mais atenção à especificidade dos meus feedbacks no sentido de conseguir ajudar a corrigir a turma perante as suas dificuldades, principalmente ao nível táctico.”

De facto, a nossa intervenção junto de cada aluno, sobretudo com Feedbacks específicos sobre a matéria de ensino são um dos factores que mais contribuem para os resultados efectivos da sua aprendizagem (Piéron &

Piron, 1981). Sendo assim, a partir do momento em que deixei os problemas encontrados na fase inicial para trás, optei por tentar desenvolver a minha competência nesta temática, através de muita pesquisa e reflexão.

A minha atenção passou a centrar-se no processo de ensino dos alunos e em tentar que a minha intervenção fosse “rica”, em termos de conteúdo. Neste sentido, propus-me debruçar sobre este tema, ou seja, a qualidade (tipo) e quantidade de Feedbacks, de forma a otimizar a minha intervenção neste aspecto.

Tendo eu a consciência de que o papel que Professor desempenha no sentido de ajudar os alunos na aprendizagem é determinante para o sucesso dos mesmos. De facto, uma das funções que cabe ao docente é o de observar a exercitação do aluno e consequentemente fornecer Feedbacks adequados, para que este possa potenciar a sua performance quer a nível motor quer a nível cognitivo. Esta minha convicção é corroborada por Sarmento et al. (1993), pois este conjunto de autores afirmam que o valor pedagógico dos Feedbacks tem assumido cada vez mais um papel central na eficácia do ensino, não só porque reforça o padrão motor de execução do aluno, mas também porque o motiva a fazer mais e melhor. Por esta razão se tornou para mim evidente que, a consciencialização acerca da quantidade e dimensão dos Feedbacks utilizados por mim no decorrer das aulas de Educação Física é com certeza decisivo para que eu possa melhorar o meu processo de instrução. Assim, poderei, com certeza, tornar o processo de ensino-aprendizagem mais eficaz.

Ao estudar a tipologia dos Feedbacks emitidos nas aulas pretendo em primeiro lugar, tomar consciência da minha intervenção, analisá-la. Posteriormente, pretendo reflectir acerca da mesma, no sentido de introduzir as alterações necessárias à melhoria dessa mesma instrução. Para isso, esta reflexão deve ser feita ao nível do planeamento dos Feedbacks, o que é planeado e o que facto é realizado e ao nível da instrução, ou seja, analisando o conteúdo dos Feedbacks emitidos.

Para fundamentar o estudo desta temática e também para melhor compreender os conceitos mais importantes acerca da mesma, irei começar por realizar uma breve revisão da literatura. Seguidamente irei expor os

objectivos principais do estudo, a metodologia que irei utilizar, bem como os materiais necessários. Posteriormente, depois de analisados os dados recolhidos, irei realizar a reflexão acerca dos resultados obtidos. Como esta iniciativa visa a consciencialização e posterior melhoramento da minha instrução, de seguida, irei tentar introduzir as melhorias que advieram da reflexão efectuada acerca dos resultados obtidos para verificar se na realidade a minha intervenção pedagógica sofreu uma evolução positiva. Por último, irei apresentar as conclusões por mim retiradas do estudo.

Revisão da Literatura

O Papel da Comunicação na Instrução Pedagógica

Segundo Rosado e Mesquita (2009), a instrução é parte integrante do processo de ensino aprendizagem, uma vez que está directamente relacionada com os objectivos e a matéria de ensino. Assim sendo, segundo os mesmos autores, a instrução pode ser considerada como a “base” da estruturação e modificação das tarefas de aprendizagem, pois da sua correcta adequação a todo o envolvimento do processo de ensino, depende em grande medida a aprendizagem dos alunos. Assim, podemos assumir que a instrução pode ser realizada através de todos os comportamentos verbais e não-verbais, como por exemplo, a demonstração, a explicação, o Feedback, entre outras maneiras de comunicar, que estejam profundamente relacionados com os objectivos da aprendizagem.

Assim, a comunicação nas suas mais variadas formas, assume-se declaradamente como o meio principal para transmitir a instrução aos alunos, pois tal como referem Rosado e Mesquita (2009), a capacidade comunicativa de um Professor pode ser considerado como um dos factores que mais “peso” tem na eficácia pedagógica, no que ao contexto de ensino das actividades físicas e desportivas diz respeito.

Sabendo nós da influência que a comunicação tem no processo de instrução e partindo do pressuposto, ainda segundo os mesmos autores, que os processos de comunicação compreendem uma troca e assimilação de

conteúdos entre os diversos intervenientes no processo, esta pode assumir as mais variadas funções:

- Informação (instrução para facilitar as aprendizagens);
- Controlo (controlo do comportamento dos atletas);
- Motivação (apresentação de objectivos);
- Expressão emocional (expressão de satisfação).

Contudo, não obstante as múltiplas funções que a comunicação pode assumir no processo que envolve Professor e Aluno, sem duvida que a instrução dos conteúdos pretendidos, surge no topo da lista como motivo principal da sua utilização (Rosado & Mesquita, 2009). Posto isto, e tendo eu tomado consciência da importância que a comunicação assume relativamente ao processo de instrução, em particular, e a todo o processo de ensino, de uma forma geral, torna-se decisivo para o Professor, compreender qual a melhor forma de comunicar com os alunos para que o processo de ensino-aprendizagem seja o mais eficaz possível e quais os factores que poderão influenciar este mesmo processo.

Processo de Comunicação: O que devemos ter em conta?

Constatada a importância do processo de comunicação, devemos agora ter consideração que o facto de este processo envolver “pessoas”, Seres Humanos, e o facto de cada um deles ter as suas características próprias, ou seja, cada indivíduo ser único, faz com que todo o processo de comunicação tenha que ser pensado e formulado tendo em conta os destinatários do mesmo.

Assim sendo, no processo de ensino-aprendizagem, quando nos encontramos a comunicar com os nossos alunos deveremos considerar os seguintes aspectos (Rosado & Mesquita, 2009):

- A **Percepção Selectiva**, que nos diz que o aluno só vê e escuta aquilo que lhe interessa, tendo em conta as suas necessidades, motivos, interesses, entre outros;
- A **Sobrecarga de Informação**, ou seja, os alunos possuem uma capacidade limitada de processar a informação e por isso devemos

cingir-nos ao essencial para que eles possam reter essa informação;

- A **Linguagem** que utilizamos com uma turma do 12º ano não pode ser a mesma a utilizar com uma turma do 5º, uma vez que as palavras têm significados diferentes para pessoas diferentes;
- O **Receio de Comunicar** que está presente nos alunos, devido ao receio que estes têm relativamente à reacção dos colegas, do professor, etc.

Assim, depois de analisar todos estes factores que influenciam de sobremaneira todo o processo de comunicação, é importante não esquecer que devemos sempre tê-los em conta quando estamos a comunicar uma instrução aos alunos, ou quando lhes estamos a fornecer um feedback, pois corremos o risco, se não tomarmos estes factores em linha de conta, de que a nossa intervenção não tenha qualquer impacto positivo junto do aluno.

Feedback

Segundo Rocha (2009), o Feedback pode ser entendido como o procedimento que se baseia no fornecimento de informação a um indivíduo sobre a sua performance, conduta ou atitude, com o objectivo de orientar essa mesma pessoa no sentido da correcção de uma ou mais acções determinadas, realizadas anteriormente. No fundo, o intuito do Feedback, para quem o fornece, é o de mostrar à outra pessoa como é que nós o vimos, para que ela possa potenciar o seu desempenho ou reajustá-lo ao objectivo por nós estabelecido.

Esta será a base do Feedback utilizado no ensino, ou seja do Feedback Pedagógico. De facto, vários autores (Carreiro da Costa, 1988; Graça, 1991; Rodrigues, 1995; Rosado & Mesquita, 2009) enfatizam a importância do Feedback e utilização do mesmo por parte do professor no processo de ensino, uma vez que afirmam que este é uma variável com grande valor preditivo sobre a maximização dos resultados da aprendizagem.

Assim, visto a importância que o Feedback terá relativamente ao sucesso da aprendizagem dos alunos, tornasse essencial contextualizar a sua

definição, tendo em conta que a nossa área é a Educação Física. Desta forma, segundo Piéron (1999), o feedback pode ser entendido como uma informação que é transmitida ao aluno, com o objectivo de o ajudar a realizar as habilidades motoras pretendidas, eliminar os padrões motores incorrectos, para atingir os resultados pretendidos.

A utilização do Feedback por parte do Professor deve-se principalmente a duas questões essenciais e que são fulcrais para a optimização do desempenho dos alunos. Por um lado, ao fornecermos o Feedback ao aluno, estamos a ajudá-lo a compreender quais são os padrões motores de referência por nós pretendidos numa determinada actividade para que este possa posteriormente executá-los correctamente (Rosado & Mesquita, 2009). Por outro lado, o feedback também tem um valor motivacional muito elevado e que contribui para o aumento do desempenho dos alunos numa determinada tarefa, uma vez que se o aluno se sentir observado pelo Professor, vai querer efectuar a tarefa que lhe foi pedida, da melhor forma possível, para que posteriormente, o professor lhe forneça um feedback relativamente ao seu desempenho (Rink, 1985).

Estes dois aspectos não podem ser descurados por parte do Professor, pois, para que este possa melhorar cada vez mais o seu desempenho, a intervenção contextualizada e adequada junto dos alunos (através da emissão de feedbacks) assume-se como um dos principais contribuintes para que os alunos possam elevar a sua aprendizagem, bem como os seus níveis de motivação nas aulas.

Tendo em conta este cenário, que enfatiza a importância da utilização dos Feedbacks adequados ao contexto em que são fornecidos, para que eu possa potenciar a minha intervenção junto dos meus alunos, irei de seguida analisar todo o envolvimento em redor dos Feedbacks, ou seja, quais os tipos de Feedback a utilizar nas aulas, qual o conteúdo que estes devem apresentar e por fim, a importância do planeamento para a correcta utilização dos Feedbacks.

Os Tipos de Feedback

Como já vimos anteriormente, o Feedback corresponde, na sua generalidade, a uma informação que o professor fornece ao aluno, no sentido de melhorar a qualidade do seu desempenho. Contudo, esta informação que o docente transmite ao aluno esta dependente da resposta que este dê relativamente à instrução inicial do professor, ou seja, para que o professor emita um feedback, é necessário estar a observar um aluno, analisar o seu comportamento motor e rapidamente emitir um Feedback de acordo com a resposta motora do aluno.

Assim sendo, a capacidade de observar e analisar rapidamente a realidade é essencial para que o professor consiga fornecer um Feedback ao aluno, em função da sua acção. Porém, para que seja possível ao professor observar e analisar rapidamente a situação, este necessita de possuir um conhecimento profundo acerca da matéria de ensino, uma vez que *“uma das maiores lacunas na qualificação do feedback situa-se na dificuldade de os agentes de ensino diagnosticarem as insuficiências dos praticantes, não raramente derivada da falta de domínio do conteúdo.”* (Rosado & Mesquita, 2009, p.83).

Após todo este processo complexo que leva o professor a fornecer um feedback ao aluno surge uma questão pertinente, qual o Feedback mais adequada à situação que eu estou a presenciar? Desta forma, é de fulcral importância, perceber os tipos de feedback que existem e consequentemente, quais as funções de cada um no processo de ensino, pois só assim poderemos adequar o Feedback à situação com que nos deparamos.

Assim sendo, segundo Rosado e Mesquita (2009), tradicionalmente, o conteúdo informativo do feedback é classificado em duas grandes categorias: conhecimento da performance (CP) e conhecimento do resultado (CR). Enquanto que a primeira categoria nos remete para a informação centrada na execução dos movimentos, ou seja, para o processo, a segunda referencia-se à informação relativa ao resultado pretendido através da execução da habilidade.

Passando agora para uma análise mais pormenorizada dos feedbacks durante a prática, segundo Batista et. al (2009), após uma adaptação de um colectivo de autores (Fishman, Tobey, 1978; Piéron, Delmelle, 1982; Mesquita et. al, 2008 e Hastie, 1999; cit. por Batista et. al, 2009), estes sugerem as seguintes subcategorias:

No que diz respeito à **Natureza** dos Feedbacks:

- Prescritivo – o professor dá indicações e estabelece uma solução que o aluno deve cumprir. Ex: “coloca as mãos em forma de triângulo”.
- Descritivo – o professor descreve a forma como o aluno executou determinada acção. Ex: “tinhas o teu colega sozinho e não lhe passas-te a bola”.
- Interrogativo – o professor questiona o aluno acerca do seu desempenho. Ex: “Com que parte do corpo recebes-te a bola?”.
- Positivo avaliativo / encorajamento – o professor avalia de forma positiva o desempenho do aluno e encoraja-o. Ex: “isso mesmo, vamos!”.
- Negativo avaliativo / reprimenda – o professor avalia de forma negativa o desempenho do aluno, desaprovando-o ou punindo-o. Ex: “estás parado e não te desmarcas. Não te quero parado”.
- Informação de “atenção” – o professor dá indicações para que o aluno preste atenção. Ex: “Vais prestar atenção ao que eu estou a dizer!”.

Já no que à **Direcção** dos Feedbacks diz respeito, também segundo Batista et. al (2009), após uma adaptação de um colectivo de autores (Fishman, Tobey, 1978; Piéron, Delmelle, 1982; Mesquita et. al, 2008 e Hastie, 1999; cit. por Batista et. al, 2009) estes podem ser classificados da seguinte forma:

- Individual – informação transmitida pelo professor dirigida a um único aluno. Ex: “ó João desmarca-te dos adversários”.
- Grupo – informação transmitida pelo professor dirigida a dois ou mais alunos. Ex: “equipa azul, ocupem o espaço vazio”.
- Turma – informação transmitida pelo professor dirigida a toda a turma. Ex: “o primeiro toque é dirigido para o passador”.

Conteúdo dos Feedbacks

Após ter analisado os tipos de Feedback, bem como as suas funções específicas, tornasse agora pertinente reflectir acerca do conteúdo dos mesmos.

De facto, os docentes menos experientes, poderão com alguma facilidade, conseguir adequar o tipo de Feedback à situação com que se deparam, contudo, ajustar o seu conteúdo às necessidades efectivas dos alunos, bem como a sua quantidade, tornasse uma tarefa mais complexa, que sobretudo, exige prática e experiência.

De acordo com Piéron (1999), e tendo em conta os tipos de Feedback já apresentados, aqueles que deveriam ser mais utilizados pelos professores são os descritivos e os prescritivos. Por um lado, os descritivos ajudam o aluno a “visualizar” a sua acção, e assim consciencializam-se dos erros cometidos, podendo assim, de forma autónoma, tentar corrigir as suas acções motoras. Por outro lado, os prescritivos, onde é o próprio professor a apresentar as soluções, assumem também um papel de destaque no processo de ensino-aprendizagem dos alunos, segundo o mesmo autor. Também de acordo com Cushion (2001, cit. Por Rosado e Mesquita, 2009), os feedbacks com um conteúdo mais específico, ou seja, os descritivos e prescritivos, contribuem de forma mais efectiva para as aprendizagens dos alunos, na medida em que contêm informação específica que pode facilitar as aprendizagens. Por outras palavras, não basta fornecer a informação aos alunos de que a sua acção motora foi bem ou mal executada, é necessário mais do que isso, é essencial fornecer-lhes informação acerca do que é considerado correcto ou incorrecto e o que fazer posteriormente para que estes possam melhorar (Rosado e Mesquita, 2009)

Numa escala de importância hipotética, num nível inferior, surgem os feedbacks avaliativos, pois apesar de não contribuírem directamente para a aprendizagem dos alunos, devem ser utilizados por parte do professor para incentivar e motivar os alunos para as tarefas da aula.

No que toca à direcção dos Feedbacks, segundo Rosado (1988, cit. Por Rosado & Mesquita, 2009), a grande maioria dos mesmos deve ser individual,

de forma a garantir a necessária individualização das correcções do professor. Porém, de acordo com Rosado e Mesquita (2009), se os níveis de prática em que se encontram os alunos forem idênticos e se os erros de execução forem consecutivamente idênticos, os feedbacks podem ser também dirigidos a esse grupo de alunos ou mesmo a toda a turma. *“Os feedbacks dirigidos ao grupo constituem, também, uma forma de modelação de comportamentos, isto é, de utilizar o comportamento de um indivíduo como um exemplo para os outros imitarem.”* (Rosado & Mesquita, 2009, p.90).

Passando agora para a quantidade e frequência com que os professores devem emitir os feedbacks, não existem valores pré-definidos ou estabelecidos, contudo, estes dois aspectos não devem ser descurados, uma vez que, segundo Rosado e Mesquita (2009), o feedback deve ser relativamente frequente, sendo desejável que cada praticante receba uma quantidade apreciável de informação acerca das suas acções motoras.

Todas estas variáveis devem ser tidas em conta para que cada Feedback seja o mais apropriado e adaptado à situação com que o Professor se depara, uma vez que só assim poderá contribuir para uma melhoria do processo de ensino dos alunos.

Importância do Planeamento na apropriação dos Feedbacks

A profissão do Professor não se inicia na sala de aula, muito pelo contrário, anteriormente à mesma, já o docente concebe e planeia os conteúdos que irá leccionar, as tarefas de aprendizagem a utilizar e os objectivos a cumprir. Porém, não raras vezes, acontecem situações que nos levam a ter que alterar o que previamente estava estipulado, e apenas um professor que possua um profundo conhecimento da matéria de ensino, conseguirá alterar toda a conjuntura de aprendizagem, de modo a que esta passe a estar novamente adequada aos alunos.

Na adequação dos Feedbacks à situação com que o professor se depara, acontece o mesmo cenário, ou seja, é imperativo que este domine o conteúdo de ensino, pois só assim poderá, tal como sugere Rink (1993), seleccionar os aspectos determinantes e actuar junto dos alunos.

Assim sendo, também na acção de concepção e planeamento, que antecede a aula, devemos delinear cuidadosamente as palavras-chave / componentes críticas, para que estas estejam de acordo com a tarefa proposta e com os objectivos traçados por mim para determinado exercício. Se assim for, o Feedback poderá contribuir de uma forma inequívoca para os bons resultados na aprendizagem dos alunos, pois tal como afirmam Carreiro da Costa (1988), Graça (1991) e Rodrigues (1995), citado por Rosado e Mesquita (2009), esta variável (Feedback) e o empenhamento motor são apontados pela investigação centrada na análise do ensino como as duas variáveis com maior valor preditivo sobre os ganhos da aprendizagem.

Deste modo, a necessidade de o professor planear adequadamente a sua intervenção, tendo em conta todas as variáveis que influenciam o sucesso do processo de comunicação, torna-se evidente, uma vez que a quantidade não significa qualidade, tal como sugere Rink (1993), as boas palavras-chave são objectivas e críticas para a tarefa a que se destinam, em quantidade suficiente, adaptadas à idade do aluno e ao patamar de aprendizagem em que este se encontra.

Objectivos do Estudo

Os objectivos deste estudo foram por mim definidos segundo duas categorias, objectivo principal e objectivos secundários.

Objectivo Principal:

Caracterizar a minha instrução no que diz respeito aos Feedbacks e Componentes Críticas/Palavras-Chave, emitidos no decorrer da parte fundamental das aulas de Voleibol seleccionadas para o efeito, com o intuito de otimizar o meu processo de instrução.

Objectivos Secundários:

- a) Identificar os Feedbacks fornecidos na parte fundamental das aulas de Voleibol, no que respeita à sua natureza e direcção;
- b) Comparar as Componentes Críticas/Palavras-Chave planeadas com as que na realidade foram utilizadas;
- c) Analisar a quantidade de Feedbacks por minuto que foram emitidos durante as aulas;

Após estes objectivos serem cumpridos, na 1ª Fase de Recolha de Dados, os resultados estarem devidamente tratados e posteriormente serem analisados, irei realizar uma reflexão, no sentido de tentar encontrar estratégias para melhorar a minha instrução, na 2ª Fase de Recolha de Dados.

- d) Comparar os resultados entre a primeira e segunda fase de instrução.

Material e Métodos**Amostra**

A amostra deste estudo é constituída pelos Feedbacks emitidos por mim, durante as cinco últimas aulas da Unidade Didáctica de Voleibol.

A 1ª fase de recolha de dados foi efectuada nas duas primeiras aulas, que tiveram a duração de 90 minutos, para que desta forma, após esta colheita de informação, eu pudesse analisar os resultados obtidos (Feedbacks e Componentes Críticas/Palavras-Chave) e assim, tentar encontrar novas estratégias que me permitissem otimizar o processo de instrução.

A 2ª Fase de recolha de dados foi realizada nas três aulas seguintes, que foram constituídas por blocos de 45 minutos, para que assim eu conseguisse verificar se existiu uma evolução em todo o processo que envolve a emissão dos Feedbacks (desde o seu planeamento até à sua posta em prática).

Inicialmente, a Unidade Didáctica estava programada com mais uma aula de 90 minutos, que iria constituir a amostra da 1ª fase, e com mais uma

aula de 45 minutos, que iria completar a recolha de dados na 2ª fase, perfazendo assim um total de 7 aulas, 3 blocos de 90 minutos (1ª Fase) e 4 blocos de 45 minutos (2ª Fase). Porém, devido a uma visita de estudo realizada pela turma e pelo facto de a última semana de aulas do 2º Período ter sido dedicada à Semana da Saúde da E.S.O.D. vi-me na necessidade de encurtar a mesma e consequentemente de diminuir as aulas destinadas à recolha dos dados.

Devo também salientar que para efectuar um estudo deste género, todas as aulas em que os dados foram recolhidos, deveriam ter a mesma duração, porém, devido ao Planeamento Anual por mim efectuado, que está amplamente influenciado pelo *roulement*, esta foi a solução encontrada para que este estudo se pudesse desenrolar.

Procedimento Metodológico

A recolha de dados quer da 1ª, quer da 2ª fase, foi efectuada através da gravação (Gravador de Áudio) das cinco aulas.

A observação dos dados recolhidos foi realizada após os Feedbacks terem sido analisados e transcritos segundo as subcategorias que foram previamente apresentadas, tendo em conta as categorias Natureza e Direcção, segundo Batista et. al (2009), após uma adaptação de um colectivo de autores (Fishman, Tobey, 1978; Piéron, Delmelle, 1982; Mesquita et. al, 2008 e Hastie, 1999; cit. por Batista et. al, 2009). (Quadro 1).

Quadro 1 – Subcategorias relativas ao Feedback Pedagógico quanto à Natureza e Direcção

Natureza dos Feedbacks:

- Prescritivo – o professor dá indicações e estabelece uma solução que o aluno deve cumprir. Ex: “coloca as mãos em forma de triângulo”.
- Descritivo – o professor descreve a forma como o aluno executou determinada acção. Ex: “tinhas o teu colega sozinho e não lhe passas-te a bola”.
- Interrogativo – o professor questiona o aluno acerca do seu desempenho. Ex: “recebeste a bola com a parte interna do pé?”.
- Positivo avaliativo / encorajamento – o professor avalia de forma positiva o desempenho do aluno e encoraja-o. Ex: “isso mesmo, vamos!”.
- Negativo avaliativo / reprimenda – o professor avalia de forma negativa o desempenho do aluno, desaprovando-o ou punindo-o. Ex: “estás parado e não te desmarcas. Não te quero parado”.
- Informação de “atenção” – o professor dá indicações para que o aluno preste atenção. Ex: “Vais prestar atenção ao que eu estou a dizer!”.

Direcção dos Feedbacks:

- Individual – informação transmitida pelo professor dirigida a um único aluno. Ex: “ó João desmarca-te dos adversários”.
- Grupo – informação transmitida pelo professor dirigida a dois ou mais alunos. Ex: “equipa azul, ocupem o espaço vazio”.
- Turma – informação transmitida pelo professor dirigida a toda a turma. Ex: “o primeiro toque é dirigido para o passador”.

No que diz respeito às Componentes Críticas/Palavras-Chave, no sentido de perceber a relação entre o planeado e o efectivamente realizado, efectuei uma comparação entre o que estava previamente estipulado no plano de aula e o que de facto eu utilizei na aula. Para isso, mais uma vez, recorri à análise das mesmas gravações que foram efectuadas, de cada uma das aulas e classifiquei as Componentes Críticas/Palavras-Chave segundo três categorias:

- Faz referência ao conteúdo específico, utilizando as Componentes Críticas/ Palavras-Chave previstas (R);
- Faz referência ao conteúdo específico, recorrendo a outras palavras que não as previstas (R/D);

- Não faz referência ao conteúdo específico (N/R)

Após concluir o processo de análise de ambas as fases da recolha de dados, irei proceder a uma comparação de resultados entre os dois momentos, no sentido de concluir se as estratégias por mim adoptadas para melhorar o processo de instrução surtiram o efeito desejado e que ilações poderão ser retiradas para que, no futuro, possa continuar a desenvolver as minhas competências enquanto professor.

Apresentação dos Resultados (1ª Fase)

Análise do Número de Feedbacks Emitidos nas Aulas

No quadro que se segue (Quadro 2) estão contabilizados o número de Feedbacks emitidos na parte fundamental das duas aulas de Voleibol (1ª Fase de recolha de dados). Ambas as aulas são de 90 minutos e por isso, também no quadro se encontra descrito a duração (tempo real) dessa mesma parte da aula. Assim sendo, conciliando estes dois dados, realizei, como complemento de análise, uma média que representa o número de Feedbacks emitidos por minuto.

Quadro 2 – Análise do número de Feedbacks emitidos nas aulas

	Aula nº1	Aula nº2
Nº de Feedbacks	178	135
Tempo (minutos)	51	63
Feedbacks/Minuto	3.49	2.14

Através da observação do quadro, pudemos constatar que o número total de Feedbacks fornecidos está entre os 135 e os 178. A “janela” de tempo em que estes foram emitidos situa-se entre os 51 minutos e os 63 minutos. Assim sendo, nestas duas aulas verificou-se uma clara diminuição da média de emissão de Feedbacks por minutos, de 3.49 para 2.14, o que poderá estar relacionado, em primeiro lugar com as funções didácticas de cada uma delas e

em segundo lugar, com as tarefas de exercitação propostas em cada uma das aulas.

Análise do Número de Feedbacks Emitidos por Categoria

De seguida, no Quadro 3 e 4, irei apresentar os resultados, relativamente à emissão de Feedbacks por subcategoria, nomeadamente, no que diz respeito à sua **Natureza e Direcção**.

Quadro 3 – Número de Feedbacks emitidos por Subcategoria, na Categoria Natureza

Categoria Natureza	Aula nº1 (Nº e %)	Aula nº2 (Nº e %)	Total (Nº e %)
Prescritivo	103 (58%)	46 (34%)	149 (48%)
Descritivo	2 (1%)	8 (6%)	10 (3%)
Interrogativo	4 (2%)	18 (13%)	22 (7%)
Positivo Avaliativo / Encorajamento	56 (31%)	42 (31%)	98 (31%)
Negativo Avaliativo / Reprimenda	5 (3%)	9 (7%)	14 (5%)
Chamada de Atenção	8 (5%)	12 (9%)	20 (6%)
Total (Nº)	178	135	313

Através destes resultados pudemos verificar que a categoria de Feedback mais utilizada é a Prescritiva, quer em cada uma das aulas (58% na 1ª aula e 34% na 2ª aula), quer no somatório das duas aulas (48%). Já no que se refere a categoria de Feedbacks que menos utilizei, encontra-se a Descritiva, com 1% na 1ª aula, 6% na 2ª e 3% no somatório das duas aulas.

Nestas duas aulas o que sobressai mais é a clara diminuição dos Feedbacks Prescritivos (58% para 34%) e em sentido contrário, o aumento dos Interrogativos (2% para 13%).

Quadro 4 – Número de Feedbacks emitidos por Subcategoria, na Categoria Direcção

Categoria Direcção	Aula nº1 (Nº e %)	Aula nº2 (Nº e %)	Total (Nº e %)
Individual	105 (59%)	70 (52%)	175 (56%)
Grupo	56 (31%)	62 (46%)	118 (38%)
Turma	17 (10%)	3 (2%)	20 (6%)
Total (Nº)	178	135	313

Relativamente a este quadro, que representa a Direcção dos Feedbacks fornecidos por mim, podemos constatar que o Feedback individual está em vantagem (56%), no conjunto das duas aulas, contudo aqueles que foram emitidos para um grupo de alunos também representam uma grande quantidade (38%). De referir que este ultima, sofreu um claro acréscimo da 1ª aula para a 2ª, de 31% para 46%. Já os Feedbacks dirigidos para toda a turma são muito poucos, relativamente ao número total de Feedbacks (6%).

Comparação entre as Componentes Críticas / Palavras-Chave planejadas e as fornecidas aos alunos

Aula nº 1

A Parte Fundamental da aula foi constituída por 3 exercícios, sendo que para cada um deles, eu planeei três Componentes Críticas/Palavras-Chave (Quadro 5).

Quadro 5 – Análise das Componentes Críticas/Palavras-Chave da Aula nº 1

Aula nº 1				
Componentes Críticas/Palavras-Chave		(R)	(R/D)	(N/R)
Exercício nº 1	- Braços Esticados	8	12	
	- Pernas funcionam como mola		5	
	- Bola tocas nos braços	3	5	
Exercício nº 2	- Coloquem-se lado a lado		6	
	- Quem não recebe vai para a rede			X
	- 1º Toque dirigido para o passador		3	
Exercício nº 3	- Coloquem-se em forma de Losango	1	4	
	- Quem não recebe vai para a rede			X
	- 1º Toque dirigido para o passador		2	

Legenda: **R** (Faz referência ao conteúdo específico, utilizando as Componentes Críticas/ Palavras-Chave previstas);

R/D (Faz referência ao conteúdo específico, recorrendo a outras palavras que não as previstas);

N/R (Não faz referência ao conteúdo específico).

No primeiro exercício, todas as Componentes Críticas planejados foram referidas, contudo, apenas a 1ª e 3ª Componente Crítica foram referidas de forma específica.

Já no segundo exercício nenhuma Componente Crítica foi referida de forma específica, e a 2ª nem sequer foi mencionada. A 1ª e a 3ª Componente Crítica foram referidas de forma não específica: 1ª- “Ponham-se ao lado um do outro”; 3ª- “Dirijam a bola para quem está no meio”.

Por último, no terceiro exercício, apenas por uma vez utilizei a Componente Crítica planeada de forma específica, a 1ª, porém como verifiquei que os alunos não sabiam o que era um Losango tive a necessidade de lhes transmitir o conteúdo da Componente Crítica, de forma não específica: 1ª- “Fica um à frente, um atrás e dois no meio”. Já na 3ª Componente Crítica voltei a referenciar de forma não específica: 3ª- “Dirijam a bola para quem está junto da rede”.

Aula nº 2

A Parte Fundamental desta aula foi composta apenas por um exercício, uma vez que os alunos realizaram um torneio intra-turma, em formato de 2x2. Para esta tarefa planeei três Componentes Críticas (Quadro 6).

Quadro 6 – Análise das Componentes Críticas/Palavras-Chave da Aula nº 2

Aula nº 2				
Componentes Críticas/Palavras-Chave		(R)	(R/D)	(N/R)
Exercício nº 1	- Coloquem-se lado a lado	2	5	
	- Quem não recebe vai para a rede		4	
	- 1º Toque dirigido para o passador		7	

Legenda: **R** (Faz referência ao conteúdo específico, utilizando as Componentes Críticas/ Palavras-Chave previstas);

R/D (Faz referência ao conteúdo específico, recorrendo a outras palavras que não as previstas);

N/R (Não faz referência ao conteúdo específico).

No único exercício que constitui a parte fundamental da aula, todas as Componentes Críticas foram referidas, embora a apenas a 1ª tenha sido de forma específica. Já a 2ª e a 3ª Componentes Críticas foram referidas de forma não específica: 2ª- “Quando vês que não recibes a bola, vais logo para a rede”; 3ª- “Quem recebe tenta colocar a bola junto da rede”.

Análise e Reflexão dos Dados Obtidos

Após analisar todo o conteúdo, no que se refere à minha instrução, dos resultados da primeira fase de recolha de dados, tendo como base a Revisão da Literatura que foi efectuada, pude retirar algumas conclusões que servirão de ponto e partida para que a minha instrução possa melhorar.

Primeiramente, verifiquei que apesar de recorrer inúmeras vezes aos Feedbacks de Encorajamento, que não trazem nada de novo para a aprendizagem dos alunos e servem essencialmente para os motivar, este não é o tipo de Feedback que mais utilizo. Assim, considero que a minha instrução já fornece aos alunos muita da informação necessária para que a sua aprendizagem seja um sucesso, uma vez que os Feedbacks Prescritivos são já os que mais utilizo. No entanto, os Feedbacks Descritivos, que segundo a Literatura, ajudam o aluno a “visualizar” a sua acção e por tanto a tomarem consciência dos seus erros, ocupam uma pequena parcela dos Feedbacks totais por mim fornecidos. Desta forma tornasse importante que eu tente utilizar mais este tipo de intervenção junto dos alunos, para que estes possam, de forma mais autónoma, corrigir os seus erros, sem que seja sempre eu (Feedbacks prescritivos) a fornecer-lhes as soluções.

Passando agora para a importância do planeamento das Componentes Críticas/Palavras-Chave, obviamente cheguei à conclusão que o que está planeado não é, na maior parte das vezes, cumprido por mim. Contudo este facto deve-se principalmente à utilização de outras expressões para fazer referência ao mesmo conteúdo da Componente Crítica planeada. Desta forma, apesar de eu reconhecer a importância que uma Palavra-Chave objectiva e crítica tem para que a minha intervenção seja focada no objectivo pretendido

para cada tarefa, muitas das vezes senti a necessidade de utilizar palavras ou expressões diferentes, para que os alunos compreendessem o que eu queria dizer. Assim, no meu entender, o Planeamento é sem dúvida fulcral para uma boa intervenção, mas devemos encarar este planeamento como uma orientação para essa mesma intervenção, uma vez que um bom Professor, deve ter a capacidade de interpretar as necessidades dos alunos e posteriormente agir em conformidade, não se cingindo apenas ao que estava planeado.

Outro dos aspectos que penso serem de capital importância para que a minha instrução seja melhor é o facto de os Feedbacks serem adaptados ao meu objectivo específico para cada tarefa da aula. Aqui, mais uma vez o planeamento assume um papel de relevo, uma vez que, o mesmo exercício pode ter objectivos completamente distintos, no entanto o que vai definir a orientação da tarefa proposta é a minha intervenção. Os meus Feedbacks têm que ser obrigatoriamente adequados ao objectivo específico de cada exercício para que na minha intervenção eu me possa centrar no essencial.

Concluindo a minha análise e reflexão acerca dos dados obtidos na primeira fase, para que a minha intervenção possa ser optimizada, defini os seguintes objectivos:

- Melhorar o conteúdo dos Feedbacks, utilizando preferencialmente os Feedbacks Prescritivos e Descritivos, no sentido de potenciar a qualidade da minha intervenção;
- Dar mais Autonomia aos alunos, recorrendo mais vezes aos Feedbacks Descritivos e Interrogativos, para que estes não se tornem dependentes da minha intervenção, mas sim para que sejam capazes de identificar os seus erros e encontrar as soluções para os problemas;
- Definir Componentes Críticas/Palavras-Chave o mais objectivas e precisas possível, tendo em conta os objectivos específicos de cada tarefa.

Apresentação dos Resultados (2ª Fase)

Análise do Número de Feedbacks Emitidos nas Aulas

No quadro que se segue (Quadro 7) estão contabilizados o número de Feedbacks emitidos na parte fundamental das três aulas de Voleibol (2ª Fase de recolha de dados). Todas elas são de 45 minutos e por isso, também no quadro se encontra descrito a duração (tempo real) dessa mesma parte da aula. Assim sendo, conciliando estes dois dados, realizei, como complemento de análise, uma média que representa o número de Feedbacks emitidos por minuto.

Quadro 7 – Análise do número de Feedbacks emitidos nas aulas

	Aula nº3	Aula nº4	Aula nº 5
Nº de Feedbacks	54	89	42
Tempo (minutos)	19	23	22
Feedbacks/Minuto	2.84	3.87	1.91

Neste quadro, referente aos dados da 2ª fase de recolha de dados, pudemos constatar que o número total de Feedbacks fornecidos em cada aula se encontra entre os 42 e os 89. Da terceira para a quarta aula verificou-se um claro aumento do número de Feedbacks emitidos, porém, este baixou drasticamente na última aula (nº 5). Este decréscimo poderá estar relacionado com as características específicas da mesma, uma vez que efectuei a Avaliação Sumativa da modalidade.

Análise do Número de Feedbacks Emitidos por Categoria

De seguida, no Quadro 8 e 9, irei apresentar os resultados, relativamente à emissão de Feedbacks por subcategoria, nomeadamente, no que diz respeito à sua **Natureza e Direcção**, respectivamente.

Quadro 8 – Número de Feedbacks emitidos por Subcategoria, na Categoria Natureza

Categoria Natureza	Aula nº3 (Nº e %)	Aula nº4 (Nº e %)	Aula nº5 (Nº e %)	Total (Nº e %)
Prescritivo	17 (31%)	42 (47%)	3 (7%)	62 (34%)
Descritivo	11 (20%)	18 (20%)	6 (14%)	35 (19%)
Interrogativo	7 (13%)	9 (10%)	15 (36%)	31 (17%)
Positivo Avaliativo / Encorajamento	12 (22%)	14 (16%)	11 (26%)	37 (20%)
Negativo Avaliativo / Reprimenda	3 (6%)	3 (3%)	2 (5%)	8 (4%)
Chamada de Atenção	4 (7%)	3 (3%)	5 (12%)	12 (6%)
Total (Nº)	54	89	42	185

Através destes resultados pudemos verificar que a categoria de Feedback mais utilizada, no conjunto das três aulas, continua a ser a Prescritiva (34%). A menos utilizada passou a ser a Negativa Avaliativa / Reprimenda (4%). Com resultados muito semelhantes, no somatório das três aulas, encontram-se a Descritiva (19%), a Interrogativa (17%) e o Positivo Avaliativo / Encorajamento (20%).

Quadro 9 – Número de Feedbacks emitidos por Subcategoria, na Categoria Direcção

Categoria Direcção	Aula nº3 (Nº e %)	Aula nº4 (Nº e %)	Aula nº5 (Nº e %)	Total (Nº e %)
Individual	11 (20%)	14 (16%)	16 (38%)	41 (22%)
Grupo	34 (63%)	70 (79%)	23 (55%)	127 (69%)
Turma	9 (17%)	5 (5%)	3 (7%)	17 (9%)
Total (Nº)	54	89	42	185

Já neste Quadro (nº 9), que representa a Direcção dos Feedbacks fornecidos por mim, tendo em conta a sua direcção, podemos observar que o Feedback emitido a um grupo passou a ser o predominante (69%), no conjunto das três aulas. Este tipo de Feedback obteve um claro aumento na aula nº 4, de 63% para 79%, onde a minha intervenção se centrou predominantemente na melhoria da performance táctica das duplas de jogadores. Pelo contrário, o Feedback Individual teve um claro acréscimo na última aula, de 16% para 38%. Este facto ficou-se a dever, na minha opinião, ao facto de ter efectuado a Avaliação Sumativa de Voleibol e por isso, no sentido de compreender melhor os conhecimentos e competências de cada aluno, ter emitido instruções mais individualizadas.

Comparação entre as Componentes Críticas / Palavras-Chave planeadas e as fornecidas aos alunos

Aula nº 3

A Parte Fundamental da aula foi constituída por apenas 1 exercício (Torneio de Voleibol 2x2), tendo eu planeado apenas três Componentes Críticas/Palavras-Chave (Quadro 10).

Quadro 10 – Análise das Componentes Críticas/Palavras-Chave da Aula nº 3

Aula nº 3				
Componentes Críticas/Palavras-Chave		(R)	(R/D)	(N/R)
Exercício nº 1	- Coloquem-se lado a lado	3	2	
	- Quem não recebe vai para a rede	2	4	
	- 1º Toque dirigido para o passador		3	

Legenda: **R** (Faz referência ao conteúdo específico, utilizando as Componentes Críticas/ Palavras-Chave previstas);

R/D (Faz referência ao conteúdo específico, recorrendo a outras palavras que não as previstas);

N/R (Não faz referência ao conteúdo específico).

Com o intuito de me focar na exercitação da “dinâmica” do jogo de Voleibol e na consecução dos 3 toques, planeei um número reduzido de Componentes Críticas/Palavras-Chave, contudo penso serem muito direccionadas para o meu objectivo, que foi a minha preocupação aquando da sua concepção. Assim, no único exercício que constitui a parte fundamental da aula, todas as Componentes Críticas foram referidas, embora apenas a 1ª e a 2ª tenham sido de forma específica. Contudo, todas elas foram referidas de forma não específica: 1ª- “Ponham-se ao lado um do outro”; 2ª- “Vai para junto da rede”; 3ª- “Dirige a recepção para o teu colega”.

Aula nº 4

A Parte Fundamental da aula foi em tudo semelhante à nº3, no que toca ao exercício da Parte Fundamental. As Componentes Críticas/Palavras-Chave foram também idênticas, quer em número quer no seu conteúdo (Quadro 11).

Quadro 11 – Análise das Componentes Críticas/Palavras-Chave da Aula nº 4

Aula nº 4				
Componentes Críticas/Palavras-Chave		(R)	(R/D)	(N/R)
Exercício nº 1	- Coloquem-se lado a lado	3	1	
	- Quem não recebe vai para a rede	3	5	
	- 1º Toque dirigido para o passador		5	

Legenda: **R** (Faz referência ao conteúdo específico, utilizando as Componentes Críticas/ Palavras-Chave previstas);

R/D (Faz referência ao conteúdo específico, recorrendo a outras palavras que não as previstas);

N/R (Não faz referência ao conteúdo específico).

Tal como na aula anterior, o meu objectivo neste conjunto de três aulas (nº3, 4 e 5) foi semelhante e neste sentido, também as Componentes Críticas/Palavras-Chave o foram. Assim, no Torneio de Voleibol 2x2 (exercício da Parte Fundamental da aula), todas as Componentes Críticas foram referidas, embora apenas a 1ª e a 2ª tenham sido de forma específica.

Contudo, todas elas foram referidas de forma não específica: 1ª- “Ponham-se ao lado um do outro”; 2ª- “Vai logo para junto da rede”; 3ª- “Coloca a bola no teu colega”. É de notar, que a ultima Componente Crítica/Palavra-Chave nunca foi referida por mim de forma específica e penso que a justificação é o facto de eu não ter dado ênfase ao nome das posições que ocupa cada jogador no campo e por isso ao dizer “1º toque dirigido para o passador”, eles não iriam saber interpretar esta minha instrução. Porém, continuo a colocá-la no planeamento de aula, pois como já referi, ajuda-me a orientar a minha intervenção para o conteúdo pretendido, embora na prática recorra a outras expressões que “na hora” penso serem as mais adequadas.

Aula nº 5

A Parte Fundamental desta aula foi semelhante às duas anteriores, com o intuito de dar por terminado o Torneio de Voleibol 2x2. Mais uma vez, as Componentes Críticas/Palavras-Chave foram também idênticas, quer em número quer no seu conteúdo (Quadro 12).

Quadro 12 – Análise das Componentes Críticas/Palavras-Chave da Aula nº 5

Aula nº 5				
Componentes Críticas/Palavras-Chave		(R)	(R/D)	(N/R)
Exercício nº 1	- Coloquem-se lado a lado	2	4	
	- Quem não recebe vai para a rede		5	
	- 1º Toque dirigido para o passador		2	

Legenda: **R** (Faz referência ao conteúdo específico, utilizando as Componentes Críticas/ Palavras-Chave previstas);

R/D (Faz referência ao conteúdo específico, recorrendo a outras palavras que não as previstas);

N/R (Não faz referência ao conteúdo específico).

Nesta aula a Função Didáctica era Avaliação Sumativa e por isso, o tipo de Feedback mais utilizado, como já vimos no Quadro 8, foi o Interrogativo.

Assim sendo, apenas utilizei a 1ª Componente Crítica/Palavra-Chave de forma específica, tendo fazendo referência a todos os conteúdos das Componentes Críticas/Palavras-Chave, de forma não específica, recorrendo maioritariamente a perguntas: 1ª- “Como é que se devem colocar para defender?”; 2ª- “Para onde vai quem não recebe a bola?”; 3ª- “Para onde vai a bola depois do 1º toque?”.

Estes Feedbacks não específicos, mas que faziam referência ao conteúdo foram por mim utilizados para perceber se os alunos tinham assimilado o conteúdo programático ou se pura e simplesmente não estavam a efectuar a tarefa de forma correcta porque não sabiam como fazer.

Comparação entre os Resultados da 1ª e 2ª Fase

Análise do Número de Feedbacks Emitidos nas Aulas

Passamos agora para a Comparação entre os dados da 1ª e 2ª Fase de Recolha de Dados (Quadro 13) e por isso interessa agora confrontar estes dados, nomeadamente no que diz respeito ao **Número de Feedbacks Emitidos**, ao **Numero de Feedbacks Emitidos por subcategoria**, tendo em conta as **Categorias Natureza e Direcção**, e por fim, às **Componentes Críticas/Palavras-Chave**.

Quadro 13 – Análise do número de Feedbacks emitidos nas aulas

	1ª Fase	2ª Fase
Nº de Feedbacks	313	185
Tempo (minutos)	114	64
Feedbacks/Minuto	2.75	2.89

Através desta comparação é possível verificar que existiu uma evolução no número de Feedbacks emitidos, contudo pouco significativa, o que se ficou a dever principalmente ao contributo da aula nº 5.

Análise do Número de Feedbacks Emitidos por Categoria

Esta análise será, quanto a mim, mais importante do que a anterior, devido ao facto de um dos meus objectivos principais ser melhorar o conteúdo dos Feedbacks. Assim, no quadro seguinte (Quadro 14) será ilustrado o número de Feedbacks emitidos, tendo em conta a sua Natureza.

Quadro 14 – Comparação do número de Feedbacks emitidos por Subcategoria, na Categoria Natureza

Categoria Natureza	1ª Fase (Nº)	2ª Fase (Nº)	1ª Fase (%)	2ª Fase (Nº)
Prescritivo	149	62	48%	34%
Descritivo	10	35	3%	19%
Interrogativo	22	31	7%	17%
Positivo Avaliativo / Encorajamento	98	37	31%	20%
Negativo Avaliativo / Reprimenda	14	8	5%	4%
Chamada de Atenção	20	12	6%	6%

No que se refere à Natureza dos Feedbacks emitidos, é de salientar que o valor percentual do conjunto Prescritivos, Descritivos e Interrogativos aumentou de 58% para 70%. Tendo em conta estes valores, posso considerar que o meu primeiro objectivo, fruto da análise e reflexão dos dados obtidos na 1ª Fase de recolha de dados, foi inteiramente cumprido, uma vez que existiu uma melhoria do conteúdo dos Feedbacks que poderá ter como consequências positivas nos resultados da aprendizagem, segundo a literatura (Cushion (2001, cit. Por Rosado e Mesquita, 2009)).

Também não posso deixar de evidenciar uma clara descida da emissão de Feedbacks de Encorajamento, uma vez que estes, apesar de serem utilizados para produzir efeitos positivos nos níveis de motivação dos alunos, não contribuem, pelo menos de uma forma directa, para a optimização da aprendizagem.

Assim, através desta análise de dados, posso afirmar que a minha qualidade instrucional melhorou, uma vez que, na 2ª Fase, me centrei mais na emissão de Feedbacks que contribuem para ajudar os alunos a compreender a

forma correcta de exercitar, sobretudo através de Feedbacks que estimulam a as suas capacidades cognitivas (os Descritivos e Interrogativos).

Quadro 15 - Comparação das Componentes Criticas/Palavras-Chave da 1ª e 2ª Fase

	(R)	(R/D)	Total (R + R/D)
1ª Fase (Nº)	14 (21%)	53 (79%)	67
2ª Fase (Nº)	13 (30%)	31 (70%)	44

Legenda: **R** (Faz referência ao conteúdo específico, utilizando as Componentes Criticas/ Palavras-Chave previstas);

R/D (Faz referência ao conteúdo específico, recorrendo a outras palavras que não as previstas);

No Quadro 15 podemos verificar que existiu uma evolução, ainda que pequena, no que diz respeito a emissão de Feedbacks com referência específica ao conteúdo, utilizando as Componentes Criticas / Palavras-Chave, da 1ª para a 2ª Fase. Contudo, tenho consciência que este aumento poderia ter sido maior. Porém o facto de eu entender que o planeamento deve servir como um guião para a nossa intervenção e não como um plano imutável da nossa acção, fez com que a minha atenção se direcciona-se para efectuar uma intervenção, tendo em conta os objectivos específicos “traçados” para cada tarefa e a realidade com que eu me deparava. Esta ideia é corroborada por Bento, pois no ensino real surgem situações inesperadas, que não estão contempladas no nosso planeamento mas que nós, enquanto Professores, temos ser capazes de ultrapassar (1987).

Conclusão

Antes de ter efectuado este estudo, já me encontrava consciencializado para a importância desta temática no que ao desenvolvimento das minhas competências enquanto Professor diz respeito. O Feedback Pedagógico é talvez um dos factores que mais contribuiu para os resultados da aprendizagem dos alunos (Piéron & Piron, 1981), e neste sentido optei por aprofundar a minha pesquisa e reflexão acerca dele. Foi por demais evidente

que este trabalho efectuado permitiu-me ter consciência da minha intervenção junto dos alunos e nesse sentido, empenhei-me e trabalhei para tentar melhorar o meu desempenho.

Através da “visualização” da minha actuação, consegui efectuar uma reflexão mais aprofundada acerca desta temática, que foi o primeiro passo para conseguir obter resultados positivos, no que à melhoria do meu desempenho diz respeito.

Fazendo agora referencia aos resultados do estudo, pude observar que a minha intervenção melhorou ao longo do mesmo, sobretudo a nível qualitativo, tal como referi no ponto anterior, porém, há ainda um longo caminho a percorrer. Este é com certeza um dos aspectos mais positivos, pois tenho a perfeita noção que só desta forma conseguirei evoluir enquanto Professor.

Ao longo do estudo também me fui apercebendo que existiam vários factores que poderiam influenciar de sobremaneira os resultados do mesmo, como por exemplo, o tipo de exercício a realizar, a função didáctica da aula e até a modalidade. Cheguei a esta conclusão, pois fui-me apercebendo que ajustava a minha intervenção, em função destas variáveis. Por isso, devido à coexistência destes factores, percebi que os resultados do estudo devem ser encarados como uma orientação e não como uma verdade absoluta.

No entanto, ficou claro para mim, que para poder nortear a minha intervenção e ter a certeza de que ela está a ser correctamente realizada, no acto do planeamento devo ter sempre em conta a multiplicidade de interacções que compõem a tarefa em causa e assim direccionar o meu Feedback para o objectivo pretendido.

Outra dos resultados que retirei deste estudo foi o facto de a maior a maior parte das Componentes Criticas/Palavras-Chave que por mim foram planeadas, não foram referenciadas de forma específica, quer na 1ª Fase quer na 2ª. Este foi um resultado de relevo, e que me levou a concluir que o seu planeamento é de fulcral importância para “guiar” a nossa intervenção. **Porém, mais importante do que isso, é termos a capacidade de observar toda a**

envolvência da situação e conseguir adaptar o nosso Feedback nesse sentido.

Todo o meu empenho e envolvimento neste estudo, através de toda a pesquisa e trabalho desenvolvidos foram fundamentais para eu compreender a importância que a minha intervenção tem para o bom desempenho dos alunos. Embora não tenha sido alvo de estudo, conclui também **que é preferível emitir um Feedback no momento certo, do que estar a dar instruções constantemente, mas que “passam ao lado” dos alunos, ou seja, devo dar preferência à qualidade em detrimento da quantidade.**

A realização deste tipo de trabalhos são sem dúvida fundamentais, quer para o meu Desenvolvimento Profissional, quer para que os resultados processo de ensino-aprendizagem sejam cada vez mais positivos. Assim, penso que daqui para a frente, a elaboração deste tipo de estudos, sobre temáticas directamente relacionadas com questões inerentes a este processo, serão uma mais-valia para que possa continuar a evoluir ao longo da minha carreira profissional.

Neste sentido, para que este pensamento se torne uma realidade, deverei ter sempre em conta as características de todo o contexto escolar e então desenvolver reflexões aprofundadas acerca dos principais problemas que daí emergem, no que se refere ao processo de ensino-aprendizagem.

4.1.5) Despertar o melhor que existe dentro de cada aluno!

Não obstante todo o cuidado que o Professor deve ter em questões como as que eu já fui fazendo referência, como por exemplo, o controlo da turma, a gestão dos tempos de aula ou a forma como emitimos um Feedback, entre outros, existe uma outra “face” no ensino que muitas vezes nos esquecemos, a relação entre o Professor e o Aluno. Na minha opinião, uma das minhas mais-valias, que me ajudou a ultrapassar todas as barreiras com que me deparei, foi a relação que estabeleci com a minha turma. Tal como eu referi na Reflexão da Aula Observada do Professor Henrique Braga, “...o Professor Henrique tem uma boa relação com os alunos, tanto que nas pausas entre as tarefas

da aula até se proporcionavam algumas brincadeiras entre Professor e alunos. Este equilíbrio entre respeito e afectividade, penso ser um dos pontos fortes do Professor, uma vez que consegue criar um bom relacionamento com os seus alunos, mantendo sempre a “ordem” no espaço de aula, o que contribui para um clima propício à aprendizagem.”. Este equilíbrio entre respeito e afectividade, bem como a empatia que fui criando com todos os alunos, permitiu-me desenvolver um clima de aprendizagem positivo. Este, influenciou claramente todo o seu processo de ensino-aprendizagem, uma vez que consegui despertar neles a vontade e alegria de realizar a aula de Educação Física!

Tal como referi, esta é talvez uma questão que os Professores em geral e os de Educação Física em particular, deixam para segundo plano, pois esquecem-se que os alunos necessitam de um ambiente propício à aprendizagem. Este ambiente deve estimular a sua motivação e desejo de participar nas aulas, para que os resultados dessa mesma aprendizagem sejam potenciados (Carleton & Henrich, 2000). Desta forma, apercebi-me que poderia ter todos os “ingredientes” necessários para uma boa aula, contudo se os alunos não se mostrassem empenhados e motivados para a realização da mesma, esta não iria causar neles os resultados esperados.

Tornou-se para mim evidente que o envolvimento dos alunos na realização de uma tarefa dependia em grande medida da predisposição, ou seja, da motivação destes para a execução da mesma (Pintrich & Schunk, 1995). Neste sentido, com o decorrer das aulas, através de todo o envolvimento das mesmas e da boa relação que desenvolvi com os alunos, fui sempre incentivando e despertando a sua motivação para que em cada tarefa eles dessem o máximo! Porém, devido à natureza de cada uma das modalidades abordadas e também dos gostos pessoais de cada aluno, por vezes foi difícil despoletar neles aquela vontade e garra, que são características do povo português e que nos levaram a alcançar grandes feitos e descobertas.

Por tudo isto, não senti satisfeito e senti a necessidade de encontrar uma solução para otimizar a *performance* da turma, com o intuito de contrariar o seu menor interesse por uma determinada actividade ou modalidade. Não encontrei a fórmula mágica, mas recorri a uma estratégia muito simples e que pode ser traduzida pela seguinte expressão “ninguém gosta de perder, nem a

feijões”. Com esta expressão pretendo dizer que utilizei a competição como plataforma de potenciam da performance dos alunos. Para conseguir leccionar modalidades que à primeira vista podiam parecer menos interessantes e desmotivantes, introduzi esta componente, e posso afirmar que se tornaram as melhores aulas por mim leccionadas. Senão vejamos o exemplo da modalidade de Atletismo, *“A estratégia fundamental a que eu recorri na presente aula, de forma a cativar os alunos e tentar potenciar a sua performance no decorrer da mesma, foi a introdução de uma componente competitiva, em todos os exercícios. Apesar de os conteúdos abordados hoje serem eminentemente de cariz técnico, não é necessariamente obrigatório que os alunos os aprendam de uma forma analítica. Nesse sentido, tentei, apesar de o meu feedback incidir nos aspectos técnicos, para que os alunos pudessem aprender a efectuar a pega e transmissão do testemunho correctamente, que os exercícios me levassem a atingir o objectivo geral da aula, no entanto, simultaneamente, permitissem que os alunos desfrutassem de uma aula empolgante e divertida.”* Reflexão da Aula nº 54.

Não querendo parecer o dono da verdade, corro o risco de afirmar que as aulas em que esta componente esteve presente foram aquelas em que os alunos estiveram mais empenhados. Todavia, foram também aquelas em que observei uma maior evolução da parte deles e onde puderam exercitar e consolidar os conteúdos pretendidos, tal como eu referi na Reflexão da Aula nº 67, *“Este formato de aulas, em que a competição está presente, permite-me consolidar junto de cada aluno os conteúdos já abordados, o que de facto contribuiu para a sua aprendizagem e simultaneamente induz em cada um deles uma motivação extra para que a sua performance seja a melhor possível. Não posso afirmar que esta solução seja perfeita, porém está muito perto desse patamar, tendo em conta o meu objectivo principal que passa pelo sucesso do processo de ensino – aprendizagem e simultaneamente por incentivar os alunos a praticar desporto.”*

Posto isto, é inegável o contributo que esta componente trouxe para as minhas aulas. Os índices motivacionais dos alunos subiram em flecha e indirectamente os resultados da aprendizagem foram potenciados. Contudo, sem que eu me apercebesse na altura, a competição “deu” muito mais aos alunos. Por um lado, através da competição, os alunos conseguiram perceber a sua evolução neste ano lectivo. Foi através do confronto com o adversário, que cada um deles se apercebeu o quanto desenvolveu as suas habilidades técnicas e tácticas tal como sugere Graça (2003). Por outro lado, a

competição “despertou” nos alunos atitudes e valores que a integram, mas que muitas vezes são esquecidos, como a solidariedade, cooperação e colaboração. Este “outro lado” da Competição é aquele que deve ser mais valorizado e enaltecido pelo Professor e é por “ele” que devemos utilizar esta estratégia no processo de ensino-aprendizagem. Desta forma, compreendi que a Competição representa para os alunos Ganhar ou Perder, porém o seu conteúdo é muito mais do que este simples binómio, é uma realidade que está presente no Desporto e por isso não deve ser esquecida nas aulas de Educação Física!

Os obstáculos e desafios com que me fui confrontado ao longo do ano ajudaram-me a desenvolver as minhas competências enquanto Professor, principalmente no que diz respeito à minha actuação durante cada aula. Cada um deles, os mais significativos, foram por mim “relatados” nas páginas anteriores. No entanto, penso que falta referir uma das competências, que quanto a mim, é das mais importantes, para que um Professor se possa considerar competente. Estou a falar das decisões de ajustamento que temos de efectuar no momento apropriado, ou, por outras palavras, a capacidade de adaptação às situações com que nos deparamos. Como penso que está é também uma qualidade que um Professor competente deve possuir, esta temática foi alvo de reflexão da minha parte, *“...uma das competências que o Professor deve desenvolver, enquanto profissional docente competente, é a sua capacidade de adaptar e modificar o conteúdo da aula, consoante o “cenário” com que se depara.*

De facto, esta é uma capacidade que temos, enquanto núcleo de estágio, tentado desenvolver ao longo do deste ano lectivo. Se no início do mesmo demonstrávamos estar muito “agarrados” ao plano, quer em termos de exercícios planeados, quer em termos temporais, definidos para as tarefas, com o passar do tempo, e com a constante intervenção do Professor Cooperante nesse sentido, conseguimos progressivamente desenvolver a capacidade de observar se o exercício está a produzir o efeito desejado, tendo em conta o objectivo específico definido para o mesmo, se necessita de alguma modificação, ou até se será necessário alterar completamente a tarefa de exercitação. Ainda, para além destes aspectos, tornasse muito importante conseguirmos identificar o momento (temporal) em que uma tarefa da aula deixa de ser motivante e estimulante para os alunos e consequentemente não fará sentido continuar a realizar o mesmo, uma vez que não irá produzir efeitos positivos no seu processo de ensino-aprendizagem.

Todas estas condicionantes, entre outras, devem ser analisadas e reflectidas pelo Professor no decorrer de cada tarefa, uma vez que a sua intervenção tem que se desenrolar de imediato.”, Reflexão da Aula nº 52 e 53. Esta capacidade poderá ser influenciada por vários factores, porém, a experiência e traquejo de um Professor é sem dúvida um dos que mais contribui para o desenvolvimento da mesma. Assim sendo, apesar de considerar que me encontro ainda no primeiro quilómetro de uma Maratona, posso afirmar que, agora sou capaz de observar todo o envolvimento da aula e actuar em conformidade. O que é facto é que no processo real de ensino devemos estar sempre preparados para o inesperado, pois tal como afirma Bento (2003) *“O ensino é criado duas vezes: primeiro na concepção e depois na realidade”* (p. 16).

4.1.6) Os Alicerces da Prática Pedagógica

A qualidade de realização da prática pedagógica foi crescendo ao longo do ano através de plataformas de desenvolvimento de contribuíram para isso. Estas plataformas a que me refiro foram sem dúvida as respostas que fui encontrando para os vários problemas e dificuldades com que me deparei. No entanto, a base da minha actuação residiu nos modelos de ensino que achei serem os mais adequados.

Não utilizei um modelo em exclusivo, retirei sim, o que achei ser o mais positivo e interessante de cada um deles, com o intuito de conseguir fazer face às necessidades dos meus alunos.

No caso do Atletismo, como já fiz referência, fui retirar do Modelo de Educação Desportiva proposto por Siedentop em 1987, aquilo que o define, ou seja, uma forma de educação que integre uma componente lúdica e que erradica-se uma abordagem descontextualizada (Mesquita & Graça, 2009).

Já no que toca aos Jogos Desportivos Colectivos baseei-me no modelo de Ensino dos Jogos para a Compreensão (Bunker & Thorpe, 1982) e no Modelo de Abordagem Progressiva ao Ensino do Voleibol (Mesquita, 2006). Embora estes dois modelos tenham características que os distinguem, ambos possuem pontos de confluência. Eles valorizam a exercitação em contexto de jogo, o que potencia a compreensão táctica do mesmo por parte dos alunos

(Graça & Mesquita, 2009). Foi precisamente estas características que eu retirei dos mesmos e apliquei nas minhas aulas, pois utilizei maioritariamente as forma jogadas, para leccionar as modalidades colectivas.

No que se refere à modalidade de Ginástica, tentei encontrar um equilíbrio entre o Modelo de Educação Desportiva, já referenciado, e os Modelos utilizados Jogos Desportivos Colectivos. Apesar de estes últimos não serem destinados a modalidades individuais, tal como o nome indica, tentei adaptar algumas coisas. De entre elas devo destacar o papel activo que o aluno desempenha na sua aprendizagem. Por isso, nas aulas da modalidade, tentei sempre conferir autonomia e responsabilidade para os alunos, no que ao seu processo de ensino diz respeito. Para além deste aspecto, tenho que referir por exemplo, o desenvolvimento de um esquema individual de Ginástica de Solo, como estratégia para desenvolver de forma integrada os conteúdos desta modalidade.

Em todas elas tentei sempre evitar a pratica analítica e descontextualizada dos conteúdos de aprendizagem, uma vez que, na minha opinião, estes devem ser executados dentro do seu contexto de utilização. Esta minha convicção ganha forma com a ideia de Siedentop, que admitiu que a falta de contextualização das tarefas realizadas nas abordagens tradicionais é o principal factor que contribui para destruição do significado das aprendizagens (Mesquita & Graça, 2009).

4.1.7) Avaliação: um processo complexo mas “obrigatório”!

A avaliação surge no processo de ensino-aprendizagem como uma das tarefas centrais do Professor (Bento, 2003), e também por isso de grande responsabilidade. Contudo, esta é uma temática que constitui um alvo frequente de discussão entre professores, uma vez que cada um tem as suas ideologias e convicções quando lhes colocamos algumas questões, como por exemplo: o que avaliar? Como avaliar?

Não obstante este facto, podemos afirmar que todo o processo que envolve a Avaliação não é simples. Pelo contrário, é muito mais do que “dar”

uma nota a cada aluno, no final do Período Lectivo, é uma tarefa que tem como objectivo principal melhorar o processo educativo (Rosado e Colaço, 2002).

Assim sendo, sem que me apercebesse, a Avaliação esteve presente durante todo o meu percurso neste ano lectivo, através da **Reflexão**, uma vez que em cada uma delas eu analisei todo o processo de ensino, de forma a poder optimizar a planificação e realização do mesmo, aula após aula.

Esta foi uma das minhas principais preocupações, uma vez que se não existisse um trabalho de reflexão com “pés e cabeça”, como é que eu poderia garantir a eficácia e a melhoria da minha prática pedagógica? Assim, a reflexão funcionou como um “controlo de qualidade”, onde eu pude acompanhar a evolução do meu desempenho e que obviamente se reflectiu nos resultados da aprendizagem dos meus alunos. Desta forma, compreendi a importância da Avaliação, uma vez que esta não é meramente uma forma de obter a classificação dos alunos. Sem dúvida que ela é um processo que envolve professores e alunos e que visa a melhoria de ambos, no caso dos alunos, dos seus resultados, no caso dos professores, de todo o processo que culmina com a sua actuação.

Contudo, embora tenha chegado a esta conclusão já no decorrer do ano lectivo, no início do mesmo deparei-me com a necessidade de realizar as primeiras Avaliações Diagnósticas. Estas tiveram como principal objectivo perceber em que nível se encontrava a minha turma, no que diz respeito a cada modalidade. Imediatamente me apercebi que estas avaliações iriam condicionar de sobremaneira todo o planeamento, uma vez que este seria realizado com base nas informações recolhidas em cada uma delas, de forma a responder às necessidades dos alunos.

De facto, a primeira Avaliação Diagnóstica que realizei deixou-me bastante ansioso e preocupado, pois pensei “se me enganar de alguma forma, irei estar a cometer um erro de diagnóstico, que poderá prejudicar todo o processo de ensino-aprendizagem dos alunos”. Este foi um pensamento que me alertou para a necessidade de colocar todo o meu empenho e esforço, de forma a ser o mais rigoroso e criterioso possível.

No entanto, mesmo adoptando uma postura de profissionalismo e idoneidade, aquando da realização destas Avaliações, posso afirmar que me enganei quanto às reais capacidades de alguns alunos. Por isso, percebi que estas Avaliações devem ser encaradas como uma orientação, que nos permitirá obter uma ideia acerca do desempenho dos mesmos. Assim, o primeiro passo para conseguirmos melhorar é assumindo o erro e, desta forma, não me “crucifiquei” por ter errado. Pelo contrário, estes erros só me fizeram perceber que tal como a nossa actuação deve ser adaptada, tendo em conta a situação com que nos deparamos, também o nosso planeamento deve conter um carácter flexível. Desta forma, poderemos reformular ou alterar os conteúdos e estratégias de ensino sempre que a situação o exija. Por isso, apesar de considerar que a falta de experiência possa ter condicionado a minha competência para diagnosticar, a realização destas mesmas Avaliações revelou-se muito importante para que eu pudesse obter uma indicação acerca do ponto de partida para iniciar todo o planeamento.

Posto isto, tendo em conta os resultados obtidos nas diferentes Avaliações Diagnósticas, optei por diferenciar os alunos por níveis. Esta minha opção justifica-se com a ideia de que para obtermos resultados de aprendizagem satisfatórios, as tarefas de exercitação devem ser adequadas ao patamar em que se encontram os alunos, para que estes possam obter uma taxa razoavelmente elevada de sucesso (Mesquita & Graça, 2009).

Desta forma, tentei potenciar em todas as modalidades, os resultados da aprendizagem dos alunos. Tentei mantê-los simultaneamente motivados e estimulados para a aquisição de novas aprendizagens, através de objectivos e tarefas de exercitação adequadas ao seu nível. Esta não foi uma tarefa fácil, porém, ficou para mim claro que seria fundamental fazê-lo e passo a explicar o porque. Por um lado, os exercícios difíceis tornam-se desajustados para os alunos, devido ao frequente insucesso que eles revelam e convertem os sentimentos positivos, de confiança e competência, em sentimentos negativos, de frustração e desmotivação. Por outro lado, as tarefas demasiado fáceis, em que os desafios propostos são muito reduzidos ou inexistentes, tornam-se

insuficientes para estimular a aprendizagem dos alunos (Mesquita & Graça, 2009).

Assim, para que esta pretensão se transformasse numa realidade foi necessário muito trabalho de pesquisa e imaginação, no sentido de encontrar situações de exercitação que respondessem às necessidades de cada grupo de nível.

Contudo, mesmo estando eu consciente desta necessidade, só foi possível efectuar este tipo de trabalho, através de uma Avaliação Continua. Esta avaliação teve como base uma reflexão diária sobre os problemas e situações que fui encontrando, sobre a evolução dos alunos, entre outros. Esta Avaliação, fez com que eu me questionasse constantemente acerca da qualidade da minha actuação e do impacto que esta foi tendo na aprendizagem dos alunos. Toda esta realidade despertou a minha atenção para a importância da Avaliação do **processo**, quando a minha ideia, anteriormente, era de que a Avaliação servia sobretudo para avaliar o **produto**.

Assim, compreendo que a Avaliação Sumativa ou Final é importante, uma vez que é segundo esta, que nós Professores, podemos fazer um balanço no final de uma Unidade Didáctica (Noizet & Caverni, 1985) e assim observar o resultado final ou o produto alcançado. Porém, a Avaliação Formativa ou Continua é tão ou mais importante, para que possamos acompanhar todo o processo de ensino-aprendizagem, identificar as facilidades e dificuldades e actuar perante estas últimas. Só desta forma conseguiremos conduzir os nossos alunos ao sucesso (Ribeiro e Ribeiro, 1990). Assim, esta Avaliação Formativa contribuiu para que fosse reformulando o meu planeamento ao nível das Unidades Didácticas de cada modalidade. Consequentemente, também o planeamento das aulas foi sofrendo algumas alterações, sempre tendo em conta as necessidades dos alunos. Estas mudanças ocorreram principalmente na articulação entre os conteúdos a abordar e as tarefas da aula. Ao modificar alguns dos conteúdos a abordar, vi-me também na necessidade de formular novos objectivos e exercícios que fossem de encontro a esses mesmos objectivos.

Não posso negar que esta Avaliação Formativa, também influenciou a Avaliação Final dos alunos. Tal sucedeu, porque a realização desta, permitiu-me, como já referi anteriormente, acompanhar todo o processo de ensino-aprendizagem da turma. Assim, no momento da Avaliação Final, já possuía muitos registos acerca dos seus resultados da aprendizagem, o que na minha opinião só a torna mais justa e correcta.

De todo este cenário que envolve a temática da Avaliação poderemos então compreender o porque de ela ser um processo intrincado, mas simultaneamente necessário, no que ao processo de ensino diz respeito.

4.2) Área 2 – Participação na Escola

A escola é o local onde decorre o EP, e a nossa integração no seio da mesma é fundamental para a nossa formação. Conhecer a sua estrutura e funcionamento, bem como actuarmos como parte integrante dela, dando o nosso contributo para o seu desenvolvimento é fulcral para que possamos aperfeiçoar as nossas competências profissionais. Para que esta minha convicção se tornasse numa realidade alcançável, o contributo do Professor Francisco (Professor Cooperante), foi sem dúvida fulcral. No início do ano lectivo, ele foi o principal responsável pela nossa integração em todas as actividades e funções que cabem a um Professor de Educação Física.

A nossa rápida integração no ambiente escolar é decisiva para a potenciação do nosso desenvolvimento enquanto docentes. Contudo, o contrário também não é menos verdade, uma vez que, uma participação activa e dinâmica dos professores na escola torna-se indispensável para o desenvolvimento da mesma. Assim, as várias actividades que foram desenvolvidas ao longo do ano pelo Grupo de Educação Física, contribuem de forma decisiva para que a “escola” motive os alunos e estes desenvolvam o gosto pela prática desportiva. Esta promoção da actividade física constitui-se como o principal meio de reforçar a importância que cada vez mais o Desporto em geral e a Educação Física em particular têm, para o desenvolvimento eclético do aluno enquanto Ser Humano.

Neste sentido, a minha participação em todas as actividades, organizadas pelo Grupo de Educação Física, bem como nas várias reuniões de Departamento e Concelhos de Turma, foram sem dúvida alguma muito enriquecedoras para a minha “bagagem profissional”. Porém, também senti que o meu contributo em cada uma delas foi tido em conta e merecedor de atenção, o que fez com que sentisse que o meu trabalho foi valorizado e reconhecido.

4.2.1) Para além das aulas...

Sem dúvida que as aulas de Educação Física se constituem como o principal meio pelo qual os Professores desta disciplina, tentam colocar os seus alunos em contacto com o desporto. Obviamente que as aulas são muito mais do que isso, porém este é também um aspecto importante a ter em conta. Se os alunos não se identificarem com a actividade que estão a praticar, então dificilmente poderão aprender alguma coisa.

De facto, a promoção de ambientes de aprendizagem positivos, “obriga” a que o Professor tenha em conta os seus objectivos, crenças, motivações e emoções, mas, simultaneamente, todas estas variáveis no que toca à perspectiva dos alunos. Esta situação deve-se ao facto de os resultados do processo de ensino-aprendizagem poderem ser fortemente influenciados pelo “encontro e desencontro” de ambas as partes, no que se refere ao conjunto de variáveis já enunciadas (Rosado e Ferreira, 2009).

Contudo, o Desporto em geral pode ser perspectivado para além das aulas de Educação Física com objectivos que ultrapassam aqueles que são projectados para a disciplina. Neste sentido, o Grupo de Educação Física, onde eu me senti, durante todo o ano, como fazendo parte integrante, calendarizou várias actividades, para que toda a comunidade escolar pudesse ter um contacto directo com a prática de actividade física e hábitos de vida saudáveis.

Iniciámos as “hostilidades” no 1º Período com a organização do Corta-Mato escolar. Apesar de este ano ter sido realizado dentro do recinto da ESOD, pois no ano transacto tinha sido num espaço especialmente preparado para o efeito, não deixou de ser um desafio quer para participantes, quer para Professores. Na realidade, o nosso Grupo de Educação Física trabalhou muito nas semanas anteriores, em conjunto, para “por de pé” este evento que “parou” a ESOD nesse dia. Dessa forma, para que toda a “engrenagem” funcionasse sem problemas, as tarefas foram equitativamente distribuídas por cada um dos Professores, comigo incluído. Por isso, fiquei responsável pela marcação do percurso, bem como pela “fiscalização” de uma zona de passagem no dia da prova. Tudo decorreu sem problemas e esta actividade foi um sucesso, devido

ao espírito de trabalho em grupo e a entreatajuda que existiu entre todos os Professores de Educação Física.

Já no 2º Período Lectivo, realizaram-se duas actividades, o “Compal Air 3x3”, e a “Semana da Saúde”. A primeira foi dedicada à modalidade de Basquetebol, onde equipas de três elementos competem entre si, tendo em conta o escalão etário, para conseguirem obter o tão desejado triunfo final.

O nosso Núcleo de Estágio participou activamente nesta actividade, uma vez que estivemos a supervisionar todo o seu funcionamento no dia do torneio, a assumir funções de arbitragem e de treinadores. Esta foi particularmente interessante, uma vez que me permitiu passar um pouco para o lado dos participantes, ainda que como treinador e árbitro e assim vivenciar o espírito competitivo e a motivação com que os alunos vivem estas actividades. O mais caricato é que dei por mim a gritar pelos meus alunos e a vibrar com cada ponto que eles marcavam. Através desta situação, com que “dei de caras”, pude compreender a importância que estas actividades têm para que os alunos possam desenvolver o gosto pelo desporto. De facto, penso que elas podem ser um empurrão para que eles possam começar a praticar fora da escola, num clube ou associação desportiva.

Já no que toca à denominada “Semana da Saúde”, esta decorreu durante a última semana de aulas do 2º Período. Tal como o nome indica, esta tem como objectivo promover a saúde de toda a comunidade escolar, e por isso durante toda a semana decorreram amostras de aulas de Fitness, como por exemplo, o Body Combat, a Aeróbica, Danças, entre outras. Foram também realizados rastreios à saúde oral, oftalmológica, cardiovascular, etc., dos alunos.

Tenho que salientar que a minha participação nesta actividade foi reduzida, uma vez que apenas acompanhei a minha turma, durante o horário das suas aulas, às várias actividades e rastreios que se realizaram no polivalente da ESOD. Porém, esta foi uma actividade que despertou a minha atenção para a importância que este tipo de iniciativas pode ter para que os alunos se possam consciencializar que de facto a nossa saúde está de

sobremaneira dependente das nossas atitudes perante questões como a pratica de hábitos de vida saudáveis.

No 3º Período, o culminar de toda a “acção escolar”, no que a disciplina de Educação Física diz respeito, está a cargo do Sarau da escola, onde grupos de alunos apresentam actuações com as mais variadas temáticas, mas tendo como “pano de fundo”, a actividade física. É para esta actividade que todos nós trabalhámos durante o ano e eu não fui a excepção. Na cultura da ESOD, o Sarau funciona como uma mostra do trabalho efectuado, pois está aqui presente a comunidade escolar, bem como os pais e familiares dos alunos. Neste sentido, eu, tal como os meus colegas de Núcleo, encaramos esta data como um acontecimento importante para podermos demonstrar a todos, a qualidade do trabalho que realizamos com as nossas turmas, ao longo de todo o ano.

Mais uma vez, nesta actividade, a fórmula mágica para que esta funcionasse “sobre rodas”, foi uma preparação muito exaustiva e pormenorizada, nas semanas que antecederam o evento, e uma distribuição de tarefas, em que cada um de nós sabia exactamente o que fazer.

No início do ano estava algo expectante quanto à capacidade de trabalho em grupo e de cooperação, entre o Grupo de Educação Física. Contudo, a cultura que está enraizada na ESOD, relativamente às actividades que este Grupo promove ao durante cada ano lectivo, faz com que os seus Professores levem muito a sério todas elas. Por isso, para que tudo corra na perfeição, deixam para trás as suas diferenças, para “remarem para o mesmo lado”. Só com esta postura e atitude foi possível colocar de pé todos os projectos que haviam sido planeados logo no começo do ano.

Posso afirmar que a minha integração neste Grupo de trabalho fez-me desenvolver a minha capacidade de trabalho em grupo, de entreaajuda e cooperação.

Esta foi a primeira grande lição que retirei da minha participação na escola, fruto da minha integração num Grupo, que luta pelos mesmos objectivos e ideais e sobretudo pela manutenção de uma cultura desportiva na escola.

4.2.2) Atelier de Educação Física

Nos dias de hoje, a sociedade em que vivemos encontra-se cada vez mais industrializada e mecanizada, no que às tarefas destinadas ao Ser Humano diz respeito. Neste sentido, as modificações nos padrões de vida da nossa população não se fizeram esperar e cada vez mais se observa uma diminuição na Actividade Física em termos globais (Sereno, 2001).

De facto, para as crianças e adolescentes de hoje é muito mais difícil ter uma vida activa do que em tempos passados. Para o agravamento desta realidade em muito tem contribuído o aparecimento de novas formas de entretenimento, como os computadores, os jogos de vídeo e por aí fora.

Assim, tanto eu como os meus colegas de Núcleo deparámo-nos com uma realidade que não augura nada de bom para o futuro da nossa sociedade. Contudo, esta não é surpreendente, pois, cada vez menos alunos praticam Desporto, fora do contexto escolar. Devo confessar, que para mim esta situação foi algo que me deixou boquiaberto, uma vez que, apesar de estar consciente que cada vez menos jovens praticam desporto, nunca imaginei que a verdade fosse tão dramática. Através da Caracterização da Turma, concluí que 52% dos alunos não realizam qualquer Actividade Física nos seus tempos livres. Se comparar com o tempo em que eu era aluno e a grande maioria dos meus colegas de turma ocupavam o seu tempo de lazer com Actividade Física, esta é uma situação é manifestamente preocupante.

Todo este cenário terá sido o grande impulsionador para que surgisse a ideia de criar um Atelier de Educação Física, uma vez que, a prática de Actividade Física no decorrer da infância e adolescência poderá contribuir de forma positiva para a adopção de um estilo de vida activo na vida adulta (Haywood, 1991). Assim, pensámos que a criação de um espaço para alunos que não têm qualquer tipo de Actividade Física, para além das aulas de Educação Física, poderia ser interessante.

Assim sendo, tivemos como ponto de partida a ideia de que a Educação Física na escola, enquanto disciplina, poderá ser a maior garantia de que as gerações futuras possam adoptar uma cultura que privilegie um estilo de vida saudável. Para isso, a prática de Actividade Física assume um papel de

destaque e neste sentido, quanto mais horas de contacto com esta disciplina os alunos tiverem, mais fácil será atingir esta meta.

Após termos apresentado, de uma forma muito abrangente, a ideia ao Professor Francisco, ele sugeriu de imediato que colocássemos “mãos à obra”. Assim, colocámos no papel tudo aquilo que tínhamos em mente, de uma forma muito clara e objectiva. Num ápice, realizamos um esboço de tudo aquilo que pretendíamos por em prática e apresentámos a todo o Grupo de Educação Física um projecto para o denominado “Atelier de Educação Física” (Anexo 3). Este foi aceite por unanimidade e muito elogiado pelos Professores, porém, a ideia inicial de abranger todo o universo de alunos que não realizassem qualquer tipo de Actividade Física, foi rapidamente esquecida e reestruturada, uma vez que desta forma teríamos uma relação excessiva entre a procura e a oferta.

Assim, estabelecemos alguns parâmetros, de modo a realizar uma primeira selecção de alunos, entre aqueles que tinham piores classificações na Disciplina de Educação Física e os que apresentavam um Índice de Massa Corporal (IMC) superior ao aconselhado. Entre eles posso destacar o facto de os alunos terem que pertencer ao Ensino Básico. Contudo, obtivemos um número muito elevado e por isso optámos por nos centrar nos alunos com mais dificuldades à disciplina de Educação Física. Esta opção deveu-se principalmente ao facto de termos concluído que não existe, ao contrário de disciplinas como a Matemática ou o Português, uma actividade direccionada para os alunos que revelam maiores dificuldades. No entanto, também não esquecemos aqueles alunos têm uma vontade e um “crer” enormes, mas que, devido à insuficiente carga horária destinada à Educação Física, não conseguem desenvolver e evoluir as suas competências, nos vários domínios, de forma substancial.

Posto isto, com a ajuda dos Professores que leccionam às turmas do Ensino Básico, conseguimos chegar a um consenso, no sentido de apurar quais os alunos que se enquadrariam nos parâmetros por nós estabelecidos.

Após termos definido todas as questões relativas ao funcionamento do Atelier, o que diga-se de passagem, foi um trabalho moroso e prolongado e que

foi inteiramente da responsabilidade do nosso Núcleo de Estágio, iniciámos a sua posta em prática já no final do 2º Período Lectivo. De uma forma muito sumária, posso dizer que cada aula teve como conteúdo principal, modalidades que são consideradas como alternativas, quer nos Programas Nacionais de Educação Física, quer no Projecto Curricular de Educação Física, como por exemplo a Patinagem e o Badmington. A abordagem destas teve como principal finalidade, complementar o “leque” de vivencias e experiencias dos alunos, que deve ser o mais alargado possível. Para além do conteúdo principal, cada uma das aulas foi composta por uma parte mais reduzida, em termos temporais, para que pudéssemos exercitar com os alunos as suas capacidades condicionais e coordenativas que, segundo Pimentel & Oliveira (2003), influenciam o desenvolvimento motor e a coordenação dos alunos.

A resposta dos alunos em cada aula foi soberba, pois a motivação e empenho que cada um deles demonstrou, foram por si só uma fonte de satisfação. Contudo, nós ambicionava-mos muito mais do que ter, simplesmente, um grupo de alunos contentes, a praticar desporto. Nesse sentido, traçámos como “metas”, obter resultados positivos, no que toca à nota de cada aluno, no final do ano lectivo, e também, conseguir uma melhoria nos resultados dos seus testes de Fitnessgram.

As expectativas eram elevadas e o espaço de tempo para as atingir era curto, o que, não obstante o nosso esforço, contribuiu para que os resultados, a nível quantitativo, não fossem o esperado. No entanto, o feedback que recebemos dos outros Professores foi de que, nas suas aulas, os alunos que estavam integrados no nosso Atelier, estavam a demonstrar muito mais empenho e interesse o que se reflectia directamente na sua performance.

Neste sentido, o balanço que faço desta iniciativa é claramente positivo, uma vez que os alunos que nela participaram puderam descobrir o prazer que é praticar Desporto, o que, à *posteriori*, se reflecte na sua prestação nas aulas de Educação Física.

O desfecho desta actividade, fez-me reflectir acerca da importância de existir, de forma contínua, um espaço para que os alunos que têm dificuldades nesta disciplina, mas que, ao mesmo tempo, demonstram vontade de potenciar

as suas capacidades, o possam fazer. Por isso eu deixo a questão em aberto, porquê que existem programas de apoio para estes alunos, em outras disciplinas e não para a nossa?

A importância desta disciplina, para o completo desenvolvimento de cada aluno, foi já alvo de reflexão no decorrer deste documento, e neste sentido, não consigo compreender o facto de não existir um reforço na carga horária, para aqueles alunos que não apresentam resultados satisfatórios.

Quanto a mim, esta iniciativa levada a cabo por nós, poderá e deverá ser aproveitada pelos Professores do Grupo de Educação Física da ESOD. Eles podem dar uma continuidade ao projecto, já no ano que se seguirá, de forma a colmatar esta lacuna que, quanto a mim, poderá ter consequências para o futuro dos “nossos” alunos.

4.2.3) Muito mais do que um Professor...

A função de um Director de Turma (DT) é uma das muitas que cabem a um Professor. Nesse sentido, apesar de neste ano de estágio não me ter cabido esta tarefa, empenhei algum tempo para tentar perceber o que faz um DT, quais as suas responsabilidades e, sobretudo, qual a importância do seu papel, para o sucesso de todo o processo de ensino-aprendizagem dos alunos.

Assim, o primeiro passo para melhor me inteirar acerca de todo este envolvimento, foi a participação em todas as reuniões e concelhos de turma, referentes à minha turma, o 8ºD. Com a ajuda do Professor Francisco, que esteve sempre ao meu lado nestas reuniões e da Professora Yara Oliveira, a DT, consegui perceber que a sua tarefa era muito mais do que servir de intermediário entre os principais intervenientes no processo educativo.

Na realidade, apercebi-me que a cada Professor cabe o papel de gerir tudo o que envolve a sua disciplina, enquanto o DT assume a função de coordenar toda esta gestão (Roldão, 2007). No entanto, é necessário realçar que o aluno é o principal regulador de todo este processo, uma vez que é com base nas suas características, necessidades e potencialidades que o DT dirige a sua “equipa” de trabalho.

Desta forma, uma das principais incumbências que cabe ao DT é conhecer, o mais possível, cada um dos alunos e por isso, a Professora Yara tinha um dossier que continha todas as informações acerca de cada aluno. Esta foi uma das particularidades que mais me chamou à atenção, pois cada vez que discutíamos a situação escolar de cada aluno, esta punha-nos a par de todo o “cenário” que envolvia o aluno. Assim, tudo se tornava mais fácil, e tentávamos perceber até que ponto este poderia estar a influenciar o seu rendimento escolar. Não raras vezes, percebemos que o “ambiente familiar” era a causa dos problemas ocorridos na escola, o que só foi possível devido ao trabalho competente e responsável da DT do 8ºD.

Várias foram as conversas informais que mantive com a Professora Yara, e pude consciencializar-me que uma das principais dificuldades do DT é estabelecer um contacto permanente com os Encarregados de Educação. De facto, esta foi uma das questões que despertou o meu interesse, mas agora pelo lado negativo, pois ela confessou-me que tem imensa dificuldade em cativar o interesse de alguns encarregados de educação, pelo percurso escolar dos seus educandos. Assim, torna-se quase que ingrata a tarefa do DT. Por mais vontade que este mostre em tentar encontrar soluções para os problemas específicos de cada um destes alunos, se os seus encarregados de educação não estiverem por trás a apoiar o trabalho dos Professores, estamos à partida, quase que condenados ao insucesso.

Apesar de ter sido através do “contacto directo” com a realidade escolar que fui conhecendo melhor a importância do DT, não me contentei com esta situação. Neste sentido, sob a coordenação do Professor Francisco, o nosso Núcleo de estágio teve uma reunião com a Coordenadora dos Directores de Turma, para que pudéssemos compreender melhor o contexto legal dos principais deveres e responsabilidades do DT. Desta forma, pudemos aliar o conhecimento adquirido através da prática, mas com uma base teórica e legal, que me permitiu compreender todo o contexto de actuação de um DT.

A minha turma deu muito que fazer a todos nós, entenda-se, aos Professores de cada disciplina e DT. O contexto familiar de alguns alunos é complicado, o que os prejudicou ao longo do ano lectivo. Perante este cenário,

todos nós, mas a DT em particular, foi muito mais do que Professora para os alunos, foi pai e mãe, foi conselheira e amiga, tendo como principal objectivo o bem de cada um deles. Esta postura foi para mim uma referência, uma vez que, enquanto aluno, nunca tive a percepção de que um Professor, neste caso a DT, pudesse ser tão importante e decisiva para o sucesso do processo de ensino-aprendizagem dos alunos. Considero-me um privilegiado por ter tido a oportunidade de aprender juntamente com toda a equipa de trabalho que se juntava em cada reunião de conselho de turma.

A minha envolvimento nestas tarefas que fazem parte das responsabilidades de todos os Professores foi fundamental para que eu pudesse compreender a parte “humana” que um DT deve possuir. Este deve conseguir actuar como um verdadeiro coordenador de todo o processo educativo para que seja possível alcançar bons resultados. Desta forma, posso dizer que a minha visão acerca do DT sofreu uma mudança de 180°. Agora vejo que esta é uma tarefa que merece todo o respeito e reconhecimento, pois na realidade o DT é muito mais do que um Professor. Ele assume a responsabilidade pelo processo de ensino-aprendizagem do aluno, quando os que o devem fazer se demitem desse cargo. Pode ser considerado como o pai e mãe na escola.

4.3) Área 3 – Relações com a Comunidade

A relação entre a escola e o meio envolvente deverá contribuir de forma positiva para o desenvolvimento de ambos. Contudo, para que seja possível retirar dividendos desta ligação, é necessário que ambos possuam um conhecimento aprofundado das condições regionais e locais, e sobretudo, que este saber seja recíproco.

Assim, o papel do Professor é fundamental para, por um lado, dar a conhecer ao meio envolvente todo o trabalho que é realizado no interior da escola, e por outro lado, obter informações acerca deste mesmo meio. Só desta forma poderá utilizar todas as potencialidades nele existentes, de forma a potenciar o processo de ensino-aprendizagem dos alunos.

Todo o acto educativo que envolve os alunos deve ser alvo de atenção especial por parte do Professor, contudo, este processo não poderá ter o sucesso desejado se os Encarregados de Educação não demonstrarem interesse pelo percurso escolar dos seus educandos. Para isso, o Professor deve agir e procurar que os Encarregados de Educação façam parte integrante do processo educativo, tentando potenciar esta “ligação” com a sua comunidade.

Posto isto, neste ano lectivo, investi algum do meu tempo no sentido de conhecer as oportunidades que Oliveira do Douro “oferece” aos seus jovens, para que estes se possam tornar indivíduos activos. Para além disto, com o intuito de estreitar ligações entre a escola e a comunidade, dei a conhecer parte do trabalho efectuado por mim e pelos meus alunos, através do Sarau de final de ano.

4.3.1) Do outro lado da escola...

Actualmente o Desporto é cada vez mais dirigido às “massas” populacionais e por isso, pode ser considerado plural, quer nas suas formas, quer nos seus praticantes. Contudo, as crenças e os ideais que estão enraizados na cultura desportiva de cada região podem influenciar de sobremaneira a sua prática. Por isso, todo o desenvolvimento das actividades

desportivas que é realizado a nível local tem um “peso” significativo na quantidade e qualidade de Actividade Física que é praticada pelos seus habitantes (Carvalho, 1994). Assim sendo, o Município desempenha um papel determinante no que ao desenvolvimento desportivo de uma localidade diz respeito.

A oferta de espaços desportivos que respondam às necessidades da sua população é um dos factores fulcrais para que esse mesmo desenvolvimento seja optimizado, e é da inteira responsabilidade da Autarquia local.

Tendo em conta todo este envolvimento, torna-se a meu ver importante, que o Professor de Educação Física compreenda as componentes mais significativas, no que toca à identidade da comunidade onde a sua escola está inserida, para conseguir dar sentido à sua prática pedagógica.

A minha intervenção foi precisamente neste sentido. Por isso, tendo como principal ponto de partida o facto de o processo de ensino-aprendizagem ser influenciado por tudo o que rodeia os meus alunos, tentei conhecer melhor aquilo que se encontra para lá do portão da ESOD.

Após ter efectuado um trabalho de pesquisa acerca da Freguesia de Oliveira do Douro, pude constatar que a oferta para a prática desportiva é razoável. Por um lado, o município possui o Parque Municipal da Lavandeira, um espaço verde que se assume como um verdadeiro parque da cidade, que ocupa uma área de aproximadamente 110 000 m² e que recria diversos ambientes ligados ao lazer e à prática desportiva. Por outro lado, em termos de Desporto Federado, Oliveira do Douro tem duas organizações principais, que se fazem representar nas competições das respectivas modalidades e que proporcionam aos seus atletas, o contacto efectivo com o desporto de competição. São elas o Clube Futebol de Oliveira do Douro, onde, obviamente se pratica a modalidade de Futebol, e a Associação Paroquial de Oliveira do Douro, onde os Desportos dominantes são o Basquetebol e o Ténis de Mesa.

Para além destes locais, que podem ser considerados como uma referência, no que toca à prática desportiva em Oliveira do Douro, na região

existem também alguns Ginásios, porém, estes já não estão sob a alçada do Município.

Na minha opinião, a oferta desportiva, em termos de variedade, na freguesia de Oliveira do Douro, não é substancial. Contudo, se tivermos em consideração que esta tem uma dimensão reduzida, se comparando com uma cidade, posso afirmar que a comunidade de Oliveira do Douro está bem servida. Oferece todas as condições para que os seus habitantes usufruam das condições que a localidade oferece para a prática de Actividade Física.

Porém, a oferta, está sempre relacionada com a procura e, nesse sentido, eu deparei-me com uma realidade que não é de facto a mais animadora. Já fiz referência, neste documento, à percentagem de alunos da minha turma que pratica Desporto nos seus tempos livres. Por isso, tendo como base esses dados, bem como as conversas que fui estabelecendo com os outros Professores de Educação Física, pude constatar que grande parte dos alunos não são indivíduos activos e não usufruem das ofertas desportivas do Município.

Quanto a mim, os Professores de Educação Física e a sua disciplina são uma parte importante para que esta tendência possa ser invertida. Cabe-nos a nós tentar incutir nos alunos o gosto pela prática desportiva, para que estes possam realizar não só no interior da escola, mas também quando passam para o outro lado da escola.

Esta foi uma das minhas “lutas” no decorrer do ano lectivo. A minha intervenção junto dos alunos foi sempre, por uma lado, no sentido de os incentivar a participar nas actividades desportivas que decorreram na escola e de os tentar “canalizar” para o Desporto Escolar, que, segundo Sobral (1991), pode considerado a base da formação de jovens atletas. Por outro lado, fui dando a conhecer aos alunos, no decorrer das aulas, as ofertas desportivas que existem na sua região, para que estes pudessem iniciar uma prática desportiva regular, numa modalidade desportiva.

Contudo, hoje em dia as organizações desportivas são muito mais do que locais onde um grupo de pessoas pratica uma modalidade de que gosta. Estes são espaços de socialização, de convívio, de festa, valores estes que

motivam os seus participantes a continuarem a sua prática. Neste sentido, para além da minha procura acerca do que se encontra do outro lado da escola, penso que o facto de ter tentado dar “cor e vida” ao desporto, nas aulas de Educação Física, foi determinante para dar a conhecer aos alunos o que de bom tem o Desporto. Fi-lo, por exemplo, através da realização de torneios intra-turma, nas várias modalidades leccionadas

Por isso, para mim foi uma satisfação enorme e um sentimento de dever cumprido, quando constatei que desde o início do ano alguns alunos já iniciaram uma prática desportiva regular, inclusivamente, alguns deles a nível federado. Isto fez-me acreditar que a minha actuação teve um impacto positivo nos meus alunos!

4.3.2) À descoberta da ESOD...

Para muitos Pais e Encarregados de Educação, o processo educativo que ocorre no interior da escola constitui-se como um “mundo desconhecido”. Na verdade, seja por falta de tempo, por falta de interesse, ou por outro motivo qualquer, o que é facto é que frequentemente, os Encarregados de Educação delegam os seus deveres de educadores para a escola e colocam-se em 2º plano. Mas será que a escola não terá também uma cota parte de responsabilidade para que esta situação se agrave? A meu ver, o facto de os alunos terem horários cada vez mais preenchidos e passarem cada vez mais tempo na escola poderá ser um ponto a favor para que esta realidade se esteja a acentuar. Porém, nós enquanto Professores, temos o dever de tentar contrariar esta tendência.

É verdade que a escola deve assumir as suas responsabilidades, no que diz respeito à educação dos alunos, contudo, ela não deve ser culpabilizada pela actuação dos alunos. Esta deverá começar precisamente em casa, e os pais são os principais responsáveis por ela.

Sem dúvida que esta situação pode e deve ser ultrapassada, e nesse sentido, no decorrer do ano lectivo tentei estreitar relações com os Encarregados de Educação dos meus alunos. Para isso, contei com a preciosa ajuda da DT, que através das avaliações intercalares e de final do Período,

fazia chegar aos Encarregados de Educação, as informações relativas aos seus educandos. No entanto, achei que enquanto Professor, ainda que estagiário, poderia ter um contributo mais acentuado, no sentido de ser parte integrante de uma solução para tentar estreitar relações entre a escola e os Pais. Foi com esta convicção em mente, que o nosso Núcleo de Estágio participou nas diferentes actividades que juntaram toda a comunidade escolar, entre as quais devo destacar o Sarau do final de ano. Para esta actividade, que foi talvez o “Evento Culminante” de todo o trabalho realizado durante o ano lectivo, tal como já referi anteriormente, idealizamos, realizamos e enviamos convites para os Encarregados de Educação e familiares dos alunos (Anexo 4). Este foi elaborado com o intuito de sensibilizar os pais e Encarregados de Educação para a importância da sua presença. Desta forma, era nossa intenção dar a conhecer um pouco do que na ESOD é feito, e assim poderem estar conscientes do esforço que a escola realizou em prol do sucesso do processo de ensino-aprendizagem.

Eu acredito que quanto maior for o conhecimento dos Encarregados de Educação acerca de todo o trabalho que é realizado por cada escola, maior poderá ser o seu contributo para que escola e meio envolvente possam “caminhar juntos”. Assim, poderão concretizar um objectivo comum, proporcionar aos seus jovens um processo de formação eclético.

Neste sentido, penso que seria de uma importância fulcral, projectar e por em prática mais eventos deste género. Esta seria uma forma de potenciar a relação entre as escolas e os pais, para que estes últimos se sentissem uma parte integrante do processo de ensino-aprendizagem.

4.4) Área 4 – Desenvolvimento Profissional

O meu desenvolvimento, enquanto profissional da Educação Física, foi sobejamente marcado e influenciado pelo EP. Porém, esta não foi a primeira etapa da minha formação, muito pelo contrário. Esta foi apenas uma das muitas que constituem o meu percurso, que no meu entender, deve assumir um carácter contínuo e que apenas terminará quando der por encerrada a minha carreira profissional. Encarar o EP como o culminar do nosso desenvolvimento profissional, é, na minha opinião, um equívoco. O Professor nos dias de hoje, é visto como um agente primordial do processo de ensino-aprendizagem e como tal, deve acompanhar a inovação e a mudança que está sempre a acontecer na sociedade. Só assim, conseguirá dar uma resposta capaz às necessidades reais do sistema de ensino (Arroteia, 1994).

Assim sendo, do meu ponto de vista, entendo que a competência docente é algo que se vai construindo de forma contínua, onde a adopção de uma atitude crítica e reflexiva nos permite “fazer cada vez mais e melhor”. O EP foi um dos grandes precursores, para que compreendesse a importância de efectuar uma reflexão sistemática e continuada. Esta ideia é corroborada por Rodrigues (2009), que sugere que esta pode e deve ser utilizada como um instrumento de trabalho, com vista ao desenvolvimento das nossas capacidades profissionais. “Ela” fornece um contributo inegável para que possamos desenvolver os conhecimentos profissionais, ou seja, aquilo a que podemos chamar os saberes docentes.

4.4.1) O Desenvolvimento da Acção Reflexiva

Reflectir é inerente ao Ser Humano, uma vez que este é um ser “pensante”. Porém, o acto reflexivo, é muito mais do que estar a pensar em alguma coisa, é realizar um “olhar crítico” sobre o objecto dessa mesma reflexão.

Com o intuito de me tornar cada vez melhor Professor, contei com a ajuda do Professor Francisco e do Professor José Guilherme, que, numa fase inicial tiveram um contributo inegável para que pudesse desenvolver uma

acção reflexiva de qualidade. Neste sentido, as minhas reflexões diárias foram sempre no sentido de analisar tudo o que tem a ver, que se relaciona, influencia e determina a actuação do Professor (Alarcão, 1996).

No entanto, estou perfeitamente consciencializado que a minha capacidade de reflectir sofreu uma evolução enorme durante este ano lectivo. Se inicialmente assumia formas mais primárias e simples, foi-se transformando, de uma forma progressiva e contínua, numa reflexão mais complexa e pertinente.

Na realidade, no início do ano lectivo, o conteúdo das minhas reflexões assentava num “relatório de aula”, onde muitas vezes, descrevia o sucedido, “*A primeira parte da aula foi então dedicada a finalizar a avaliação diagnóstica, porém, permitiu também aos alunos treinarem nas suas zonas de trabalho os elementos gímnicos antes de realizarem a dita avaliação. Mais uma vez, e como o professor neste tipo de aula necessita de estar mais atento aos alunos que estão a ser avaliados, a autonomia e responsabilização dos alunos foi proposta por mim aos mesmos. É certo, que como estamos no início do ano, a turma ainda não adquiriu rotinas de trabalho e como consequência, os alunos mais rebeldes conseguem ainda destabilizar a aula (...) Passando agora para o jogo que realizei com a turma, uma “estafeta de ginástica”, após estes terem terminado a avaliação, não correu como eu tinha planeado. Um exercício que deveria ter a duração de 10 minutos demorou quase o dobro para ser posto em prática. Qual foi então o problema? O principal foi o facto de o número de elementos de cada grupo/ equipa não ser igual, existiam equipas de 4 elementos e equipas de 5. Nestas situações o que normalmente se faz é transmitir ao primeiro elemento de cada equipa, que tem apenas 4 elementos, para realizar mais uma vez o percurso, possibilitando assim que todas as equipas fizessem no total o mesmo número de percursos.*” Reflexão da aula nº 4 e 5.

Com o passar do tempo, fui tentando elevar a qualidade das mesmas, o que facto se verificou. Comecei a centrar mais a minha atenção nos aspectos relacionados com o planeamento, aplicação prática e a resposta dos alunos a essa mesma aplicação, tal como demonstra a Reflexão da aula nº 27 “*Como se trata de um bloco de apenas 45 minutos, a organização da aula assume um papel determinante para o sucesso da mesma, uma vez que tempos de transição e de espera excessivos não são de todo desejáveis, ainda para mais com uma aula tão curta, em termos de tempo útil. Assim, o meu objectivo foi planejar uma aula com exercícios fáceis do ponto de vista da gestão e da organização mas que ao mesmo tempo respondessem às necessidades da turma que tem dois níveis distintos de desempenho nesta modalidade. (...) Outro dos pontos que penso ter sido positivo foi o exercício que efectuei com as meninas. Uma simples*

condução de bola, contornado os sinalizadores e consequente finalização na baliza. Por um lado, todas as alunas tinham uma bola para realizar o seu exercício, o que é muito importante para potenciar a sua relação com a mesma, e por outro lado, a organização do exercício permitiu que todas estivessem em constante exercitação, uma vez que existiam 6 “percursos” de sinalizadores ou seja, duas alunas para cada “percurso”. Desta forma, enquanto uma estava a ir buscar a bola à baliza, a outra colega já estava a iniciar o seu percurso e assim sucessivamente. Logicamente que, apesar de esta ser uma tarefa rica em termos de aprendizagem, não pode ter uma duração exagerada uma vez que é desmotivante. Contudo, como exercício de aquecimento é, na minha opinião excelente, para que elas possam trabalhar mais a relação com bola ao mesmo tempo que estão todas em movimento.”

Sem dúvida que este patamar de reflexão me ajudou bastante a evoluir enquanto Professor, uma vez que, ao reflectir acerca da minha actuação, consegui consciencializar-me acerca dos aspectos em que poderia melhorar.

No entanto, penso que consegui elevar mais ainda o nível da minha acção reflexiva. Já no final do ano lectivo, voltei a minha atenção para as repercussões que as minhas aulas poderiam ter a nível Psicossocial e Cultural dos alunos, *“No sentido de proporcionar aos alunos um último momento de libertação e emancipação dos conteúdos programáticos, bem como da “obrigação” de realizar os exercícios propostos pelo Professor no decorrer das aulas já leccionadas, optei por proporcionar aos alunos uma primeira parte da aula em que eles poderiam escolher qual a modalidade a praticar mediante o espaço da aula que tinham à sua disposição. (...) Pode parecer que as chamadas “aulas livres” são apenas um pretexto para que o professor não tenha trabalho a planear e elaborar um plano de aula. Contudo, na minha opinião, são muito mais do que isso, pois apesar de não serem abordados conteúdos de forma explícita, por um lado eles estão implícitos e são exercitados através das situações de jogo que os alunos optam por realizar. Por outro lado, elas são ainda mais importantes para que a motivação e o empenho da turma seja potenciado e por isso mesmo, estes constituem os principais objectivos deste tipo de aulas. Desta maneira os alunos ficam contentes por terem a oportunidade de praticar as actividades desportivas que mais gostam, o que aumenta a sua predisposição para as aulas de Educação Física, que no fundo deve ser um dos objectivos principais da disciplina.”* Reflexão da aula nº 88 e 89.

Não posso negar que o acto reflexivo contribui em grande medida para que eu consegui desenvolver as minhas competências enquanto Professor. No entanto, penso que o facto de ter tentado, de forma persistente e contínua, elevar o nível do conteúdo das mesmas, foi ainda mais determinante para o sucesso do meu “crescimento”.

Deste modo, o facto de ter sempre tentado alcançar um patamar mais elevado, no que à minha acção reflexiva diz respeito, fez-me perceber a importância e o impacto que as minhas decisões tiveram para o sucesso do processo de ensino-aprendizagem dos meus alunos. Assim, a postura reflexiva que eu adoptei, foi sempre no sentido de encontrar as melhores soluções e estratégias, de modo a potenciar os resultados da aprendizagem da minha turma.

4.4.2) Estágio Profissional: uma tarefa individual ou de grupo?

Como o meu objectivo principal para este ano lectivo passava por “...aprender a ser professor.”, tal como eu fiz referência no PFI, a busca incessante pela competência fez-me trabalhar muito. Pesquisei, planeei, realizei, entre muitas outras tarefas, contudo, algumas delas revelaram-se de carácter individual e outras de grupo.

Posso considerar-me um privilegiado, uma vez que, neste ano lectivo tive o prazer de trabalhar com um Núcleo de Estágio, um Professor Cooperante e um Supervisor de Estágio que foram o pilar de todo o meu desenvolvimento. De facto, eles foram uma fonte de troca de experiências e conhecimentos, que me fizeram questionar e reflectir acerca de todos os problemas e obstáculos que encontrei. Todo o trabalho de grupo por nós realizado foi sem dúvida fundamental, uma vez que segundo Armour e Yelling (2007), o desenvolvimento profissional é contínuo e a aprendizagem informal com os nossos pares tem um contributo enorme para esse desenvolvimento.

Contudo, não foram só os meus “companheiros de jornada” e Professores que me levaram a atingir o patamar onde me encontro, a nível profissional. O trabalho que eu desenvolvi com a minha turma, foi também um trabalho de grupo, foi um “dar e receber” constante. Eles foram a “chave” que me permitiu abrir o “baú” do conhecimento empírico, e que me permitiu vencer a batalha contra as dificuldades com que me digladiiei.

Assim, não tenho qualquer receio em afirmar que foi através deste contacto com os intervenientes mais directos no processo educativo, que me tornei no Professor empenhado, competente e pragmático que sou hoje!

Mais uma vez, através da minha capacidade para reflectir, cheguei à conclusão que, apesar de o EP ter sido uma tarefa individual, ele foi sobejamente influenciada pelo trabalho que eu desenvolvi em grupo.

5. CONCLUSÃO E PERSPECTIVAS FUTURAS

Conclusão e Perspectivas Futuras

Enquanto escrevo estas palavras, recordo o momento em que entrei pela primeira vez na ESOD. Parece que tudo aconteceu ontem e na verdade já me encontro no final do ano lectivo.

Apesar de este espaço de tempo que medeia entre o início e o final do EP ter “requisitado” todo o meu empenho e dedicação, este foi com certeza um ano que nunca irei esquecer, quer como profissional, quer enquanto pessoa.

Por um lado, vivenciei toda uma panóplia de experiências e acontecimentos, que me fizeram desenvolver todas as minhas competências enquanto futuro Professor. Mas por outro lado, foi também verdade que esta experiência me fez desenvolver atitudes e valores que me fortaleceram enquanto pessoa. No entanto, este meu crescimento só foi possível através do contacto com aqueles que considero terem sido os principais responsáveis por este processo, os meus alunos. Se é verdade que um Professor deve ensinar os alunos, não é menos verdade que também ele aprende muito com os eles. Aquele que não tiver a capacidade para reconhecer esta realidade nunca irá conseguir ser um Professor competente.

Assim, o meu percurso neste ano lectivo pode ser caracterizado por um constante dar e receber. Se não há dúvidas quanto ao contributo que a minha turma teve para o meu processo de aprendizagem, também tenho a certeza que dei o meu melhor para contribuir positivamente para o sucesso do seu processo de aprendizagem.

Ver os meus alunos crescer foi um prazer, tal como o é quando um pai vê o seu filho dar os primeiros passos ou até dizer a primeira palavra. Todo este processo fez-me compreender que todo o meu desenvolvimento profissional não foi em vão. Na realidade, todo o investimento feito por mim, nas várias áreas de desempenho do professor, passou a ter um sentido, ajudar os meus alunos a “crescer”.

Este crescimento de que falo não se cingiu a ensiná-los a fazer um passe ou a dar uma cambalhota, nada disso! No meu horizonte esteve sempre a ideia de formar alunos cultos, competentes e entusiastas. Por esta razão,

mais do que lhes ensinar a executar habilidades motoras, tentei que eles pudessem compreender o significado do trabalho em grupo, da cooperação, da solidariedade e do fair-play. No fundo, tentei que tivessem uma formação eclética, onde as habilidades motoras e também os conceitos psicossociais tem lugar. Obviamente que não me esqueci do que para mim é mais importante, o gosto pela prática desportiva. Nesse sentido, fui sempre um Professor entusiasta e motivado, tentando contagiar os alunos com a minha boa disposição.

Todo este envolvimento significou para muito para mim, uma vez que consegui compreender o quão importante é a tarefa de um Professor. Consciencializei-me que a minha função não se restringia ao acto de “dar aulas”, nada disso! Tudo o que envolve o processo de ensino-aprendizagem, influencia o mesmo e por isso, este contacto directo com a realidade escolar foi fundamental para que eu a pudesse compreender e vivenciar. Reconheço que não é de todo fácil, e que me tomou muito do meu tempo, mas se cada um de nós não se propuser a adoptar uma atitude semelhante, certamente que a nossa disciplina continuará a cair no descrédito.

Foi por esta convicção que lutei e continuarei a lutar até ao final da minha carreira profissional, pois acredito que os factores que contribuem para o sucesso do processo de ensino aprendizagem são múltiplos. Contudo, alguns deles são da exclusiva responsabilidade do professor e é precisamente sobre estes aspectos que o docente deve ter uma atitude crítica e reflexiva.

Não nos devemos deixar cair no facilitismo e no comodismo. Devemos estar constantemente insatisfeitos, com o intuito de conseguirmos ser educadores competentes, capazes de responder às dificuldades e obstáculos que a todo o momento surgem.

Só assim fui capaz de ir subindo, patamar a patamar, até que consegui alcançar um nível, onde assumi como essencial, o processo de reflexão como uma plataforma indispensável à minha evolução. Agora consigo reflectir sobre o processo de ensino-aprendizagem como “um todo” e não apenas como a soma de todas as partes que constituem a aula ou a intervenção do Professor.

Contudo, não me iludo com aquilo que consegui alcançar nesta última etapa da minha formação superior. Tenho a plena consciência que este foi apenas o primeiro passo da minha futura carreira profissional, pelo menos assim o espero. Conteí com a preciosa ajuda do meu Professor Cooperante, Francisco Fernandes, que com a sua enorme experiência, estimulou o meu crescimento. Posso dizer que a sua intervenção foi decisiva, pois não me entregou de mão beijada as soluções para cada um dos problemas que encontrei. Forneceu-me sim as orientações necessárias para que eu conseguisse encontrar o melhor caminho!

Não posso deixar de referir também o contributo dos outros Professores de Educação Física, que foram alvo de muitas perguntas e dúvidas da minha parte e que sempre se mostraram disponíveis para me ajudar.

O carinho com que fui recebido na ESOD, por toda a comunidade escolar, faz-me já sentir saudades de lá estar. No entanto, sei que um árduo caminho se encontra à minha frente, pois o desemprego na nossa área é cada vez mais uma realidade.

Não obstante esta realidade, irei encarar esta nova fase da minha vida profissional de cabeça erguida, pois tenho a consciência que tudo fiz para conseguir ficar mais perto daquilo que me faz feliz, dar aulas!

Este é um momento de grande satisfação e orgulho, porém, de tristeza, pois vou deixar os meus alunos, que tantas alegrias me deram. Tenho que confessar que a última semana de aulas foi difícil, mesmo muito difícil! Quando caí na realidade e me apercebi que estava a leccionar a última aula um turbilhão de sentimento apoderou-se de mim. Não posso esconder que quando os alunos me entregaram uma T-Shirt em que cada um deles tinha escrito uma dedicatória para mim, tive de me conter e aguentar as lágrimas. Podem chamar-me de piegas ou até de sentimental, mas a verdade é que o sentimento é que comanda a vida e neste momento sinto-me feliz por ser Professor!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Referências Bibliográficas

- Alarcão, I. (1996). Ser Professor Reflexivo. In I. Alarcão (Ed.), *Formação Reflexiva de Professores – Estratégias de Supervisão* (pp. 173-188).
- Armour, K. & Yelling, M. (2007). Effective Professional Development for Physical Education Teachers: The Role of Informal, Collaborative Learning. *Journal of teaching in Physical Education*, 26(2), 177-200.
- Arroteia, J. (1994). *A Formação Continua dos Professores: Uma Primeira Abordagem*. Évora: Associação da Educação Pluridimensional e da Escola Cultural.
- Batista, P; Graça, A; Mesquita, I; Pereira, F. (2009). Análise da instrução de estagiários de Educação Física no período final do estágio pedagógico. I Congresso Internacional de Intervenção Pedagógica e Profissional. ISMAI. [Edição em formato digital].
- Bento, J. (1987). *Planeamento e Avaliação em Educação Física*. Lisboa: Horizonte de Cultura Física.
- Bento, J. (2003). *Planeamento e Avaliação em Educação Física*. Lisboa: Horizonte de Cultura Física.
- Carleton, B. & Henrich, T. (2000). Strategies for Enhancing the performance of Low-Skilled Students. *JOPERD*, 71 (2), 29-31.
- Carreiro da Costa, F. (1995). *O Sucesso Pedagógico em Educação Física*. Lisboa: Edições FMH.
- Carvalho, A. (1994). *Desporto e Autarquias Locais*. Porto: Campo das Letras Editores.
- Dias, J. (2002). *Bioética e Educação Física*. Rio de Janeiro: CONEF, Revista de Educação Física nº4.
- Feiman-Nemser, S & Norman, P. (2000). *Teacher Education: From initial preparation to continuing professional development*. In Moon, B.; Brown, S & Bem. Peretz, M. (Org.), *Routledge internacional companion to education*. New York: Routledge.
- Graça, A. (2003). Para uma renovação das concepções de ensino dos jogos desportivos nas escolas. In A. Prista & A. Marques & A. Madeira & S.

- Saranga (Eds.). *Actividade física e desporto. Fundamentos e contextos*. Porto: Universidade do Porto – Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física.
- Graça, A. & Mesquita, I. (2009). Modelos de Ensino dos Jogos Desportivos. In A. Rosado (Ed), *Pedagogia do Desporto* (pp. 131-163).
- Glencross, D.J. (1992). Human Skill and Motor Learning: A Critical Review. *Sport Science Review*.
- Harbour, B. (1988). *Rising above the crowd*. Nashville, Tennessee: Broadman Press.
- Haywood, K. (1991). The Role of Physical Education in the Development of Active Lifestyles. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, 62 (2), 151-156.
- Lei de Bases do Sistema Educativo: Lei nº 46/86 de 14 de Outubro.
- Leinhardt, G., Putnam, R., Stein, M., & Baxter, J. (1991). Where subject Knowledge matters. In J. Brophy (Ed.), *Advances in Research on Teaching*. Greenwich, Connecticut: JAI Press Inc.
- Mascarenhas, B. (2009). *Feedback: Importância e Metodologia*. Consult. 12 Maio 2011, disponível em <http://www.webartigos.com>
- Matos, Z. (2010). *Normas Orientadoras do Estágio Profissional do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básicos e Secundário da FADEUP: 2010-2011*. Porto: Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Matos, Z. (2010). *Regulamento da Unidade Curricular Estágio Profissional do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básicos e Secundário da FADEUP: 2010-2011*. Porto: Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Mesquita, I. & Graça, A. (2009). Modelos instrucionais no ensino do Desporto. In A. Rosado (Ed), *Pedagogia do Desporto* (pp. 39-69). Lisboa: Ed. FMH.
- Noizet, G & Caverni, J. (1985). *Psicologia da Avaliação Escolar*. Coimbra: Editora Limitada.

- Piéron, M. (1999). El Professor. In M. Piéron (Ed.), *Para una enseñanza eficaz de las actividades físico-despotivas*. Barcelona: Inde Publicaciones.
- Piéron, M & Piron, J. (1981). Recherche de critères d'efficacité d'enseignement d'habilités motrices. *Sport*, 24, 144-161.
- Pimenta, S. e Lima, M. (2004). *Estágio e Docência*. São Paulo: Cortez.
- Pimentel, J. & Oliveira, J. (2003). Influência do meio no desenvolvimento da coordenação motora global e fina – Estudo com crianças de 9 e 10 anos da cidade do Porto e da Beira Alta. *Horizonte – Revista de Educação Física e Desporto*, XVIII (105), 34-37.
- Pintrich, P. & Schunk, D. (1995). *Motivation in Education*. Theory, Research and Applications. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall
- Ponte, J., Januário, C., Cruz, I., Ferreira, I. e Alarcão, I. (2000). *Por uma formação inicial de qualidade*. Documento de trabalho da Comissão ad hoc do CRUP para a formação de professores.
- Programa Nacional de Educação Física do 3º Ciclo, (2001).
- Ribeiro, A & Ribeiro, L. (1990). *Planificação e Avaliação do Processo de Ensino-Aprendizagem*. Universidade Aberta.
- Rink, J. (1985). *Teaching physical education for learning*. St. Louis: Times Mosby College Publishing.
- Rink, J. (1993). *Teaching physical education for learning* (2nd ed.) St. Louis: Times Mosby College Publishing.
- Rodrigues, E. (2009). *Supervisão Pedagógica: Desenvolvimento da autonomia e da capacidade reflexiva dos estudantes estagiários*. Porto: Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Roldão, M. (2007). *O director de turma e gestão curricular*. Cadernos de Organização e Administração Educacional.
- Rosado, A & Ferreira, V. (2009). Promoção de ambientes positivos de aprendizagem. In A. Rosado (Ed.), *Pedagogia do Desporto* (pp. 185-207). Lisboa: Ed. FMH.

- Rosado, A & Mesquita, I. (2009). Melhorar a aprendizagem otimizando a instrução. In A. Rosado (Ed.), *Pedagogia do Desporto* (pp. 69-131). Lisboa: Ed. FMH.
- Rosenshine, B. (1978). *Academic learning time, content covered and direct instruction*. Boston: Journal of Education.
- Sarmiento, P. (Ed) (1993). *Pedagogia do desporto: Instrumentos de observação sistemática de educação física e desporto*. Lisboa: Ed. FMH- Universidade Técnica de Lisboa.
- Sereno, L. (2001). *A influência da família e da escola na prática de actividade física em crianças e adolescentes*. Monografia apresentada no âmbito da disciplina de seminário do 5º ano do curso de Desporto e Educação Física da Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física – UP.
- Sobral, F. (1991). Desporto Escolar e Desporto Federado – Um Falso Dilema. *Horizonte*, 41, 155-158.
- Vickers, J. (1989). *Instructional Design for Teaching Physical Activities*. Human Kinetics Books.

SÍNTESE FINAL

Síntese Final

O presente documento, Relatório de Estágio Profissional (EP), foi por mim realizado no âmbito do EP, Unidade Curricular do 2º Ano, do 2º Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. Este é apresentado sob a forma de uma reflexão, pois foi realizado com uma postura crítica e reflexiva, acerca das temáticas mais marcantes para mim, em cada uma das quatro áreas de desempenho: “Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem”, “Participação na Escola”, “Relações com a Comunidade” e “Desenvolvimento Profissional”.

O EP é essencial, pois a abrangência das funções que a docência nos proporciona, acentua ainda mais a necessidade de um contacto com a realidade profissional na nossa formação. Esta ideia é também defendida por Ponte et. al, pois a multiplicidade de saberes necessários para o bom desempenho da profissão, assim o exige (2000).

O EP surge na nossa formação como um local de excelência para podermos recrutar todos os nossos saberes e os colocarmos em prática. Esta ideia é corroborada pelo mesmo conjunto de autores pois, *“Para além da dimensão académica, a formação inicial tem necessariamente que contemplar uma componente que, sendo prática, é integradora de todos os saberes.”* (Ponte et al., 2000, p. 13). Desta forma, este deve ser encarado como a primeira etapa da nossa formação enquanto Professores. O desenvolvimento das competências profissionais e pedagógicas surge através do exercício profissional e deve ser considerado como um processo inacabado e contínuo.

A minha prática pedagógica aconteceu na Escola Secundária com 3º Ciclo Oliveira do Douro (ESOD), onde o meu Núcleo de Estágio era constituído por três elementos. Este foi um factor que se revelou fundamental para o meu desenvolvimento profissional. O facto de termos trabalho constantemente em conjunto, fez-nos potenciar as nossas competências, através de um processo reflexivo, individual e colectivo. Porém, não menos importante, foi o acompanhamento e orientação de todo este processo por parte do Professor Cooperante, professor na ESOD e do Orientador de Estágio, professor da Faculdade.

Parti para este enorme desafio, que se vislumbrava diante de mim, com a certeza de que se coloca-se todo o meu empenho e dedicação na realização do mesmo, iria conseguir “passar com distinção” mais esta etapa do meu desenvolvimento profissional.

Tendo sempre em mente as normas orientadoras do EP, propus-me aplicar todo o meu conhecimento, em busca de promover um ensino de qualidade. Para isso, seria importante desempenhar a minha função de uma forma crítica e reflexiva, para conseguir dar resposta a todas as dificuldades e obstáculos que iria encontrar. Ainda como objectivo, pretendia também

fomentar nos meus alunos, o gosto pela Educação Física, que é de facto a minha paixão. Foi com estes pressupostos em mente que parti para esta jornada de aprendizagem.

O ponto de partida da Realização da Prática Profissional foi sem dúvida a Concepção. Esta assumiu-se como fundamental para dar uma sequência lógica e fundamentada a todo o restante processo de ensino-aprendizagem, uma vez que este deve encontrar o seu ponto de partida na concepção e conteúdos dos programas e normas programáticas de ensino (Bento, 1987).

Porém, o processo de ensino deve ser encarado como um todo, e não como a soma de todas as partes, e nesse sentido, com a Concepção surgiu de seguida a tarefa de Planificação.

Esta pode ser considerada como o mediador entre a concepção e a realização, uma vez que é através deste planeamento que as indicações contidas nos programas são colocadas em prática, tendo em conta as condições pessoais, sociais, materiais e locais (Bento, 1987). Foi um trabalho moroso mas sem dúvida essencial, uma vez que influenciou toda a minha prática pedagógica, a realização.

Enquanto professor, na minha longa caminhada por este ano lectivo, vi-me na necessidade de ultrapassar muitas dificuldades e obstáculos com que me deparei. Contudo, fiz do meu percurso um processo de reflexão contínua, para conseguir responder de uma forma adequada às dificuldades impostas pelo processo de ensino-aprendizagem. Debruzei-me sobre cada uma delas, com o intuito de alcançar o sucesso pedagógico.

A nossa intervenção junto de cada aluno, sobretudo com Feedbacks específicos sobre a matéria de ensino são um dos factores que mais contribuem para os resultados efectivos da sua aprendizagem (Piéron & Piron, 1981). Neste sentido, esta foi uma das temáticas sobre as quais aprofundei conhecimentos, de forma a tentar melhorar a qualidade da minha intervenção.

Porém, não nos podemos esquecer que aliado à realização surge a avaliação. Esta emerge no processo de ensino-aprendizagem como uma das tarefas centrais do Professor (Bento, 2003), e também por isso de grande responsabilidade. Neste sentido, tentei dar resposta a questões como: o que avaliar? Como avaliar? Mais uma vez a reflexão foi uma companheira incansável na procura destas e outras respostas para os problemas.

A escola é o local onde decorre o EP, e a nossa integração no seio da mesma é fundamental para a nossa formação. Conhecer a sua estrutura e funcionamento, bem como actuarmos como parte integrante dela, dando o nosso contributo para o seu desenvolvimento é fulcral para que possamos aperfeiçoar as nossas competências profissionais. Assim sendo, a minha participação na escola, enquanto membro integrante da mesma foi fundamental, para o meu desenvolvimento enquanto professor.

A escola encontra-se situada num determinado local, com o qual estabelece um conjunto de sinergias. Assim, a relação entre a escola e o meio envolvente deverá contribuir de forma positiva para o desenvolvimento de ambos. Contudo, para que seja possível retirar dividendos desta ligação, é necessário que ambos possuam um conhecimento aprofundado das condições regionais e locais, e sobretudo, que este saber seja recíproco.

Assim, o meu papel do Professor é fundamental para, por um lado, dar a conhecer ao meio envolvente todo o trabalho que é realizado no interior da escola, e por outro lado, obter informações acerca deste mesmo meio. Só desta forma eu consegui recrutar todas as potencialidades nele existentes, de forma a potenciar o processo de ensino-aprendizagem dos meus alunos.

Não posso negar que o acto reflexivo contribui em grande medida para que eu conseguisse desenvolver as minhas competências enquanto Professor. No entanto, penso que o facto de ter tentado, de forma persistente e contínua, elevar o nível do conteúdo das mesmas, foi ainda mais determinante para o sucesso do meu “crescimento”.

Deste modo, o facto de ter sempre tentado alcançar um patamar mais elevado, no que à minha acção reflexiva diz respeito, fez-me perceber a importância e o impacto que as minhas decisões tiveram para o sucesso do processo de ensino-aprendizagem dos meus alunos. Assim, a postura reflexiva que eu adoptei, foi sempre no sentido de encontrar as melhores soluções e estratégias, de modo a potenciar os resultados da aprendizagem da minha turma.

Apesar de este espaço de tempo que medeia entre o início e o final do EP ter “requisitado” todo o meu empenho e dedicação, este foi com certeza um ano que nunca irei esquecer, quer como profissional, quer enquanto pessoa.

Este ano de EP deu-me uma enorme “bagagem” para o futuro que terei que enfrentar, sempre de cabeça erguida. Tenho a consciência que tudo fiz para me preparar o melhor possível para esta nova realidade, o mundo do trabalho, contudo a minha formação não termina por aqui. Um professor que deseja ser competente deve estar constantemente insatisfeito. Só assim poderá ser capaz de responder às dificuldades e obstáculos que a todo o momento surgem.

Desta forma, fui capaz de ir subindo, patamar a patamar, até que consegui alcançar um nível, onde assumi como essencial, o processo de reflexão como uma plataforma indispensável à minha evolução.

Concluindo, posso afirmar que o sentimento de dever cumprido se está a apoderar de mim no momento em que escrevo estas palavras. Sinto que consegui alcançar o que mais desejava, ser professor!

ANEXOS

Anexo 1

Ficha de Caracterização Individual do aluno

DADOS BIOGRÁFICOS/AGREGADO FAMILIAR

ALUNO

Nome:

Idade: _____ Naturalidade: _____ Telefone: _____

Morada: _____

_____ Código Postal: _____

MÃE

Nome:

Idade: _____

Habilitações Literárias: _____

Profissão Actual: _____

Morada:

PAI

Nome:

Idade: _____

Habilitações Literárias: _____

Profissão Actual: _____

Morada: _____

Encarregado de Educação: _____

Número de irmãos : 1 2 3 +3

Número de elementos que constituem o agregado familiar: _____

DADOS ANTROPOMÉTRICOS E DE SAÚDE

Peso: _____

Altura: _____

Problemas de Saúde: Sim ☐ Não ☐

Se sim, quais? _____

Hora habitual de deitar: _____

Horas de sono: _____

Número de refeições por dia: _____

Tomas banho depois da aula de E.F.? Sim ☐ Não ☐

Tens o hábito de comer antes das aulas de Educação Física? Sim ☐ Não ☐

Se sim, quanto tempo antes da aula? _____

Onde costumavas tomar o pequeno-almoço? Casa ☐ Bar da escola ☐ Outro: _____

SITUAÇÃO ESCOLAR NO ANO LECTIVO ANTERIOR

Escola frequentada: _____

Meio de Transporte utilizado: _____

Disciplina(s) que mais gostas (máx. 3): _____

Disciplina(s) que menos gostas (Max. 3): _____

Apoio Pedagógico: Sim ☐ Não ☐ A que disciplina(s)? _____

Reprovações: Sim ☐ Não ☐ Se sim, em que ano(s)? _____

EDUCAÇÃO FÍSICA

Classificação obtida no ano anterior: _____

Modalidade(s) preferida(s) (máx.2): _____

Modalidade(s) que menos gostas (máx.2): _____

Modalidade(s)/Actividade(s) desportivas Extra - Escola? Sim ☐ Não ☐
Se sim, qual (quais)? _____

Quais as características que o professor de E.F. deve ter para ser BOM professor:
(Assinala no máx. 3 características)

Amigo	
Comunicativo	
Divertido	
Ensinar bem	
Exigente	
Inteligente	
Organizado	
Promover o respeito	
Saber lidar com os alunos	
Simpático	
Outras	Quais?

OCUPAÇÃO DE TEMPOS LIVRES

Como ocupas os tempos livres?

Ajudar os pais	
Estudar	
Ir ao cinema	
Jogar computador	
Ler	
Ouvir música	
Passear	
Praticar desporto	
Ver TV	
Outras	Quais?

Local de ocupação dos tempos livres?

Centros de Estudo		
Casa		
Casa de amigos		
Escola		
Outros		Quais?

Que profissão gostarias de ter? _____

Tem algum ídolo ou herói desportivo? _____

Praticas desporto nos tempos livres? Sim ☐ Não ☐

Que modalidade (s)? _____

Em que clube? _____ **Há quanto tempo?** _____

Federado? _____

Já praticaste algum desporto, que entretanto tenhas abandonado? Sim ☐ Não ☐

Qual? _____ **Motivo do abandono:** _____

Anexo 2

Plano de Aula

Plano de Aula nº

UD:	Aula (s):	Data:	Hora:	Duração:
Ano/Turma:	Nº de Alunos:	Professor Estagiário:	Professor Cooperante:	
Local:	Material:			
Funções Didáticas: Aval				
Objectivos:				

	Tempo	Objectivo Específico	Descrição do Exercício/ Organização Metodológica	Componentes Críticas / “Palavras-Chave”	Esquema
Parte Inicial					
Parte Fundamental					
Parte Final					

Anexo 3

Projecto - “Atelier de Educação Física”

Projecto “Atelier de Educação Física”

Após nos termos deparado, no decorrer do 1º Período lectivo, com a realidade escolar e com as dificuldades demonstradas por alguns alunos, pensamos ser importante conceber uma actividade em que os alunos possam complementar o desenvolvimento das suas competências na disciplina de Educação Física.

Neste sentido, as **principais razões** que nos levaram a encarar este desafio foram:

- A inexistência de uma actividade focada nos alunos com dificuldades na Disciplina;
- Observarmos que existem alunos que demonstram enumeras dificuldades a nível coordenativo, mas que revelam vontade de “combater” e superar estas mesmas dificuldades;
- Observamos que alguns alunos têm uma composição corporal com valores exageradamente elevados, o que dificulta em grande escala o seu desempenho na disciplina;
- Horas dedicadas à disciplina serem claramente insuficientes para que nós Professores possamos ajudar estes alunos;
- Pensarmos que tentar incutir nos alunos o gosto pela prática desportiva e consequentemente, este adoptarem hábitos regulares de Actividade Física.

Posto isto, os **principais objectivos** desta actividade são:

- Ajudar os alunos com mais dificuldades para que estes possam obter um melhor desempenho nas aulas;
- Potenciarem as suas aptidões físicas (motoras, coordenativas, etc.);

- Ajudar os alunos com excesso de peso a reduzirem o seu IMC e a obterem uma melhor qualidade de vida
- Despertar a atenção dos alunos para a importância da adopção de um estilo de vida saudável.

Tendo nós a perfeita noção de que a população alvo desta actividade é algo abrangente, ou seja, alunos com dificuldades na disciplina e alunos com excesso de peso do **Ensino Básico**, o tipo de actividade que iremos desenvolver com cada um dos grupos será no sentido de responder às necessidades de cada um deles. Assim sendo, consoante o número de alunos de cada grupo, iremos dividir os professores por cada um deles.

HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO

Quarta-Feira à tarde entre as 13h30 e as 15h00

SELECÇÃO DOS ALUNOS PARA A ACTIVIDADE

Alunos com dificuldades: Por sugestão dos seus Professores da Disciplina.

Alunos com excesso de peso: Tendo em conta o seu IMC com base nos testes de Fitnessgram.

INTERACÇÃO COM OUTROS PROJECTOS

Tentar coordenar a nossa actividade com o PES, no sentido de aliar a Actividade Desportiva a uma Alimentação Saudável e assim contribuir para que os alunos adoptem um estilo de vida mais salutar.

Concluindo, e apesar de pensarmos que o mais importante é tentar que os alunos passem a gostar mais de praticar desporto e que este contribua para uma formação eclética, iremos realizar um controlo dos resultados a nível quantitativo através:

- Classificações obtidas pelos alunos em cada Período Lectivo;
- Resultados alcançados nos testes Fitnessgram.

Anexo 4

Convite aos Encarregados de Educação

Núcleo de Estágio de Educação Física da FADEUP



Exma. Sr. Encarregado de Educação

Os professores do Núcleo de Estágio nº1 de Educação Física da FADEUP, vêm por este meio convidá-lo a assistir ao Sarau Desportivo da Escola Secundária/3 de Oliveira do Douro, no dia 09 de Junho de 2011, entre as 21h e as 24h, no Pavilhão GimnoDesportivo da Escola.

Este evento será uma forma de mostrar a toda a Comunidade Escolar o trabalho efectuado com os alunos, na Disciplina de Educação Física e por isso gostaríamos muito que pudessem estar presentes.

Atenciosamente

Núcleo de Estágio de Educação Física da FADEUP